

SERLEI MARIA FISCHER RANZI

**ALEMÃES CATÓLICOS**  
**Um Estudo Comparativo de Famílias em Curitiba**  
**(1850-1919)**

Tese de Doutorado apresentada ao Curso  
de Pós-Graduação em História, Universi-  
dade Federal do Paraná.

Orientador: Professor Sérgio Odilon Nadalin

CURITIBA  
1996

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Doutor Sérgio Odilon Nadalin, pela orientação, e pelo material fornecido, fruto de sua longa trajetória na pesquisa sobre alemães e descendentes em Curitiba.

À Professora Arlene Anélia Renk, pela leitura atenta e fundamentada de grande parte desta tese, como também pelo incentivo e diálogo constantes.

Ao Professor Jayme Antônio Cardoso, pelo apoio e presença constantes em minha vida profissional.

À Maclóvia Correia da Silva e Denise Mohr, pelo apoio na ampliação do período pesquisado, como também pelo socorro regular quando delas necessitei.

Ao Professor José Francisco Coelho, pelas leituras e sugestões ao longo do trabalho.

Aos Professores Marco Aurélio M. Pereira e Maria Luíza Andreazza, por termos compartilhado as dificuldades iniciais no trabalho pioneiro de utilização do *software SYGAP* no Brasil.

À Roseli Fischer Lopes e Dailey Fischer, pela cuidadosa “introdução” dos dados sobre as famílias alemãs católicas e descendentes no *software SYGAP*.

Ao Laércio dos Santos Machado Filho, pelos programas desenvolvidos e por ter possibilitado a adaptação do *software* aos dados brasileiros.

À Professora Cleusa Damo Rancy, que muito me auxiliou, mostrando-me a importância

do incentivo e do esforço conjugado.

A Marise Manoel , pela cuidadosa revisão dos originais.

Ao Gilberto Takimura, pela paciência na organização das tabelas e gráficos, tão necessários a esse trabalho.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro.

Ao Departamento de Pós-Graduação em História, pela compreensão demonstrada em relação às várias fases de trabalho, necessárias à elaboração e execução desta tese.

Aos meus colegas do Departamento de Métodos e Técnicas da Educação, pelo apoio imprescindível à conclusão do trabalho.

Ao Leosergio Ranzi, pelo esforço concentrado para que este trabalho pudesse efetivamente se concretizar.

Aos integrantes da Banca Prévia, Professora Ana Maria Burmester, Professor Euclides Marchi e Ronald Raminelli, pelas importantes sugestões.

***Para Leosergio, Caetano e Eduardo***

# SUMÁRIO

<b>LISTA DE QUADROS .....</b>	<b>vi</b>
<b>LISTA DE GRÁFICOS .....</b>	<b>viii</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1 DELIMITAÇÃO DO GRUPO .....	5
1.2 RELIGIÃO E GERMANIDADE .....	9
<b>2 OS MÉTODOS E AS TÉCNICAS.....</b>	<b>24</b>
2.1 OS (DES)CAMINHOS DA PESQUISA .....	27
2.1.1 Análise das fontes.....	29
2.2 ETAPAS DA RECONSTITUIÇÃO DE FAMÍLIAS .....	37
<b>3 O IMIGRANTE ALEMÃO E SEUS DESCENDENTES EM CURITIBA .....</b>	<b>49</b>
3.1 O SÉCULO XIX E A EMIGRAÇÃO.....	50
3.2 CURITIBA: CENÁRIO DA REMIGRAÇÃO .....	56
<b>4 CASAMENTO, ILEGITIMIDADE E FECUNDIDADE .....</b>	<b>68</b>
4.1 CASAMENTO E ILEGITIMIDADE .....	71
4.1.1 Sazonalidade: flutuações de uma prática .....	88
4.2 FECUNDIDADE E FAMÍLIA.....	110
4.2.1 Constituição da Família .....	117
<b>5 CONTATOS INTER-RELIGIOSOS .....</b>	<b>144</b>
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>182</b>
<b>ANEXO - FECUNDIDADE.....</b>	<b>189</b>
<b>ANEXO - NUPCIALIDADE .....</b>	<b>210</b>
<b>ANEXO - MORTALIDADE .....</b>	<b>224</b>
<b>ANEXO - LISTA DE VARIAÇÃO DOS SOBRENOMES ALEMÃES.....</b>	<b>232</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>248</b>

## LISTA DE QUADROS

1	CLASSIFICAÇÃO DAS FICHAS DE FAMÍLIAS - MOMENTO I .....	42
2	CLASSIFICAÇÃO DAS FICHAS DE FAMÍLIAS - MOMENTO II .....	42
3	CLASSIFICAÇÃO DAS FICHAS DE FAMÍLIAS - MOMENTO III .....	42
4	TIPOLOGIA DAS FAMÍLIAS .....	45
5	ESTATÍSTICAS GERAIS DOS REGISTROS .....	47
6	POPULAÇÃO DE CURITIBA ENTRE 1854 - 1890 .....	62
7	IDADE MÉDIA DOS CÔNJUGES AO CASAR .....	75
8	IDADE COMBINADA DOS CÔNJUGES AO CASAR .....	78
9	CASAMENTOS INTRA E INTERÉTNICOS - CATÓLICOS .....	81
10	CASAMENTOS INTRA E INTERÉTNICOS - LUTERANOS .....	82
11	ORIGEM COMBINADA DOS NOIVOS .....	85
12	ORIGEM DOS NOIVOS .....	87
13	DISTRIBUIÇÃO SEMANAL DE CASAMENTOS .....	92
14	ESTADO MATRIMONIAL DOS CÔNJUGES .....	98
15	TAXA DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA CORRIGIDA POR GRUPO DE IDADES .....	112
16	FECUNDIDADE DE MULHERES .....	115
17	NÚMERO MÉDIO DE FILHOS DAS FAMÍLIAS, SEGUNDO A IDADE AO CASAR DA MULHER .....	119
18	DESCENDÊNCIA COMPLETA .....	120
19	IDADE MÉDIA DA MÃE AO ÚLTIMO NASCIMENTO .....	122
20	DURAÇÃO DA UNIÃO .....	125
21	DURAÇÃO FECUNDA DA MULHER A PARTIR DO CASAMENTO .....	125
22	INTERVALOS PROTOGENÉSICOS .....	127
23	PRIMEIRO INTERVALO INTERGENÉSICO .....	128
24	PRIMEIROS E ÚLTIMOS INTERVALOS SUCESSIVOS - CATÓLICOS .....	130
25	PRIMEIROS E ÚLTIMOS INTERVALOS SUCESSIVOS - LUTERANOS .....	130
26	INTERVALOS ENTRE OS NASCIMENTOS RECENSEADOS .....	132
27	FREQÜÊNCIA DECENAL DE CASAIS COM RELAÇÃO INTER-RELIGIOSA - CASAMENTO IGREJA CATÓLICA .....	147
28	FREQÜÊNCIA DECENAL DE CASAIS COM RELAÇÃO INTER-RELIGIOSA - CASAMENTO FORA DE CURITIBA .....	148

29	FREQÜÊNCIA DECENAL DE CASAIS COM RELAÇÃO INTER-RELIGIOSA - CASAMENTO IGREJA LUTERANA .....	148
30	FREQÜÊNCIA DECENAL DE CASAIS COM RELAÇÃO INTER-RELIGIOSA - CASAMENTO IGREJA CATÓLICA - TIPO DE CONTATO .....	158
31	CASAMENTOS INTER-RELIGIOSOS.....	161
32	FREQÜÊNCIA DECENAL DE CASAIS COM RELAÇÃO INTER-RELIGIOSA - CASAMENTO IGREJA LUTERANA - TIPO DE CONTATO.....	163
33	FREQÜÊNCIA DECENAL DE CASAIS COM RELAÇÃO INTER-RELIGIOSA - CASAMENTO FORA DE CURITIBA - TIPO DE CONTATO .....	166

## LISTA DE GRÁFICOS

1	CASAMENTOS INTRA E INTERÉTNICOS - ALEMÃES CATÓLICOS .....	81
2	CASAMENTOS INTRA E INTERÉTNICOS - ALEMÃES LUTERANOS .....	82
3	MOVIMENTO MENSAL DE CASAMENTOS .....	89
4	MOVIMENTO MENSAL DE CONCEPÇÕES E DE NASCIMENTOS .....	94
5	MOVIMENTO MENSAL DE CONCEPÇÕES E DE NASCIMENTOS - PRIMEIROS NASCIMENTOS .....	94
6	MOVIMENTO MENSAL DE CONCEPÇÕES E DE NASCIMENTOS - OUTROS NASCIMENTOS .....	94
7	TAXA DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA CORRIGIDA POR GRUPO DE IDADES .....	112
8	TAXA DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA CORRIGIDA POR GRUPO DE IDADES, SEGUNDO A IDADE AO CASAR DA MULHER (1850 - 1894) .....	116
9	TAXA DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA CORRIGIDA POR GRUPO DE IDADES, SEGUNDO A IDADE AO CASAR DA MULHER (1895 - 1919) .....	116



# 1 INTRODUÇÃO

*A família é o lugar donde se procura desesperadamente fugir e o lugar onde nostalgicamente se procura refúgio. (POSTER, 1979).*

Recentemente, estudos de família desenvolvidos nas mais diversas áreas da ciência dão mostras da importância do seu contexto na compreensão de processos mais amplos de mudança histórica. Ao longo dos últimos vinte anos, a história da família constituiu um dos principais domínios na evolução da história social. Os trabalhos têm-se distinguido por abordagens diferenciadas que demonstram a controvérsia que uma temática tão recente já despertou.<sup>1</sup> Várias leituras dos mesmos documentos têm frutificado as discussões em torno do tema. Os estudiosos têm procurado identificar e compreender a diversidade dos problemas que a envolvem nessa história.

Discutir e pensar a família no Brasil, por sua vez, têm merecido o envolvimento de muitos especialistas,<sup>2</sup> que somam esforços na busca de novas perspectivas para o entendimento da sociedade brasileira do passado. Tem contribuído decididamente para isso uma impressionante tolerância mútua entre pesquisadores de orientações diversas, embora a interdisciplinaridade necessária nos vários campos do conhecimento se encontre ainda tímida.

---

<sup>1</sup> Alguns exemplos de estudos de famílias que se destacam e que confirmam essa variação podem ser referenciados: Petter Laslett, *Household and family in past time* (1972); Lawrence Stone, *Família, sexo y matrimonio en Inglaterra-1500-1800* (1989); J.L. Flandrin, *Família, parentesco, casa, sexualidade na sociedade antiga* (1992); Philippe Ariés, *História social da criança e da família* (1981); E. Shorter, *Naissance de la famille moderne: XVIII/XX siècle*, (1975); Jack Goody, *The development of the family and marriage in Europe* (1983).

<sup>2</sup> No caso brasileiro, destacam-se os trabalhos pioneiros de Gilberto Freyre, *Casa grande e senzala* (1933); Oliveira Vianna, *A evolução do povo brasileiro* (1933); Antonio Cândido, *The Brazilian family* (1951); e, a partir da década de 70, com a influência da Demografia Histórica, pode-se referenciar estudos como os de Maria Luiza Marcílio, *A cidade de São Paulo* (1974); Iraci Del Nero Costa, *A estrutura familiar e domiciliar em Vila Rica no alvorecer do século XIX* (1977); Maria Beatriz Nizza da Silva, *Sistema de casamento no Brasil colonial* (1984); Eni Mesquita Samara, *A família na sociedade paulista do século XIX* (1979); Maria Odila Silva Dias, *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX* (1984).

As discussões em torno do que se entende por família no Brasil e de como ela deve ser analisada em nível retrospectivo remetem à preocupação já expressa por MESQUITA (1987, p. 126) sobre a necessidade de revisão de uma concepção genérica e insuficiente para abarcar a sua complexidade social. Deve-se reconhecer a pluralidade do caso brasileiro e considerá-la nas suas diferentes organizações em função do tempo, do espaço e dos grupos sociais.

Numa abordagem mais localizada e mais próxima da qual me proponho a desenvolver, podemos citar alguns trabalhos que, pelo seu pioneirismo e pela sua importância em nível local, representam os estudos de família no Paraná: BALHANA, 1977; VALLE, 1978; NADALIN, 1979; BURMESTER, 1981.<sup>3</sup> Esses estudos sofreram uma forte influência da História Demográfica francesa, principalmente do método de reconstituição de famílias de FLEURY; HENRY, 1965.

No Paraná, os trabalhos envolvendo uma análise demográfica centram-se nos diferentes grupos étnicos que passaram a fazer parte da realidade paranaense a partir do século XIX, e tiveram o mérito de cobrir um leque diferenciado de fontes primárias. Nesse sentido, a pesquisa ora proposta vem contribuir para ampliar essa análise, na medida em que viabiliza uma perspectiva comparativa entre as famílias de outros grupos étnicos, reconstituídas no mesmo período e numa mesma espacialidade.

Este trabalho representa uma continuidade em investimento anterior (RANZI, 1983), no qual se analisou o grupo alemão católico e seus descendentes,

---

<sup>3</sup> Esses estudos de família sob orientação demográfica procuram estudá-la principalmente enquanto imagem da fecundidade dos casais, ou seja, unidade conjugal e sua prole.

reconstituído a partir de dados contidos nos livros de batismo, casamento e óbito do Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Luz de Curitiba. Naquele trabalho, efetuou-se uma análise, no âmbito da Demografia Histórica, visando definir esse grupo com base na exploração sumária dos dados disponíveis e verificar certas tendências demográficas. Portanto, o estudo partiu da viabilização da interdisciplinaridade da História e da Demografia, possibilitando, nessa ação conjunta, mensurar o comportamento do grupo, bem como apreender alguns mecanismos de identificação na **cultura de contato**.

O objetivo central desse trabalho é o estudo de famílias alemãs, identificadas a partir dos registros de catolicidade e analisadas à luz do método de reconstituição de famílias. Pretendo verificar também, algumas práticas que permitem apontar diferenças e semelhanças em relação ao grupo alemão-luterano e, de que forma a reconstituição de famílias possibilita apreender como os padrões de comportamento normativos são acionados pelos alemães, levando em consideração sua religião. Além disso, detectar em que momento e em que aspectos a clivagem religiosa é posta em ação e desempenha um papel delimitador de fronteiras entre católicos e luteranos.

Estudar os alemães e seus descendentes diferenciados religiosamente mostra, em algumas situações, que critério preponderava nas relações do grupo alemão em Curitiba e, qual o papel da religião e de suas normas na construção das fronteiras étnicas. Acredito que não baste considerar o grupo alemão somente enquanto grupo étnico, na medida em que o credo, estando vinculado ao **Deustchtum**<sup>4</sup>, como foi o caso

---

<sup>4</sup> Com **Deustchtum**, ou germanidade, trabalho na perspectiva adotada por Seyferth (1981, p.6), que se vale de Grillo: "Tudo o que pode ser classificado como étnico, ou seja, uma classificação ou ordenamento

da religião luterana<sup>5</sup>, pode determinar padrões de comportamento e atitudes diversificadas frente à vida, dependendo da importância atribuída pela sociedade à religião e a seus dogmas.

Faz parte das minhas preocupações ainda, observar como os alemães se relacionam com a sociedade majoritária enquanto grupo étnico, dividido confessionalmente, pois, a fração alemã católica teria, aparentemente, maior possibilidade de se relacionar com a sociedade envolvente.

A idéia de estudar os alemães católicos, população-alvo da dissertação de mestrado, teve por estímulo um estudo já elaborado sobre os alemães luteranos<sup>6</sup> (NADALIN, 1974,1978), em que se consideraram o mesmo espaço geográfico e a mesma temporalidade.

## 1.1. DELIMITAÇÃO DO GRUPO

Eleger o grupo alemão católico e seus descendentes objeto de tese implica retomar, em parte, os critérios utilizados para identificar esses teuto-brasileiros em Curitiba. Para reconstituir o grupo, foi escolhida uma paróquia que pudesse contar

---

do mundo humano, ou conjunto de categorias definidas por referências a uma idéia de origem, ancestralidade e herança cultural". (GRILLO, 1974, p.159/160).

<sup>5</sup> Os seguidores da Igreja Luterana identificam-se também enquanto evangélicos e ou protestantes. Por parte dos católicos, podem receber as designações luteranos, evangélicos ou protestantes, indistintamente.

<sup>6</sup> É importante ressaltar que na trajetória de Nadalin constam inúmeros investimentos na temática citada, além das teses mencionadas. Esse autor tem considerável acumulação de trabalhos acadêmicos, ampliando a discussão dessa temática, bem como a utilização dos resultados que a Demografia Histórica tem proporcionado à História Social. Entre outros méritos está o de despertar a necessidade de estudar os alemães diferenciando-os religiosamente.

com uma parcela significativa dessa população. Os registros da Paróquia Nossa Senhora da Luz, Catedral de Curitiba, foram objeto de análise, por ser esta, até 1935, a única paróquia oficialmente constituída em Curitiba, cabendo a ela a guarda e o arquivo dos registros efetuados nas capelas então existentes.

Sendo os teuto-brasileiros um grupo minoritário nos registros da referida paróquia, fez-se necessária a adoção de critérios definidos *a priori* para distingui-los dos demais grupos étnicos. Assim, a população de teuto-brasileiros foi caracterizada por um critério étnico-lingüístico, isto é, o grupo alemão católico foi identificado pelo sobrenome, que revelava sua origem germânica, e pela naturalidade, quando essa informação constava nos registros de batismos, casamentos e óbitos.

Identificar os alemães e descendentes, quando não constava nos registros a naturalidade, foi um procedimento que envolveu uma ampla pesquisa. Após a conclusão da dissertação de mestrado e deste trabalho de reconstituição de famílias, é possível afirmar que os critérios utilizados e as precauções adotadas para distinguir os alemães e descendentes permitiram trabalhar com uma pequena margem de erro envolvendo famílias que, na verdade, não eram de descendentes de alemães.

A grande maioria dos trabalhos com grupos étnicos refere-se a comunidades com localização específica, como, por exemplo, os italianos de Santa Felicidade, ou agrupadas em torno de uma comunidade religiosa, como os luteranos em Curitiba. Este trabalho foge, de certa forma, a esses modelos, na medida em que a reconstituição do grupo é feita onomasticamente dentro de uma comunidade religiosa que agrega várias etnias.

Quando falo em grupo alemão católico, refiro-me àqueles vindos diretamente da Europa Germanizada,<sup>7</sup> aos procedentes de outras regiões do Brasil (principalmente de Santa Catarina), ou do interior do Paraná. Incluo igualmente os descendentes nascidos nas diversas regiões do país e em Curitiba. Há uma heterogeneidade de deslocamentos, confluindo espacialmente a Curitiba e arredores. São indivíduos agrupados independentemente de seu nível sócio-econômico, podendo-se encontrar no grupo pequenos proprietários vivendo nas cercanias da cidade, operários, pequenos industriais, comerciantes e profissionais liberais.<sup>8</sup>

O grupo alemão se estabeleceu em um espaço geográfico de ampla convivência com outros grupos étnicos, pois Curitiba recebeu, no período estudado, um afluxo muito grande de imigrantes europeus. Os diversos grupos fixaram-se, no início da colonização, em áreas demarcadas, dando origem à formação urbana de Curitiba. Em tal contexto, os contatos foram acontecendo e, conseqüentemente, os sinais de distintividade foram reduzindo, fazendo com que a interação com outros grupos em presença desse uma característica peculiar ao grupo alemão constituído em um centro urbano, tornando-o diferente daqueles estabelecidos em colônias.

Conforme a época em que foram chegando, os alemães instalaram-se tanto na zona urbana como nos arredores de Curitiba, sem formar efetivamente uma

---

<sup>7</sup> A identificação dos alemães e descendentes foi feita levando-se em consideração a origem, quando este dado constou nos registros; no entanto, houve a preocupação em verificar também o sobrenome dos indivíduos para o possível confronto, pois muitos alemães que vieram para o Brasil aqui chegaram como austríacos, poloneses, russos, húngaros, suíços. etc.

<sup>8</sup> O ALMANACH PARANAENSE, ano 2, 1897, oferece pistas para identificar as profissões de muitos dos indivíduos pertencentes ao grupo aqui estudado, pois nele constam listas de nomes das pessoas e suas ocupações em Curitiba.

colônia exclusivamente de indivíduos de origem alemã. Dessa forma, os teutos e seus descendentes encontravam-se espalhados na vasta área que era ou seria domínio da cidade, exercendo atividades urbanas<sup>9</sup> e agrícolas. (RANZI, 1983, p.185).

Nesta tese, trabalho grupo étnico concentrando-me naquilo que Barth, (1969, p.10-11) considera como ponto focal do conceito: um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como constituinte de uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem. Barth reforça esse conceito ao afirmar que podemos ver os grupos étnicos como uma forma de organização social, na medida em que os agentes se valem da identidade étnica para classificar a si próprios e aos outros para propósitos de interação.

Dessa forma, a afirmação de "nós" diante dos "outros" é uma identidade que surge por oposição: é o que CARDOSO DE OLIVEIRA (1976, p.5) chama de "identidade contrastiva", que se constitui na essência da identidade étnica. Tal conceituação é pertinente, pois, neste trabalho, ao avaliar **padrões de comportamento normativo**<sup>10</sup> do grupo alemão católico, poderei verificar se a identidade social - entendida como forma de representação coletiva - é mantida, modificada ou remodelada pelas relações sociais.

---

<sup>9</sup> No caso de Curitiba, a proporção de empresas registradas na Junta Comercial do Paraná entre 1890 e 1929 é de 32% de descendentes de alemães contra 17,2 % de origem italiana; o restante era pertencente a empresários de origem luso-brasileira. (BALHANA, 1986, p.272).

<sup>10</sup> Padrões de comportamento normativo devem ser entendidos como formações simbólicas e atividades encontradas em contextos como parentesco e casamento, amizades, ritual e outros tipos de cerimonial. (COHEN, 1974, p.11).



Neste caso, interessará o componente étnico da identidade social, ou seja, a etnicidade do grupo, mesmo porque a identidade étnica é vista pela grande maioria dos autores como sendo um caso particular da identidade social. A apreensão desses mecanismos é fundamental, porque eles refletem a identidade em processo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p.36), como é assumida por indivíduos e grupos em diferentes situações concretas. A investigação desse processo levará a diferentes formas de identificação empiricamente dadas, de modo a permitir o conhecimento da emergência da identidade étnica.

O que orienta o desenvolvimento das relações interétnicas é a situação de contato entre pessoas de grupos étnicos diversos, tendendo essa relação a se exprimir como um sistema de oposição ou contrastes. O material analisado permite avaliar não só mudanças no padrão de comportamento normativo dos alemães católicos, como também a permanência, nesse comportamento, de uma consciência étnica.

## 1.2. RELIGIÃO E GERMANIDADE

Por que analisar os alemães religiosamente diferenciados? O papel da religião na conservação da etnicidade tem merecido alguns estudos - (WILLEMS, 1980), (ALBERSCHEIM, 1962), (ROCHE, 1969), (BERGER, 1974), (WACHOWICZ, 1976), (SEYFERTH, 1986) - que tratam comparativamente do papel que ela teria desempenhado para as várias etnias, ou, no caso específico dos alemães, da influência que a religião teria exercido no processo de identificação étnica.

BERGER é enfático ao afirmar que para os "adeptos das igrejas evangélicas luteranas a religião não só foi o elemento mais importante na conservação da cultura, mas [...] representou até certo ponto uma barreira no processo de aculturação". (1974, p.521). "Não a religião em si [...] mas a ideologia da impossibilidade de separar a igreja da origem étnica é que representou um obstáculo". O artigo foi elaborado para verificar a função desempenhada pela Igreja no processo de aculturação dos teuto-brasileiros. Todavia, salvo algumas citações esporádicas, BERGER trata quase que exclusivamente da religião evangélica luterana, considerada por ele e pela grande maioria dos autores que se referem ao papel da Igreja nesse processo como sendo a que mais contribuiu para reforçar o **Deutschtum** e, conseqüentemente, a etnicidade do grupo alemão.

Embora BERGER trate dessa questão com a preocupação no processo de aculturação, o que interessa aqui é mostrar que ele também coloca a religião, principalmente para os luteranos, como identificadora de uma consciência étnica. O seguinte fragmento da tese de SEYFERTH (1981, p.146) ilustra bem a discussão: "os protestantes são quase sempre considerados muito fechados na sua comunidade e, com certo ressentimento, é afirmado pela maioria dos católicos que 'eles querem ser mais alemães do que nós', quando a origem étnica e a preservação da língua<sup>11</sup> e dos costumes

---

<sup>11</sup> A manutenção, pelo menos no lar, da língua alemã é elucidativa. Uma pesquisa realizada com base nos censos de 1940 mostra que, mesmo nesse período já tão afastado do início da imigração alemã para o Brasil, é entre os brasileiros natos (ou descendentes de alemães) que se encontra a maior porcentagem de uma língua estrangeira falada no lar, neste caso a alemã. No total das pessoas que falam no lar uma língua estrangeira, a porcentagem das que falam o alemão é de 42,27%. "Em relação às línguas alemã e italiana - ambas de início de imigração muito antigo, tendo, portanto, já desaparecido grande parte dos primitivos imigrados dessas línguas - nota-se maior tendência para a conservação da primeira do que da segunda, apesar da maior importância numérica da imigração italiana, tendência essa evidenciada não só pela menor proporção de estrangeiros dessa nacionalidade que guardam a língua materna, mas

alemães é a mesma para ambos, católicos e protestantes". São os próprios alemães que avaliam a sua germanidade em função daquilo que conservam e consideram como identificador da etnia. Nas observações feitas pela autora, o antagonismo no Vale do Itajaí entre teuto-brasileiros católicos e protestantes transcende, de certa forma, a questão étnica.

Essa caracterização, que os alemães e seus descendentes fazem de si mesmos, mostra como a "construção da identidade étnica extrai da chamada tradição elementos culturais que, sob a aparência de serem idênticos a si mesmos, ocultam o fato essencial de que, fora do todo em que foram criados, seu sentido se alterou". (CUNHA 1979, p.35-39). A etnicidade faz da tradição um mito, na medida em que os elementos culturais se tornaram "outros" pelo rearranjo e pela simplificação a que foram submetidos.<sup>12</sup> Às vezes, sem perceber isso, ambos, católicos e protestantes, disputam a maior semelhança com o contexto original de seus antepassados. O que se manifesta

---

principalmente pela menor proporção de brasileiros natos - descendentes de italianos - que continuam falando a língua de seus ancestrais no lar". (FIGUEIREDO, 1962, p.1922).

<sup>12</sup>"O colono no Brasil adquire uma mentalidade mais ampla, oriunda de sua vida no seio de uma grande natureza, a sua visão se alarga, e ele se liberta completamente de todos os preconceitos de profissão ou de casta, os seus olhos admiram a beleza do país e em pouco tempo aprende a amar a sua nova pátria. tanto ele quanto os seus filhos transformam-se em pouco tempo de "teutos" e "teuto-brasileiros" em bons brasileiros. Mas, no seu íntimo, ele guarda uma alma alemã, não abandonando a sua língua e os seus velhos costumes, conservando com fidelidade os cantos alemães, festejando o dia de Natal, lembrando-se da sua velha pátria, e respeitando, enfim, as festas da Páscoa e outras comemorações alemãs com maior profundidade do que se ainda estivesse em seu país. Muito colono no Brasil transforma-se num cidadão alemão muito melhor do que o era antes de emigrar: [...] Também os filhos ainda guardam a herança do espírito alemão, pois em tudo eles são os herdeiros dos seus pais, visto que simples mudanças geográficas não anulam as características raciais, determinadas pela língua e pelas tradições de família. [...] Depois de adquirir recurso, começa a sentir saudade de sua velha pátria, sonhando com os lugares da sua infância a sua fantasia representa tudo mais belo que a própria realidade. Viaja para a Alemanha e visita a sua cidade natal, mas, oh! desapontamento -- não mais encontra o que deixara, na sua adolescência, os parentes e amigos morreram ou emigraram, e ele se sente então um estranho no seio do seu próprio povo, que não mais reconhece, e, voltando para o Brasil, decide a viver definitivamente, daí por diante, no país do seus filhos". ( NYEMAYER, 1926, p.138P *Apud* MARTINS: 1955, p.213).

claramente para os alemães luteranos é que eles têm como um aspecto diferenciador a religião que, por sua vez, escolhe a etnicidade como um dos veículos de resistência e legitimidade do grupo.

Sendo assim, os alemães luteranos procuraram difundir entre o seu grupo a idéia de que a sua autoconsciência étnica era mais forte e legítima que a dos alemães católicos, pois - além de se contrapor à sociedade majoritária por uma série de traços de distintividade - eles contavam com a religião e todos os seus componentes básicos (língua litúrgica, hinos, sermão e livros) como elementos mantenedores da etnia.

A necessidade de se estudar os alemães separadamente, distinguindo-os em católicos e protestantes, é uma sugestão de WILLEMS (1980, p.463), pois ele também acreditava que a religião luterana fazia com que o grupo alemão se diferenciasse e chegasse a formar um subgrupo com ligações mais fortes na preservação do **Deutschtum**. SEYFERTH (1981, p.146-7) confirma em seu trabalho a existência de subgrupos católicos e luteranos na comunidade “alemã,” separados religiosamente, mas não etnicamente. Observa uma diferença entre as duas religiões no tratamento e importância dados à conservação da germanidade: para os luteranos, a religião e o grupo étnico se confundem, enquanto para os católicos vem em primeiro lugar a religião, o que não impede, no entanto, a manutenção dos ideais de seu grupo étnico.

Para os alemães católicos em Curitiba, a manutenção da língua alemã nas igrejas nem sempre se verificou, pois a Igreja Católica, ao contrário do que ocorria com a religião luterana, em geral não mantinha a função oficial de preservação do patrimônio e interesse étnico-cultural. É certo, porém, que havia por parte da Igreja

Católica em Curitiba uma preocupação em atender às etnias de forma especial, de tal modo que a primeira iniciativa de fundar no local uma comunidade católica partiu da própria Igreja. Essa iniciativa não ficou restrita aos alemães: a Igreja Católica em Curitiba, até onde foi necessário para a preservação auto-religiosa, manteve a fé e a nacionalidade ligadas através da religião. O mesmo aconteceu com os poloneses, os italianos e, mais recentemente, com os japoneses e os coreanos.

Para o caso específico dos alemães, a primeira iniciativa nesse sentido deu-se em 1895, com a vinda do Pe. Franz Aulich, de Santa Catarina, especialmente convidado para esse fim. A Capela Nossa Senhora do Rosário foi cedida à comunidade alemã e lhe serviu de sede até 1897. A partir dessa data, a capela foi transferida para a Igreja da Ordem Terceira, que passou a ser o centro da vida espiritual para os imigrantes alemães. Esse templo (FEDALTO, 1958, p.153) serviu aos alemães até 1937, quando, por instigação de alguns **nacionalistas**, deixou de servir. Essa atitude dos nacionalistas foi acompanhada do Decreto-Lei de 07.12.1938, que proibiu o uso da língua estrangeira em todo o território nacional. A restrição atingiu também o trabalho pastoral, pois ficavam proibidos os sermões em alemão ou italiano, além do uso dessas línguas em público, sob pena de prisão, o que trouxe problemas diversos e até mesmo revolta entre os imigrantes. O cumprimento da lei foi exigido pela alta hierarquia eclesiástica, mas na prática muitos vigários continuaram o trabalho utilizando-se, sempre que necessário, do alemão ou do italiano. (BEOZZO, 1984, p.326).

Ainda segundo NYEMAYER ([19--], p.25-128), a Capela da Ordem, no que se refere à sua conservação - que sempre foi feita com fundos arrecadados pelos associados -, ficou sob o encargo da comuna alemã desde 1897. De posse dessas

informações, era de se esperar que a capela concentrasse grande número de batizados de descendentes de alemães. O que se observa, contudo, é justamente o contrário. Uma explicação plausível para a ausência de registros é que grande parte dos batizados encontrados como pertencentes à Catedral pudessem ser, na verdade, registros de batismos efetuados na Capela da Ordem.

Outra comunidade do grupo alemão se formou na Capela do Bom Jesus, a partir de 1901 (FEDALTO, 1958, p.180), e essa afirmativa se comprova. Ali foram registrados, desde 1902, descendentes de alemães. Os registros de alemães aumentam no decorrer dos anos, chegando a suplantarem em número os da Catedral nos últimos anos considerados pela pesquisa.

Até agora foram mencionadas comunidades tradicionalmente vinculadas aos alemães. No entanto, ao levantar o número de seus descendentes registrados em todas as capelas de abrangência da Catedral, outras também evidenciaram uma preferência do grupo alemão, principalmente a partir do século XX. Dentre elas destacam-se a Capela do Seminário e a do Sagrado Coração de Maria. Ao todo são 49 capelas que continham registros de descendentes de alemães, perfazendo 38% dos registros de alemães existentes na Catedral. Os outros 62% de alemães e descendentes preferiram a própria Catedral para formalizar os rituais católicos. Mais de 50% dos registros efetuados nas capelas eram feitos na do Bom Jesus.

Não obstante a preocupação da Igreja Católica em atender ao grupo de fiéis alemães de forma distinta, realizando prédicas em língua alemã nas igrejas da Ordem e de Bom Jesus, esse grupo não formou comunidade similar à dos alemães

luteranos. Mesmo assim, a Igreja Católica desempenhou nesse período um papel importante na manutenção do **Deutschtum**, uma vez que ela mantinha os alemães católicos ligados a uma comunidade pela utilização da língua materna. A questão da língua é elucidativa: sendo um sistema simbólico que organiza a percepção do mundo de um povo, e sendo um diferenciador por excelência (CUNHA, M. 1979, p.36), é também considerada um dos principais veículos de manutenção do **Deutschtum**.

No entanto, esse papel integrador da Igreja foi restrito ao grupo que pertencia à Igreja da Ordem, à de Nossa Senhora do Rosário e à do Bom Jesus. Como os registros de grande parte da população estudada se concentram na Catedral, deduz-se que a maioria do grupo alemão católico não buscava na Igreja esse papel, pois a Catedral, com certeza, não se preocupava com os alemães de maneira diferenciada, mesmo porque agregava elementos étnicos heterogêneos<sup>13</sup>.

Isso não quer dizer que os alemães católicos e seus descendentes não tivessem interesse em identificar-se etnicamente, o que poderia ser feito agrupando-se em sociedades teutas ou freqüentando escolas alemãs, entidades criadas em Curitiba com o objetivo maior de atender à comunidade alemã. Sob todos os aspectos - afirma SEYFERTH (1981, p.147) referindo-se ao Vale do Itajaí -, prevaleceu para os alemães católicos o ideal religioso, mas de modo algum se pode afirmar que o **Deutschtum** fosse ignorado por eles. Manter a fé e a nacionalidade também foi a norma dos teuto-

---

<sup>13</sup> A forte ligação dos alemães e seus descendentes com a Catedral de Curitiba é mencionada no Album do Centenário da Imigração Alemã, quando o seu organizador (NYEMAYER, [19--], p.25-128) trata da construção da Catedral destacando o fato de ela ter sido edificada por grande número de obreiros alemães (protestantes e católicos) e, por contar também, mais tarde, com uma assiduidade muito grande dos católicos de origem germânica.

brasileiros católicos, e a língua alemã era considerada o principal veículo dessa manutenção. O mesmo se pode afirmar do comportamento do grupo alemão de Curitiba, pela relevância com que é tratada a sua religiosidade e pela preocupação em criar instituições que preservassem o uso da língua alemã e, como no caso dos colégios, que tivessem uma orientação católica.

Cabe, no caso dos alemães, destacar, e muitas vezes isso já foi detectado (NYEMAYER, [19--]; AULICH, 1953; NADALIN, 1972; FOUQUET, 1974), o papel que exerceram efetivamente as associações sobre a condição étnica do grupo. As sociedades de tiro, ginástica, canto e culturais mantinham um elo com os seus antepassados através da língua e do espírito esportivo e associativo dos alemães, constituindo-se numa tentativa, portanto, de reafirmar a germanidade do grupo, embora nem sempre isso fosse admitido explicitamente por eles, como se pode ver pela citação a seguir, extraída de uma publicação sobre as associações e seu papel em Curitiba:

As sociedades recreativas e beneficentes constituem a escola de aperfeiçoamento dos jovens e o amparo dos necessitados, e dão a todos esse poderoso tónico que é a alegria. Essas associações são como miniatura da grande sociedade que é o Estado. Nellas o associado tem o seu voto para a eleição dos dirigentes; discute os assumptos sociaes e defende em alta voz, durante a assembléa seu ponto de vista no tocante à determinada questão; fiscaliza a arrecadação da receita e aplicação da despesa, suggerindo e demonstrando a conveniencia de dar certo destino à renda social para augmento do respectivo patrimonio e julga seus consocios que incorrerem em falta, bem assim da idoneidade dos que se lhe pretendem associar. (NYEMAYER, [19--], p.70).

Essa prática associativa dá uma idéia das micronações que vão funcionar como afirmação étnica; um pequeno Estado onde eles podem praticar a democracia e onde podem se expressar, argumentar e participar de atividades em alemão, enfim formas de conviver com os pares, formas de sociabilidade.

Encontra o socio na biblioteca milhares de volumes dos melhores autores, em que póde saciar a ancia de saber e dar alimento às predileções pela poesia e pelo romance. A arte musical e o canto são cultivados com especial carinho. Revistas e jornaes, nacionaes e



extrangeiros, mantém o socio ao corrente dos principaes acontecimentos mundiais, em todos os ramos da actividade humana. No apprendizado do convivio social vae também o socio burilar as boas maneiras e dar os ultimos retoques na sua educação. Incutese-lhe também n'alma o amor pela terra constellada que, quasi sempre se torna na segunda Patria, quando della já não é filho amantissimo. (NYEMAYER, [19--], p.70).

Havia também uma preocupação em mostrar que a micronação não impedia a adoção do Brasil como uma segunda pátria; era, ao contrário, incentivado esse vínculo, embora na, realidade, possa representar a preocupação do grupo com a interpretação da sociedade majoritária em relação ao carácter associativo dos alemães e do tão propalado "desinteresse pela vida nacional".

Nas sociedades de beneficencia o socio que se vê ao desamparo por motivo de molestia, invalidez, velhice ou falta de trabalho, recebe um auxílio, modesto, mas sufficiente para prover a subsistencia propria e da sua familia. Nos casos de fallecimento a sociedade concorre com as despesas do funeral e de molestia com o pagamento de assistencia medica e pharmaceutica. Mas sempre procuram as sociedades germanicas reunir o util ao agradavel. Assim é que além dos multiplos beneficios que presta aos socios, principalmente na esphera do socorro mutuo, em que o Estado não póde ainda dar aos seus habitantes o necessario amparo e proteção, as sociedades teutonicas de ordem recreativa, procuraram proporcionar aos seus associados festa e diversões, que projectam raios de sol nas asperezas da vida de cada um, e tem, a par do espirito de ordem que nellas predomina, o encanto da alegria natural e desembaraçada que emana dos espiritos sãos e do caracter plasmado nos moldes da virtude e da bondade. (NYEMAYER, [19--], p.70)

Como se pode observar, o texto enfatiza a contribuição dos alemães para amenizar os problemas que o Estado apresenta: o Estado não "consegue" ainda dar ao seus cidadãos o que lhes é de "direito", atenuando ligeiramente o carácter de uma associação que defende interesses étnicos. Essa característica associativa dos alemães não é algo incomum, ou inerente ao grupo étnico em questão, é antes de mais nada uma característica de outras tantas minorias que vieram ao Paraná e ao Brasil. Como exemplo, temos em Curitiba associações que envolveram os poloneses, os italianos, entre outros, cada uma com suas peculiaridades e defendendo os interesses de uma minoria.

Vale recordar que no final do século XIX a imprensa e as associações assumiram o significativo papel de elaboradoras de uma ideologia étnica e de porta-vozes da germanidade para os descendentes de alemães. Em Curitiba, publicavam-se jornais, almanaques, álbuns comemorativos e revistas. Entre 1882 e 1941, Curitiba possuía oito periódicos em língua alemã, dos quais cinco circulavam três vezes por semana. O periódico "Der Kompass" (a bússola) foi o de maior duração - 1901 a 1941; os demais tiveram uma média de duração de dez anos cada. (NADALIN, 1972, p.9-20; FOUQUET, 1974, p.38; SEYFERTH, 1988 (25), p.3-55).

Retomando a questão da Igreja, sabe-se que em grande parte do período aqui analisado (1850-1919) configura-se uma crise profunda da Igreja Católica no Brasil, uma crise que provocou a seu afastamento do Estado e da própria sociedade brasileira, que a obrigou a uma reorganização de seu aparelho eclesiástico, completamente anacrônico. A separação entre Igreja e Estado não alterou o funcionamento da organização religiosa no que concerne à religião vivida pelo povo, pois este continuou a viver com seus santos, suas promessas e peregrinações. O clero, buscando cada vez mais uma pauta europeizante e romanizante, ignorou o povo, pois a estratégia da Igreja na época republicana era a de atingir a elite, que, no século XIX, estava dela afastada e, a partir desta, atingir por fim o povo.

A situação é diversa (BEOZZO, 1984, p.278) nas zonas de colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Estabeleceram-se ali profundos laços entre a sociedade dos imigrantes - proprietários de pequenos lotes de terra - e a Igreja.

No caso do Paraná, especificamente de Curitiba, a crise da Igreja com a sociedade local e a demonstração de que com o imigrantes a situação é diferenciada pode ser percebida na fala do Presidente da Província do Paraná, no ano de 1881:

[...] uns atribuem o mal, faltas as devidas e raras exceções ao pouco zêlo dos párocos pelo interesse da Igreja outros explicam com o indiferentismo do povo pela causa da religião [...]. Nunca houve, é verdade fanatismo entre nós, pois que o nosso povo mostra-se sempre tolerante e hospitaleiro para com todas, pouco cabedal fazendo dos sentimentos religiosos alheios. Os templos outrora enchiam-se de fiéis aos domingos para ouvirem a missa conventual. Hoje rareiam os assíduos e nesta capital são os estrangeiros que se mostram mais devotos. (RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVINCIA DO PARANÁ, 1881, p.6)

Outro relato de como estava a religião no Paraná no século XIX encontra-se expresso no ponto de vista dos párocos alemães que vivenciaram a revolta popular contra a Igreja:

[...] em fins do séculos XIX predominava na Capital do Paraná uma certa tendência para uma revolta espiritual. Estamos lembrados de termos mencionado num trecho anterior desta nossa historiação uma "brisa de livre- pensamento" que soprava pelo Paraná em relação às condições sociais e políticas nas comunidades. Assim vemos que, quando em fevereiro de 1899 os padres Xystus Meiwes e Redemptus Kullmann chegaram a Curitiba com primeiros franciscanos alemães, muito tiveram que aturar: acintes, pouco caso, e perseguições de tôda espécie, ocorrendo até mesmo apedrejamento de suas janelas. Porém, êles tudo suportaram valorosamente, auxiliados e apoiados por homens dedicados à religião e de mentalidade adiantada, liderados pelo padre Franz Aulich. (AULICH, 1953, p.80).

Pode-se perceber que o povo, antes pacífico com as religiões alheias, como afirmara o Presidente da Província, já não o era tanto. Também não é possível afirmar que no Paraná a situação era diferente da do restante do país, já que apresentava, em parte, os mesmos problemas, que só foram amenizados com a reorganização interna da Igreja Católica. O governo republicano tirou da Igreja o papel de organizadora da vida coletiva, sem, entretanto, substituí-lo por um agente capaz de desempenhar o mesmo papel. A população brasileira continuava a pensar o mundo dentro dos parâmetros católicos, embora os homens do governo insistissem em pensá-lo de forma

leiga e secularizada. A Igreja aproveitou a oportunidade e se articulou, organizando um amplo sistema de ensino, montando uma rede de escolas, construindo hospitais e trazendo da Europa várias congregações e ordens religiosas que contribuíram para redefinir sua ação pastoral, com o intuito de garantir sua presença paralela ao Estado, no meio de todas as categorias sociais, perpassando governantes e governados, elites e povo. (MARCHI, 1989, p.231).

Para efetivar essa reorganização, a Igreja Católica brasileira, entre 1890-1930, pautou sua ação, de um lado, observando as novas diretrizes e empreendimentos da Santa Sé<sup>14</sup> durante a segunda metade do século XIX, e, de outro lado, tentando superar os desafios organizadores e condicionantes políticos no interior da sociedade brasileira. (MICELI, 1988, p. 59).

Dessa forma, a organização eclesiástica foi completamente estadualizada; todas as capitais estaduais foram convertidas em sedes diocesanas.

A política de “estadualização” foi implementada através de estratégias diferenciadas conforme o peso político e a contribuição econômica e cada unidade federativa para a manutenção do pacto oligárquico e, conseqüentemente, em função da margem de influência e prestígio já conquistada pela Igreja, do grau de receptividade à sua contribuição por parte dos círculos dirigentes locais e do potencial de mobilização dos católicos como grupos articulados de pressão a ponto de influir sobre as decisões governamentais suscetíveis de afetar as áreas vitais de interesse para a própria organização eclesiástica [...]. (MICELI, 1988, p.70).

---

<sup>14</sup>No correr dos longos pontificados de Pio IX (1846-1878) e Leão XIII (1878-1903), o Vaticano concentrou recursos no revigoramento do trabalho missionário, nos incentivos à nacionalização do clero e da alta hierarquia em áreas coloniais de missão e em outros domínios territoriais que continuavam pesadamente sujeitos aos interesses comerciais e políticos europeus, como era o caso da América Latina. Impunha-se a tarefa urgente de proceder a uma ampla reformulação dos conteúdos do apostolado católico, crescentemente obsoleto diante da concorrência das denominações protestantes, que haviam logrado avanços consideráveis por conta da prestação de serviços educacionais e assistenciais. (MICELI, 1988, p. 13)

O principal meio utilizado pelo episcopado para realizar sua missão foi a impressão de cartas pastorais, nas quais os bispos orientavam doutrinalmente o clero, e, através da ação paroquial destes, atingiam aos fiéis. No conjunto das pastorais, percebem-se claramente as posições da Igreja sobre diversos temas: a questão dos sacramentos, a oração, as devoções, os impedimentos, a preocupação com a família, com o ensino, casamentos civis, a imprensa, a cultura moderna, dentre outros.

As pastorais deveriam ser lidas e explicadas durante as celebrações dominicais. E atuavam como meio de controle e de incentivo das atividades paroquiais que, nesse processo de reorganização, passaram a ser o principal foco de mobilização dos católicos e de expansão da doutrina da Igreja. (CAES, 1995, p. 29).

Para tanto, no primeiro capítulo situo o caminho percorrido no trabalho com as fontes primárias, os problemas e as dificuldades. Trato da reconstituição de famílias a partir da proposta metodológica apresentada por FLEURY e HENRY (1965) e HENRY (1972) e do apoio de um instrumental de trabalho (*software*) denominado Sistema de Gestão e Análise de População (*SYGAP*) (BIDEAU, 1991), que permite agilizar o tratamento dos dados com o auxílio da informática.

No segundo capítulo faço uma análise do imigrante e/ou **remigrante** que veio para Curitiba e do cenário que ele encontrou por ocasião de sua chegada. Alerto aqui que utilizo a categoria remigrante segundo a tradição de estudos étnicos do Paraná,

como os trabalhos clássicos de AULICH (1953) e BALHANA et al. (1969). A acepção difere daquela utilizada cotidianamente, como sinônimo de repatriamento. Nesse caso, implica nova migração no país imigrado.

A dinâmica da família trabalhada no capítulo terceiro envolve, no caso da reconstituição de famílias, três variáveis fundamentais: a nupcialidade, a fecundidade e a mortalidade. Neste estudo, no entanto, as preocupações estão centradas na nupcialidade e na fecundidade, pois, para os alemães católicos, há um número expressivo de sub-registros, além de uma lacuna de cinco anos nos registros de óbitos,<sup>15</sup> envolvendo o período em estudo (1850-1919).

Com o estudo da nupcialidade, pretendo analisar alguns fenômenos que intervêm na formação da família conjugal. As variáveis mais importantes referem-se à intensidade da formação das uniões; à época do seu início, à sua duração ou à sua ruptura por viuvez ou simples separação; à idade média ao casar; à realização de novas uniões por parte de pessoas que sofreram uma ruptura de união; ao movimento mensal de casamentos. Esta categoria - nupcialidade - permite apontar as fronteiras e limites dos grupos evidenciada na endogamia e em alguns comportamentos normativos.

---

<sup>15</sup>Nas análises feitas sobre o movimento mensal de óbitos, observa-se que o grupo não foge à regra que coloca a mortalidade de crianças numa proporção bem mais elevada nos meses de calor: os meses de dezembro, janeiro, fevereiro e março apresentam maior frequência de morte de crianças de 0-14 anos. Na distribuição decenal, fica evidente a mortalidade de pessoas idosas nos meses frios. Observa-se, portanto, uma média de óbitos elevada nos meses de julho e agosto (uma frequência um pouco menor) de pessoas de 50 anos e mais, e uma proporção maior de óbitos de mulheres do que de homens nesses meses frios. (Anexos 56, 57 e 58).

Pretendo, com a reconstituição de famílias, realizar uma análise pormenorizada da fecundidade, por ser ela a responsável pela substituição dos indivíduos através do tempo, constituindo-se num elemento essencial à história das sociedades. Conduzo o estudo para resultados que possam indicar, além dos aspectos demográficos, uma resposta social do comportamento dos alemães católicos em Curitiba. Optei, também no caso da fecundidade, por selecionar algumas variáveis. Entendo que não há necessidade de se observar todos os passos sugeridos pelos manuais de Demografia Histórica, mesmo porque o trabalho não se reduzirá à utilização da técnica de reconstituição de famílias.

No último capítulo, pretendo mostrar que, embora seja importante a análise em separado dos alemães católicos e dos luteranos, é igualmente significativa uma abordagem diferenciada daqueles que optaram por manter contato com ambas as religiões. Procuro explorar, nessa análise, exemplos de comportamentos inter-religiosos que envolviam famílias alemães em Curitiba.

## **2 OS MÉTODOS E AS TÉCNICAS**

*A Demografia Histórica se faz em todos os lugares ao mesmo tempo. Ela existe por toda a parte, onde existem ou alguma vez existiram pessoas. Toda pessoa - mesmo que nunca tenha possuído qualquer outra coisa - teve nascimento e morte. (IMHOF, 1987).*



Até meados da década de 50, sabia-se pouco sobre a vida familiar da grande massa de população no passado. Os estudos eram mais particularizados, referindo-se a famílias isoladas ou a alguns exemplos de elites. Os primeiros passos da história social sobre a família foram dados pelos historiadores-demógrafos.<sup>1</sup> FLEURY e HENRY (1965), envolvendo dois campos de conhecimento, a Demografia e a História, associaram o método estatístico, os conceitos e a problemática da demografia à crítica histórica das fontes e à perspectiva do historiador.

As descobertas resultantes da reconstituição de famílias fizeram com que outros autores utilizassem os seus métodos, alargando a perspectiva demográfica para outras fontes de dados.

Destaca-se também, na orientação da abordagem demográfica, o trabalho do *Cambridge Group for the History of Population and Social Structure*, que se ocupou particularmente em desenvolver um método rigoroso de investigação, na perspectiva de conseguir dados comparáveis tanto para períodos de tempo longos como através de certas comunidades e sociedades. LASLETT (1972), representante desse grupo, foi o responsável pelo desmonte de uma longa tradição popular e acadêmica sobre o estudo de família, apontando falhas empíricas na tipologia de LE PLAY.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup>Propostas metodológicas para o estudo demográfico de famílias do passado foram apresentadas por FLEURY e HENRY (1965), e desenvolvidas em novos trabalhos realizados na França, Inglaterra, Bélgica, Itália, Estados Unidos, Canadá e Brasil. No caso do Brasil, a metodologia sofreu algumas modificações para adaptação à realidade dos dados brasileiros. Essa tradução, no entanto, não levou em consideração algumas especificidades da sociedade brasileira que interferem nos dados. (HENRY, 1977)

<sup>2</sup> LE PLAY considerava a família-tronco como uma harmoniosa comunidade, regida por um patriarca e assim constituída: o pai de família, sua esposa, seus filhos solteiros, seu herdeiro, a mulher e a prole dessa, e empregados domésticos. (Apud, PERROT, 1973).

Como expoentes da nova geração de pesquisadores, GOODY (1983), HAREVEN (1978) e FLANDRIN (1992) desafiaram as barreiras entre os diversos ramos da Antropologia e provocaram uma revolução dentro da própria História Demográfica. O acento deslocou-se na direção de hipóteses explicativas que associam acontecimentos de microescala a processos históricos amplos.

Usando os registros paroquiais, que a partir do século XVI se tornaram sistemáticos em alguns países, historiadores-demógrafos conseguiram estabelecer a história biológica de famílias individuais: "Historiograficamente, a originalidade da demografia histórica é sua metodologia de base. Ela se constituiu como disciplina justamente em função dos registros de catolicidade, para dar conta de períodos geralmente mais distantes do presente, quando não se produziam correntemente dados para as contagens de população". (NADALIN, 1994, p. 47).

As técnicas para extrair da documentação histórica as enumerações, ou seja, as informações transformadas em algarismos, com os quais são construídos seus dados de base, e, posteriormente, preparadas as tabulações e quadros, compreendem a utilização de uma série de fichas destinadas a apresentar, de modo ordenado, as anotações constantes das atas do registro religioso ou civil.

Um dos resultados mais importantes dessa ação conjunta - História e Demografia - foi, sem dúvida, a reconstituição de famílias. "Reconstituir as famílias consiste em transcrever sobre uma ficha especial, dita ficha de família, a data dos atos de estado civil, nascimento, casamento, morte e outras informações relativas aos membros

de uma mesma família conjugal”, extraídos de arquivos paroquiais ou cartorários. (HENRY, 1965, p. 133).

Considerando-se, pois, que todo indivíduo passa os momentos essenciais de sua vida - o nascimento, o casamento e a morte - diante do cura de sua paróquia ou do cartório de sua cidade, o princípio básico da metodologia consiste no agrupamento em fichas individuais de todas as informações relativas a esses eventos. Seguindo os indivíduos através de toda sua existência, a Demografia Histórica permite recompor uma imagem bem mais precisa e representativa da família e da sociedade. (BALHANA; NADALIN, 1980, p. 3).

## 2.1 OS (DES)CAMINHOS DA PESQUISA

O trabalho com os alemães católicos foi iniciado com 6 887 fichas de nascimento, 1 210 fichas de sepultamento e 1 089 fichas de casamento, perfazendo um total de 9 186 fichas a serem manipuladas.<sup>3</sup>

Para batismos e casamentos, pode-se falar em uma série contínua de dados, embora os responsáveis pelos registros omitissem ou acrescentassem informações, variando de acordo com a época.

---

<sup>3</sup> Este capítulo sobre os métodos e as técnicas pode ser considerado árido, porém é indispensável para a compreensão do trabalho e para a introdução do leitor nos procedimentos da pesquisa.

Os registros paroquiais constituem-se numa fonte da maior importância para estudos demográficos das populações retrospectivas, principalmente porque essa fonte permite à Demografia Histórica elaborar seus próprios dados, produzir suas próprias estatísticas. Ainda assim, o Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Luz exige certo cuidado por parte do pesquisador, pois algumas falhas foram evidenciadas na redação das atas no decorrer do período, sendo as mais freqüentes aquelas referentes à ortografia de nomes e sobrenomes. Esse fato tem relevância para este estudo, principalmente porque os nomes de famílias arrolados foram os de origem alemã, dificultando assim a distinção dos sobrenomes.

Além do problema com a ortografia dos sobrenomes, os prenomes eram, na grande maioria, registrados pelos sacerdotes em vernáculo, isto é, o nome das pessoas registradas em qualquer uma das séries aparecia, quase que em sua totalidade, no correspondente em português, como, por exemplo: Wilhelm - Guilherme. Essa latinização dos nomes era uma exigência do vigário geral forense, porta-voz do Bispo de São Paulo em Curitiba. (WACHOWICZ, 1976, p. 27). Posteriormente, a diocese da capital seguiu a mesma orientação. Nesse caso, a seleção, levado em conta também o nome do registrado, só foi possível quando esses nomes eram tidos como comuns à etnia.

Por ocasião da quantificação dos dados, uma série de erros nas informações dos registros foi encontrada, sendo possível retificar uma parcela na confrontação das fichas de batismo e de casamento.

### 2.1.1 Análise das Fontes

No presente trabalho, utilizaram-se como fonte principal os registros de batismos, casamentos e óbitos constantes do arquivo da Sé Metropolitana e Paróquia Nossa Senhora da Luz de Curitiba. Limitou-se o campo de estudo para o período de 1850-1919 e arrolou-se os registros com nomes de origem germânica, incluindo, por outro lado, todas as capelas contidas nos livros da Matriz.

Os assentamentos encontram-se separados em séries ordenadas cronologicamente por mês e ano.<sup>4</sup> Entretanto, como a Igreja Nossa Senhora da Luz foi, até há bem pouco tempo, o centro da vida religiosa católica em Curitiba, ela englobou em seus livros os registros de todas as capelas pertencentes à capital. Assim, essa ordem cronológica nem sempre era observada, principalmente nos registros de batismos, pois, em certas épocas, eram em primeiro lugar ordenados cronologicamente os assentos da Catedral e depois os de cada capela em separado. Ocorreram, inclusive, casos de registros que só foram catalogados no ano seguinte, devido ao atraso da capela em enviá-los à Catedral.

Das capelas que enviavam seus registros para a Igreja Nossa Senhora da Luz, em 49 delas encontram-se assentamentos de descendentes de alemães. Dessas, seis capelas se destacam: a Capela de Bom Jesus é a primeira em número de batismos de origem alemã; em seguida, aparecem a Capela do Santuário do Sagrado Coração de

---

<sup>4</sup> Com referência à continuidade dos registros no decorrer dos anos, pode-se afirmar que ela existe para as séries de assentos de batismos e casamentos, o que não ocorre com a série de registros de óbitos. Estes apresentam uma lacuna de cinco anos, correspondente ao período de 1892-1896.

Maria, Capela do Rosário, Capela do Cajuru e Capela da Ordem. De uma maneira geral, os registros encontram-se em condições satisfatórias quanto ao conteúdo e à legibilidade.

Inicialmente, foram pesquisados 44 livros de batizados, 17 de casamentos e 11 de óbitos. Numa fase posterior, e para complementar os dados necessários à reconstituição de famílias a pesquisa foi ampliada. A ampliação ocorreu, no entanto, somente para os registros de casamentos e para os registros de óbitos.

**Conteúdos dos registros de batismos** - Os registros de batismos, de um modo geral, fornecem informações sobre: data e local de batismo, nome e idade do batizando ou data do nascimento ( às vezes, somente o ano do nascimento), a condição do mesmo quanto à filiação (legítimo ou ilegítimo), capela ou paróquia em que foi batizado e, quando não nascido em Curitiba, local de nascimento (esse dado constou por alguns anos ). Aparecem ainda o nome e o sobrenome dos pais (às vezes, o sobrenome de solteira da mãe) e dos padrinhos (com raras anotações sobre o grau de parentesco) e a informação sobre se o batizando é filho de pais protestantes. A nacionalidade e naturalidade dos pais e dos padrinhos constam com certa frequência, principalmente nas três primeiras décadas do período em estudo. Nas décadas posteriores, essa informação aparece ocasionalmente. Não se encontram dados sobre os avós dos batizados, assim como sobre as profissões do grupo em questão. Esse último dado seria importante para um estudo sócio-profissional do grupo.

Foi utilizada também a parte lateral da ficha para informações sobre a religião do batizando e/ou dos pais, com observações de que era um batizado condicional, à medida em que os pais ou os batizados professavam outra religião que

não a católica. Nesse sentido, constava também o juramento do convertido e/ou do responsável comprometendo-se a seguir a religião católica.

Os registros de batismos apresentaram algumas lacunas, em alguns casos no mês de nascimento, ou mesmo informações errôneas quanto à idade da criança. Ou seja, divergências entre a idade do batizando constante no documento em relação a seu ano de nascimento. Foram encontrados também batismos duplos que, às vezes, apareciam em datas bem distantes uns dos outros. Em alguns casos, constatou-se que os batismos tinham sido feitos em duas capelas, em épocas diferentes. Nessas situações, decidiu-se considerar o primeiro registro, completando alguns dados com base no segundo, quando necessário.

Para computar o número de nascimentos conforme o sexo, procedeu-se à identificação pelo nome e pela anotação do sacerdote. Em raros casos, quando o confronto entre o nome do batizando e a anotação do sacerdote suscitou dúvidas, o critério que prevaleceu foi o do nome da criança.<sup>5</sup>

Da mesma forma, identificou-se a frequência de filhos ilegítimos pela anotação do sacerdote. Nos casos em que não era mencionado o nome do pai e não constava nenhuma referência à legitimidade ou não, os batizados foram computados como filhos ilegítimos.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Verificou-se no estudo da distribuição de nascimentos segundo o sexo que a razão de masculinidade é de 104,4. Para o número de nascimentos situados entre 8.100 e 10.000, esse cálculo da razão de masculinidade encontra-se nos limites da normalidade (HENRY, 1972 p. 32).

<sup>6</sup> Essa variável será aprofundada no capítulo "Casamento, Ilegitimidade e Fecundidade".

**Conteúdos dos registros de casamentos** - As informações básicas contidas nos registros de casamentos permanecem praticamente as mesmas durante todo o período estudado. As variações mais importantes ocorrem com relação à idade de nascimento dos noivos - estas, nos primeiros trinta anos, são omitidas. O local de nascimento dos noivos, ao contrário da idade, passa a ser omitido nos últimos vinte anos da pesquisa.

Esses registros fornecem, freqüentemente, informações sobre: o nome dos contraentes, dos pais (com indicação ocasional do nome de solteira da mãe), o nome das testemunhas, data e local da cerimônia, indicação da paróquia a que pertenciam, freqüência de "recasamentos", juntamente com o nome do cônjuge anterior, laços de consangüinidade dos nubentes e, mesmo, se o casamento era inter-religioso. Nesse caso, o convertido(a) tinha que abjurar o protestantismo, prometendo seguir dali para frente o catolicismo, iniciando também seus filhos nesse caminho; ou, então, o cônjuge católico jurava que faria o convertido seguir as normas da religião católica.

**Conteúdos dos registros de sepultamentos** - Os assentamentos de óbitos são os que mais contêm informações concisas. Constituem a série mais incompleta, se comparada às de batismo ou de casamentos. Informam apenas a data do registro de sepultamento, nome (nem sempre o sobrenome), idade, filiação (quando solteiro), estado civil, nome do cônjuge e local de sepultamento.

Além do grande número de sub-registros, o que se deduz, talvez pela desproporção entre o número de batizados e o de sepultamentos, é que há uma lacuna nos registros de sepultamentos num período de cinco anos, ou seja, entre 1892 e 1896.



Em que pese a esse fato, nesses 70 anos em estudo há uniformidade nos conteúdos dos dados; excetuando-se as informações esparsas sobre a *causa mortis*, o restante das informações permanecem as mesmas no decorrer do período.

A partir dos conteúdos existentes nos registros paroquiais de batismo, casamento e óbito, foi possível estabelecer critérios para selecionar os alemães e seus descendentes.

Para identificar, através dos registros de batismos, os elementos que fariam parte do grupo alemão, procedeu-se da seguinte forma:

- a) foram computados todos os registros cujos batizados tivessem ascendência paterna e materna de origem alemã;
- b) esse procedimento foi utilizado quando os batizados acusassem ter pelo menos a ascendência materna ou paterna de origem alemã.

Para esse último critério, deparou-se com um obstáculo: a falta, em muitos casos, do sobrenome de família da mãe. Essa omissão não permitiu identificar algumas mulheres de origem alemã que tenham casado com indivíduos de outra etnia. Por outro lado, quando o marido era de origem alemã e sua mulher não levava o nome de família, ela foi considerada como pertencente ao grupo.

Os critérios para definir os alemães e/ou descendentes a partir dos registros de casamentos foram os seguintes:

- a) noivo ou noiva, ou ambos, originários da Europa germânica;
- b) noivos com ascendência paterna e materna de origem alemã;
- c) pelo menos um dos cônjuges com ascendência paterna e materna alemã.

Para a série de registros de óbitos, o defunto era classificado como de origem alemã se:

- a) criança, fosse filho de pai ou mãe de origem alemã;
- b) adulto, quando mulher, levasse o sobrenome de solteira ou de casada de origem alemã;
- c) adulto do sexo masculino, levasse o sobrenome de origem alemã.

Os dados encontrados nos registros de sepultamentos são poucos e, além disso, não houve maneira de verificar se a data do sepultamento correspondia à do óbito.

Para o reconhecimento onomástico dos registros de casamentos, as dificuldades foram bem menos acentuadas que para os registros de batismos e de óbitos, pois, até fins do século XIX, constava a origem dos noivos. Um dos elementos auxiliares para a verificação da origem dos sobrenomes foi o livro de BAHLOW (1972), *Deutsches Namenlexikon (Familien - Und Vornamem nach Ursprung und Sinn Erklart)*, um trabalho especializado em nomes alemães de modo geral. No entanto, muitos nomes que pareciam ser alemães não constavam nesse livro, talvez pela modificação sofrida nos registros brasileiros. Para os outros casos, utilizaram-se a coleção do Instituto Hans

Staden: Famílias brasileiras de origem germânica (MOYA, 1965) e o livro do Pastor FUGMANN (1929) sobre os alemães no Paraná.

Ainda assim, o maior problema foi distinguir os nomes de origem polonesa dos de origem alemã, principalmente quando aqueles tinham como procedência a Áustria ou a Prússia. Essa dificuldade existiu devido à dupla nacionalidade de nomes que tanto podiam ser alemães como poloneses (por exemplo, OTTO, KLOSS, DIBNER, FERST, LAUFER ); e que, às vezes, grafados erradamente, ajudavam a confundir. Foi feito um estudo rigoroso para decidir como enquadrá-los, e, para sanar alguma dúvida, manteve-se contato com algumas famílias a fim de identificá-los melhor.

Além dos poloneses, alguns registros em que constava a origem austríaca eram de nomes italianos; estes, porém, foram mais facilmente distinguidos. Isso se explica, segundo WILLEMS (1980, p. 65), pelo fato de que a maior parte dos austríacos entrados no Brasil antes de 1914 parece ter sido, etnicamente falando, de poloneses e italianos. A afirmativa dele é comprovada nos registros paroquiais da Igreja Nossa Senhora da Luz. Isso vale principalmente em se tratando dos poloneses, dos quais se encontraram muitos casos em que constava a nacionalidade como sendo austríaca ou prussiana. Verificando-se esse aspecto, foram eliminadas as fichas cujos registros comprovassem serem os nomes poloneses ou italianos.

Por outro lado, alguns casos de elementos de origem russa, polonesa, suíça e dinamarquesa encontrados nos registros, eram em grande parte teutos (WILLEMS, 1980, p. 71), comprovada a origem dos nomes como alemã, como tal foram considerados.

Levar em consideração todos esses fatores e decidir quem faria parte do grupo foi o único modo encontrado para atingir o objetivo proposto: o de ensaiar a reconstituição do grupo alemão católico, a fim relacionar numa análise maior os alemães de Curitiba como etnia.

Desse modo, considerei como pertencente ao grupo, no primeiro momento, todo e qualquer indivíduo nascido na Europa germânica;<sup>7</sup> em seguida, todo e qualquer, indivíduo nascido no Brasil, em que os dois ascendentes fossem alemães; e, por fim, todo indivíduo que apresentasse ascendência alemã paterna ou materna. Esse critério leva em consideração que os filhos brasileiros dos imigrantes constituem parte do grupo, na medida em que professam a mesma identidade étnica.

É bem verdade que o eixo central para definir o grupo reside na primeira e na segunda classificações. A terceira, fruto de casamento interétnico, interessa-nos para perceber o comportamento do cônjuge de origem alemã na preservação de traços de identificação étnica.

A partir da documentação extraída dos registros paroquiais, é difícil, mas não impossível, identificar traços de distintividade usados para marcar a identidade étnica. Alguns indicadores de pertencimento são evidenciados e, embora sutis, servem para identificar, senão em todas as famílias reconstituídas, pelo menos em um grupo

---

<sup>7</sup>Considerou-se como tal os pequenos estados que faziam parte da confederação alemã, bem como países que tinham divisa com esses estados, cujos elementos pertenciam à etnia alemã. Nesse sentido, os países assim classificados foram: Alemanha, Áustria, Prússia, Rússia, Suíça e Dinamarca.

menor, variáveis como: casamentos intra e interétnicos; casamentos entre protestantes e católicos; escolha de padrinhos de casamento e de batismo.

Essas variáveis acima referidas são traços que, além da língua e das instituições, podem reforçar o **Deutschtum**, pois a intensidade com que se elegem elementos do mesmo grupo étnico nas relações de parentesco é um indicador de que havia um grupo que se identificava etnicamente.

## 2.2 ETAPAS DA RECONSTITUIÇÃO DE FAMÍLIAS

No primeiro momento, foram abertas fichas individuais para cada família a partir dos 1 090 casamentos celebrados no grupo. Esses 1 090 são os casamentos efetuados na comunidade os quais recebem a denominação de fichas "M"; as famílias, cujos cônjuges permaneceram na comunidade até a dissolução do casamento são denominadas de famílias "MF"; e, aquelas que migraram ou mudaram de paróquia após o casamento, são chamadas de famílias "MO". Nessas fichas são arroladas o maior número possível de informações sobre os cônjuges - dados que constam no registro de casamento ou outros encontrados posteriormente pelo cruzamento de informações.

Após a abertura das fichas de famílias, foram anotadas informações complementares, como a data de nascimento dos filhos e a data de óbito das crianças e dos cônjuges. Nessa primeira etapa, pesou muito a dificuldade de encontrar os pais pelo sobrenome. Essa dificuldade, já evidenciada na dissertação de mestrado (RANZI, 1983, p. 17-8), retardou o andamento do trabalho, pois a grafia dos sobrenomes aparece muito

adulterada. Por vezes, encontra-se um sobrenome com três ou quatro grafias diferentes, como, por exemplo: KNOL, KNAH, NOLLE, ou então BLUMER, PRUNNER, BLUM, PLUM. Isso sem contar os casos extremos de confusão entre o sobrenome do marido e o da mulher, ou entre o segundo nome do marido e o seu sobrenome.

Terminada essa etapa, restou uma quantia considerável de fichas de batismos e de óbitos de pessoas cujos pais não haviam se casado em Curitiba. Para esses registros, foi necessário abrir novas fichas de famílias, aumentando o número de 1 090 para 3 746. Nestas, anotaram-se todas as informações anteriores referentes aos filhos que nasceram e que morreram no período de 1850 a 1919.

A segunda etapa do trabalho consistiu na triagem das famílias fictícias.<sup>8</sup> Essa triagem exigiu várias manipulações das quase quatro mil fichas. Em primeiro lugar, foram catalogadas pelo sobrenome do marido. Dentro dessa classificação, foi possível eliminar um número significativo de fichas, pois são confrontadas nos sobrenomes as formas com fonemas parecidos escritas diferentemente e, portanto, classificadas em separado. Foram também eliminadas nesse tipo de manipulação fichas em que aparece o mesmo sobrenome, mas em que a grafia do nome dos cônjuges sofre variações. Isso ocorre com frequência, pois os descendentes de alemães, de um modo geral, possuem nomes duplos, às vezes três ou quatro nomes, e os registros não obedecem criteriosamente à ordem estabelecida, aparecendo ora um nome, ora dois e, às vezes, até apelidos ou diminutivos dos nomes, como, por exemplo: Elizabeth muda para Elisa,

---

<sup>8</sup> Famílias fictícias são assim consideradas por terem sido abertas duas ou mais vezes em função da má qualidade dos dados em relação ao sobrenome das famílias.

Luiza, Beth etc. Esse último problema seria facilmente resolvido se em todas as fichas constasse o sobrenome de solteira da mulher. A falta desse dado, no entanto, elevou o número de fichas duvidosas, pois ocorreram alguns casos de coincidência de nomes e sobrenomes, principalmente quando o sobrenome é comum, como Schmidt: é possível encontrar quatro homônimos diferentes chamados Guilherme Schmidt, assim como se podem encontrar três nomes Clara Ogg e não se tratar da mesma pessoa. Essa dificuldade - encontrar nomes e sobrenomes duplos - pode ser facilmente resolvida quando consta do registro o nome dos pais dos cônjuges. No entanto, a maior parte das fichas são de casamentos ocorridos fora da cidade de Curitiba e não se pode contar com esse dado. O que auxilia a classificação é o sobrenome da mulher ou a data de nascimento dos filhos ou ainda o sobrenome dos padrinhos.

Em segundo lugar, catalogaram-se as fichas de família pelo nome do marido. Essa foi a manipulação que mais resultados trouxe para a descoberta de famílias fictícias, o que mostra, de certa forma, a frequência de grafias de sobrenomes adulterados ou ilegíveis. Devido à semelhança que há na escrita cursiva entre certas letras do alfabeto, a ilegibilidade da grafia nos documentos paroquiais foi mais expressiva nas primeiras letras do sobrenome: foi muito frequente a confusão entre **L e S, R e K, H e K, A e H.**

Por fim, fez-se a seleção pelo nome e sobrenome da mulher. A ausência do sobrenome da mulher, na grande parte dos registros de casamentos, dificultou essa última manipulação. Foram poucas as fichas suprimidas referentes às famílias fictícias. Na realidade o maior peso nessa seleção foi o nome da mulher.

Para eliminar o maior número possível de fichas de famílias fictícias, observaram-se na manipulação os seguintes passos:

1. Confronto entre sobrenomes que têm início pela mesma letra do alfabeto. Ex: Büche, Buke;
2. Confronto entre sobrenomes levando-se em conta fonemas semelhantes. Ex: Stam, Itamm ou Heusi e Heizen;
3. O nome ou os nomes do marido e da mulher;
4. O sobrenome de solteira da mulher;
5. O nome dos pais dos cônjuges;
6. A data de nascimento dos filhos;
7. O sobrenome dos padrinhos de batismo: os alemães católicos, em sua maioria, escolhiam para padrinhos de seus filhos indivíduos da mesma etnia e entre determinadas famílias, facilitando a comparação das fichas que suscitavam dúvidas de serem ou não de famílias fictícias.

Nessa primeira manipulação, foram eliminadas 280 ( 7,5%) fichas de famílias de um total de 3 746. Restaram, no entanto, muitas dúvidas que, para serem sanadas, exigiram outras alternativas de trabalho.

Optei pela continuidade da pesquisa nos registros paroquiais, estendendo o período estudado, a fim de que os dados obtidos pudessem contribuir para, ainda nessa



fase, eliminar outras fichas de famílias fictícias, bem como para finalizar a observação de um número maior de famílias. Ou seja, o período englobado pela reconstituição de famílias é de 1850-1919. Porém, estendeu-se até 1939 para os casamentos, 1921 para os batismos e 1962 para os óbitos. Essa operação foi feita também com os dados dos alemães luteranos, cedidos por S. NADALIN, cobrindo todo esse período.

A ampliação da pesquisa, tanto no que se refere ao período de 1920 a 1962, quanto no que se refere às fontes da Igreja Luterana, envolveu-me por um tempo muito longo com os dados primários. Esse trabalho foi necessário, uma vez que, na primeira apuração das fichas que serviriam para a reconstituição de famílias, mostrou-se inviável a pesquisa com os alemães católicos, principalmente pelo pequeno número de famílias cuja observação foi possível finalizar.

Por fim, fiz mais uma manipulação das fichas, com o objetivo de ampliar a amostra de famílias cujo final de observação fosse identificado. Efetuei a separação das fichas para detectar o último registro de elementos do grupo enquanto padrinhos de batismo e testemunhas de casamento. Tal dado foi utilizado para sinalizar o fim da observação de determinada família e permitir fechar um número bem maior delas.

Após as explicações dos critérios de eliminação das fichas de famílias fictícias, pretendo apresentar três quadros que mostram a evolução deste trabalho e o que isso significou para a rentabilidade da reconstituição das famílias (Quadros 1, 2 e 3).

QUADRO 1 - ALEMÃES CATÓLICOS EM CURITIBA  
CLASSIFICAÇÃO DAS FICHAS DE FAMÍLIAS  
CASAMENTOS DE 1850 A 1919  
MOMENTO I

Categoria			Total	Índices de rendimento (MF / M)
	F	O		
M	78	1011	1089	7,2 %
E	143	2132	2275	
Total	221	3145	3364	

Obs: Esse primeiro quadro foi elaborado anteriormente à ampliação do período atingido pela pesquisa.

QUADRO 2 - ALEMÃES CATÓLICOS EM CURITIBA  
CLASSIFICAÇÃO DAS FICHAS DE FAMÍLIAS  
CASAMENTOS DE 1850 A 1919  
MOMENTO II

Categoria			Total	Índices de rendimento (MF / M)
	F	O		
M	285	804	1089	26,2 %
E	333	1900	2233	
Total	618	2704	3322	

Obs: Esse quadro é resultado da manipulação dos dados referentes a nascimentos, casamentos e óbitos dos alemães católicos. Foi elaborado após a extensão do período estudado. Mostra, pela complementação dos dados, como foi possível fechar um número maior de famílias e reduzir mais famílias fictícias.

QUADRO 3 - ALEMÃES CATÓLICOS EM CURITIBA  
CLASSIFICAÇÃO DAS FICHAS DE FAMÍLIAS  
CASAMENTOS DE 1850 A 1919  
MOMENTO III

Categoria			Total	Índices de rendimento (MF / M)
	F	O		
M	380	794	1174	32,4 %
E	469	1592	2061	
Total	849	2386	3235	

Obs: Esse quadro resultou do confronto com as fichas de famílias luteranas e da manipulação dos nomes de padrinhos de batismo e de casamento dos alemães católicos; mais uma vez se observam eliminação de famílias fictícias e ampliação do quadro de famílias MF e EF.

Esses quadros mostram a alteração na rentabilidade da reconstituição das famílias alemãs católicas. A modificação se deu após várias manipulações que permitiram - a partir do aumento da amostra de famílias estáveis do grupo - eliminar o maior número possível de famílias fictícias, como também fechar o maior número possível das observações. As tentativas para possibilitar a análise de um maior número de famílias estáveis (MF - EF) foram necessárias, porque os indicadores conseguidos inicialmente prestavam-se muito mal à análise da fecundidade do grupo. Ainda assim, não será possível dividir o estudo do grupo em dois períodos para muitas das variáveis analisadas, o que no caso, possibilitaria um estudo comparativo entre os alemães católicos.

Percebe-se, pelo relato até o momento, que duas dificuldades comuns no caso da reconstituição de famílias foram assinaladas também para o grupo alemão católico: a primeira em relação ao nome e sobrenome dos alemães, que variavam muito de um registro para outro; a outra dificuldade, não menos preocupante é a da mobilidade do grupo, que acaba resultando numa reconstituição com um rendimento não muito significativo para as análises propostas pela da Demografia Histórica.

Uma outra característica que demonstra o quanto pode ser custoso esse empreendimento é o tempo requerido para a reconstituição de família: "Reconstituir famílias é uma tarefa de paciência que, seguramente, constitui a parte mais laboriosa dos trabalhos de arrolamento e preparo dos resultados nas pesquisas de demografia retrospectiva. É, porém, a base mais sólida para os estudos da fecundidade e tem como ponto de partida a família conjugal". (BALHANA; NADALIN, 1980, p. 5). Se reconstituir famílias é reconhecidamente um processo lento e difícil, há de se ter em conta que esse processo, no caso brasileiro, é ainda mais complicado, pois, em função

da qualidade dos dados, exige o cruzamento de fontes, o que implica um investimento maior de tempo de pesquisa, tornando a tarefa mais árdua. Daí talvez a fuga do processo mais formal da demografia e uma busca de outras alternativas para trabalhar com os dados demográficos.

Após essa manipulação dos dados feita artesanalmente, surgiu a possibilidade, já assinalada, de trabalhar com sua informatização<sup>9</sup>

O *software SYGAP* segue o modelo de técnicas de análise desenvolvidas por Fleury e Henry e adota basicamente o mesmo procedimento de cálculo desses dois autores (HENRY, 1972 e 1977).

Em função da informatização, optei por deixar as fichas de famílias em ordem alfabética a partir do nome do pai e procurei juntar as famílias por várias gerações, pela ordem do membro mais velho da família. Para cada família, foi destinado um número para o casamento e um número para o indivíduo.

Por isso, do total de famílias referenciadas no Quadro 4, 1 337 foram criadas a partir dos casamentos dos filhos; para essas famílias, não se tem informação sobre a presença dos pais na paróquia. A criação dessas famílias servirá para um posterior trabalho sobre genealogia. Ao mesmo tempo também explica o grande aumento

---

<sup>9</sup> Com as técnicas da informatização, já largamente utilizadas por estudiosos da Demografia Histórica, foi desenvolvido esse *software* denominado *SYGAP* que pretende agilizar o trabalho, principalmente no que concerne aos cálculos e à variabilidade dos objetos de trabalho. A utilização desse *software* no Brasil é ainda inédita e a nossa tentativa pioneira de utilizá-lo foi, sem dúvida, um desafio que exigiu uma fase de compreensão e adaptação do sistema à realidade singular dos dados.

do número de famílias EO - de 1 592 para 2 929 - devido a inclusão artificial desses casais no conjunto das fichas de famílias reconstituídas.

Essas fichas de famílias são igualmente abertas utilizando-se outras informações que indiquem sua presença, seja pelo batizado de um ou mais filhos, ou pelo casamento dos filhos, sepultamento de um dos cônjuges ou de um filho. São famílias ("E") em que o casamento é realizado em outra localidade ou paróquia, mas que podem se tornar famílias ("EO"), cuja passagem seja apenas eventual, como, por exemplo, pelo batizado de um filho, ou então se tornar um membro estável ("EF") da comunidade, permitindo acompanhar, por um longo tempo, sua existência. O Quadro 4 mostra como ficam classificadas no total essas famílias, em valores absolutos e relativos, segundo alguns critérios.

QUADRO 4 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO EM CURITIBA  
TIPOLOGIA DAS FAMÍLIAS  
1850 - 1919

UNIÕES	1	%	2	%	TOTAL	%
MF	137	3.0	243	5.3	380	8.3
MO	156	3.4	638	14.0	794	17.4
EF	120	2.6	349	7.6	469	10.2
EO	545	12	2384	52.1	2929	64.1
TOTAL	958	21.0	3614	79.0	4572	100.0

Nota: MF: União que tenha um registro de casamento e uma data de fim de união.  
MO: União que tenha um registro de casamento, porém não conste o fim da união.  
EF: União que tenha uma data de fim de união e uma data de casamento deduzida.  
EO: União sem data de casamento e sem data de fim de união.

Essa classificação diferencia igualmente as uniões em que a mulher tem uma data de nascimento precisa ou deduzida daquelas que não as tem (fichas 1 e 2)

Mesmo não se levando em consideração as famílias criadas artificialmente, temos um número significativo de casamentos EO, ou seja, de casamentos ocorridos fora da paróquia, cuja passagem pela mesma é ocasional. Pode-se afirmar com segurança que mais de 50% dessas famílias só aparecem na paróquia pelo batismo de um filho e depois desaparecem, o que pode significar uma mudança de cidade, de paróquia ou de não frequentar templo religioso.

Além dessas famílias EO, que representam 56,4% ( ver Quadro 3) das famílias que elegi como grupo alemão católico, estão incluídas mais 17,4% formadas por famílias MO; o que significa que 73,8% ( calculado sem as 1 337 famílias criadas artificialmente) são de famílias instáveis, não sendo possível acompanhar o casal até a dissolução da união, que ocorre com a morte de um dos cônjuges, ou pela presença constatada de ambos na paróquia até o fim da observação, que, neste caso, dá-se em 31.12.1919.

Para o funcionamento do sistema, foi desenvolvido um número de *drapeaus* que definem para o usuário e para o procedimento dos cálculos qual o tipo de família, se é MF, MO, EF ou EO; define se o nascimento ocorreu em Curitiba ou fora dela, se o nascimento foi reencontrado a partir de um outro registro, se o óbito foi encontrado na paróquia ou fora dela, ou se não foi encontrado, se foi deduzido aleatoriamente ou a partir de alguma outra informação. O Quadro 5 apresenta a população estudada e os *drapeaus* definidos e seus respectivos significados.

QUADRO 5 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO EM CURITIBA  
ESTATÍSTICAS GERAIS DOS REGISTROS

Drapeau	DATEN (1)	DATED (2)	DATEM (3)	DATEFU(4)
[ ]	-	-	-	3723
1	7321	1676	1080	80
2	-	-	94	174
3	1213	43	2141	595
4	-	7	1	-
5	1422	-	121	-
7	554	-	-	-
8	30	-	-	-
9	6191	15005	1135	-
TOTAL	16731	16731	4572	4572

OBS: Total de indivíduos: 16 731      Total de uniões: 4 572

Homens: 8 428

Mulheres: 8 303

NOTA: Detalhamento dos *Drapeaus* (regras de codificação):

(1) DATEN - *Drapeaus* das datas de nascimento:

- 1 São de registros que contêm a data completa do nascimento.
- 2 Não utilizado.
- 3 Data de nascimento deduzida ou calculada a partir de uma data declarada em outro registro.
- 4 Não utilizado.
- 5 Data de nascimento fora do período de observação (antes de 1850 ou após 1919).
- 6 Não utilizado.
- 7 Data de nascimento de indivíduos do sexo masculino nascidos fora da paróquia.
- 8 Data de nascimento de indivíduos encontrada através de outras fontes.
- 9 Data de nascimento atribuída aleatoriamente pelo pesquisador.

(2) DATED - *Drapeaus* das datas de óbitos ou sepultamentos:

- 1 Data do registro de falecimento ou sepultamento.
- 2 Data de registros de nascidos mortos.
- 3 Data atribuída pelo pesquisador, com base em alguma data em que o indivíduo aparece pela última vez, vivo, na paróquia.
- 4 Data atribuída pelo pesquisador.
- 5/6/7/8 Não utilizados.
- 9 Data de falecimento atribuída pelo pesquisador.

(3) DATEM - *Drapeaus* dos registros de casamentos:

- 1 Casamento com registro na Paróquia N. S. da Luz.
- 2 Casamento com registro na Igreja Luterana.
- 3 Casamento deduzido a partir do primeiro filho nascido na paróquia, subtraído de nove meses.
- 4 Casamento deduzido a partir do casamento do primeiro filho, subtraído de 15 (quinze anos), ou da data de casamento da primeira filha conhecida menos 12 (doze anos).
- 5 Casamentos com registro ou deduzidos, cuja observação tem início antes de 1850 ou depois de 1919.
- 6/7/8 Não utilizado
- 9 Data definida aleatoriamente pelo pesquisador.

(4) DATEFU - *Drapeaus* das datas de Fim de União/Fim de Observação:

- 1 Quando as datas de óbitos dos dois cônjuges são exatamente conhecidas.
- 2 Quando apenas a data de óbito do primeiro cônjuge a morrer é conhecida.
- 3 Datas conseguidas através de documentos diversos comprovando a presença do casal na paróquia em determinada data, fim provisório de união.

Este capítulo mostra que a preocupação com os critérios adotados visou obter o máximo de resultados seguros, a partir de uma documentação extraída dos registros paroquiais. Os procedimentos descritos levaram à obtenção de um conjunto de informações consideradas significativas, desde que tomadas em função do grupo em estudo, da documentação consultada e dos propósitos deste trabalho.



### **3 O IMIGRANTE ALEMÃO E SEUS DESCENDENTES EM CURITIBA**

*A Cultura original de um grupo étnico na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste. (CUNHA, 1979)*

### 3.1 O SÉCULO DEZENOVE E A EMIGRAÇÃO

O crescimento demográfico na Europa a partir do século XIX, aliado à sua evolução técnica e econômica, age como um estimulante e determina movimentos migratórios que permitem certa adaptação da oferta à procura no mercado de trabalho. Esse processo migratório vai propiciar a concentração urbana e o desenvolvimento da indústria e do comércio.

No entanto, as condições não são favoráveis para grande parcela da população que, temporária ou definitivamente, expatria-se, motivada, por um lado, pelo sentimento de algum tipo de insegurança e inadequação em seu ambiente social original, e, por outro, pela intensa propaganda realizada por associações religiosas, companhias de navegação, companhias colonizadoras e pelos países interessados em receber esse afluxo de imigrantes.

Um conjunto de circunstâncias, como o desenvolvimento e a popularização dos meios de transportes, impossibilidade de acolher nas cidades todos os erradicados dos campos, liberdade para o emigrante ir embora e instalar-se em vastas áreas ainda vazias, concorreu para a dispersão da população européia no século XIX.

Esses fatos vão contribuir como propulsores dos movimentos de população, embora o seu fundamento se alicerce no desenvolvimento do capitalismo, que não pode ser dissociado dos processos migratórios.

Particularmente a Alemanha participou com grande parte desse contingente migratório, cujos componentes procuraram fugir, inicialmente, das crises que

antecederam à sua Unificação. Emigravam, então, nesse período, filhos de camponeses cujas propriedades tinham atingido a condição de minifúndio e artesãos incapazes de encontrar ocupação nos estreitos mercados das cidades .

Olhando o conjunto da situação alemã no século XIX, pelo menos até 1871, temos vários pequenos estados conturbados por uma série contínua de revoluções e guerras, com uma estrutura econômica mais ou menos instável. Nesse contexto, os camponeses formam a maior parte dos grupos de emigrantes, juntamente com contingentes fugidos das revoluções de 1830 e 1848. Segundo estimativas, não muito precisas, cerca de cinco milhões de alemães deixaram sua terra de origem durante o século XIX, forçados pela precariedade político-econômica. (SEYFERTH, 1974, p. 27).

Além dos aspectos sócio-econômicos que explicam a migração alemã, outra razão, não menos importante, vem aliar-se a eles: o fator político. Dessa forma, um novo contingente populacional formado pelos liberais que se colocavam contra as monarquias conservadoras é forçado a emigrar.

Contudo, num segundo momento, no último quartel do século, o desenvolvimento industrial:

[...] fez surgir um excedente populacional diferente: artesãos e trabalhadores da indústria doméstica arruinados pela concorrência das grandes empresas; proletários lançados ao desemprego pelas crises de conjuntura; camponeses tornados redundantes pela revolução agrícola. (SINGER, 1968, p. 378).

Esses fatores repulsivos vão encontrar eco nos atrativos países da América, ávidos por receberem esse excedente populacional europeu.

De um modo geral, a imigração nos países latino-americanos se enquadra numa idéia que confunde a máxima "governar é povoar", com a supervalorização de certas etnias como apropriadas à imigração. Contava-se como importante não só o número de pessoas a imigrar, mas a experiência que pudessem trazer consigo. A busca seletiva de imigrantes na Europa rural setentrional exteriorizava esses preconceitos. (NADALIN, 1978, p. 26).

Dentre os países americanos, o Brasil, particularmente, procurou incentivar o fluxo migratório durante o século XIX, preocupando-se, inicialmente, em substituir o trabalho escravo pelo do imigrante assalariado europeu.

Enfim, tratava-se de uma política que visava preencher vazios demográficos, e que se exteriorizou em uma série de medidas tomadas pelo poder a fim de atrair o imigrante. O texto legal de 16 de março de 1820 convidava europeus, especialmente alemães, a se instalar no país, em pequenas propriedades agrícolas. Está implícito no texto um dos objetivos da imigração: a criação de uma escola de agricultura, de criação e artesanato para a população nativa. (NADALIN, 1978, p. 29).

A imigração no Brasil de um contingente populacional não foi processo fácil, gerando muita controvérsia aqui, bem como em alguns estados alemães, na época em que esse movimento se iniciou. Houve reações condenando a idéia e alertando os alemães sobre as condições que encontrariam no País, inclusive da possibilidade de serem transformados em escravos.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Sobre a condição de escravos a que foram submetidos alguns colonos alemães, temos o excelente depoimento de Davatz. Trata-se de uma narração dramática da revolta dos colonos contra o fazendeiro

Um exemplo dessa controvérsia reside na figura do Major Schaeffer<sup>2</sup> e suas promessas não cumpridas em relação aos alemães por ele contatados: indivíduos vinham para cá com a promessa de se tornarem trabalhadores em fábricas ou colonos e acabavam obrigados a se incorporarem ao serviço militar; os primeiros protestantes vieram com a promessa de liberdade de culto e não foram atendidos.

A febre da emigração continuou a atrair mais gente. O esforço das autoridades governamentais alemãs de desviar os candidatos à emigração de suas intenções - mediante a descrição dos perigos da viagem por mar, do indigno tratamento e da desumana alimentação durante a travessia, das atribulações, doenças e problemas de todos os tipos - foi recebido com desconfiança, como também se deu pouca fé às notícias dos jornais e aos outros folhetos que desaconselhavam a emigração.

Mesmo sendo o único estado alemão a proibir a emigração alemã para o Brasil, o governo de Baden foi obrigado, dois anos após, isto é, em 1826, a rever sua posição, pois a emigração acontecia sem permissão oficial. Dessa forma, o governo adotou algumas medidas restritivas, tal como outros estados alemães (Prússia, Decreto de Heydt, 1859; Württemberg) já o estavam fazendo. No entanto, as medidas restritivas

---

Vergueiro em São Paulo; mostra como funcionou o sistema Vergueiro de Parceria, e como foi que principalmente a partir da revolta que liderou na fazenda Vergueiro e das denúncias que fez nesse documento que o sistema de parceria foi completamente modificado. (DAVATZ, 1951).

<sup>2</sup>O Major Schaeffer, *Agent d' Affaires Politiques* de D. Pedro I (1824-26), foi enviado à Europa pouco antes da Proclamação da Independência, a fim de angariar soldados para o *Corps d' Étrangers*, em formação, e colonos para povoarem as zonas fronteiriças do sul, únicas ameaçadas do Império. O único estado alemão a proibir totalmente a emigração alemã para o Brasil foi o governo de Baden (24.06.1824), principalmente pelo aumento significativo de emigrantes dessa região após o aliciamento do Major Schaeffer. O governo de Baden não dispunha de boas referências sobre sua atuação. A maior acusação ao Major Schaeffer refere-se ao agenciamento de 345 reclusos em Mecklemburgo em 1824, deportados com o apoio total do governo local.

adotadas por alguns estados alemães não conseguiram reduzir o fluxo de imigrantes para o Brasil.

Alheia aos debates, a emigração ocorria. A título de ilustração, trago o depoimento de um emigrante que veio para o Brasil (Joinville, SC), e que fez o trajeto da remigração para Curitiba. Ele dá um depoimento da saída de sua cidade natal e do clima que envolveu esse momento:

[...] em fins de setembro de 1854, uma multidão de pessoas se dirigia lentamente da cidade de Glauchau para fora. Algum estranho que observasse estes romeiros, provavelmente julgaria que se tratava de um cortejo fúnebre, em que um ente querido estava sendo levado para sua última morada. Não era este o caso. Tratava-se de gente cansada da Europa, ou seja emigrantes que decidiram trocar a sua velha pátria por uma desconhecida e distante terra. [...] o nosso destino era Joinville (Dona Francisca). [...] entre os cidadãos alemães, devido aos acontecimentos dos anos de 1848-1849, o sonho de uma Alemanha unida tinha terminado com o fracasso da revolução. Este sonho colocado a uma distância inatingível deixou muitos alemães desiludidos do futuro e dispostos a aceitar o convite para emigrar. (STROBEL, s/d, p. 19-20).

STROBEL relata ainda, que seu pai tinha melhores condições de vida lá na Alemanha do que a que conseguiu aqui no Brasil. Ele era filho de um pequeno camponês, mas já havia conseguido desenvolver uma profissão (carpinteiro) que lhe dava uma condição melhor do que ser camponês. Ao vir para o Brasil, por conta própria, não conseguiu dar à sua família uma condição digna de vida nos primeiros anos da imigração. Narra também sobre a melhor sorte que tiveram aqueles que vieram sem família, pois, em menos tempo, tiveram oportunidade de ascender e sobreviver nas condições impostas pela colonização.

Por essas informações, é possível expressar a dificuldade que grande parte dos imigrantes teve, mesmo vindo com um mínimo de economia ou mesmo com uma profissão definida no início dessa colonização. A situação se altera para os outros

fluxos migratórios que, ao chegarem no Brasil, já encontraram, no caso de Joinville e Curitiba, posteriormente pela remigração, cidades com estrutura para acolher os que não pretendiam ficar trabalhando como colonos.

Há uma polêmica em torno da origem social dos imigrantes. Teriam eles, em sua maioria, vindo das cidades alemãs; teriam eles, em sua maioria, uma origem camponesa; seriam eles, em sua maioria, colonos pobres e sem recursos?

Alguns autores afirmam que a maior parte dos emigrantes alemães que vieram para o Brasil eram habitantes das cidades (WILLEMS, 1980, p. 53, BREPHEL DE MAGALHÃES, 1993, p. 22). No entanto, uma pesquisa feita em Santa Catarina (SEYFERTH, 1974, p. 27-28) mostra que a maioria desses emigrantes eram camponeses que, tendo deixado o campo, se dirigiram para as cidades, onde foram engrossar o proletariado que a fome, o fracasso das revoluções e as guerras sucessivas acabaram forçando à emigração. Confirmando a tese de SEYFERTH, tem-se a pesquisa realizada para Curitiba que aponta pelo menos até a década de 1890 a origem camponesa de grande parte dos imigrantes alemães. (NADALIN, 1988, p. 68-71). Isso significaria que grande parte dos alemães era de origem rural, com uma passagem pelas cidades alemãs. Penso que essa polêmica ainda não está resolvida.

Sabe-se que houve, oficialmente, um incentivo, principalmente para os trabalhadores agrícolas, mas, na realidade, a emigração para o Brasil contou com muitos artesãos dos mais diversos ofícios, técnicos industriais e comerciantes com iniciativa própria, assim como com alguns profissionais liberais, como farmacêuticos, médicos, professores e pastores.

A colonização baseada no regime da pequena propriedade agrícola não teve somente alcance demográfico, mas, principalmente, econômico, cultural, social e, em certo grau, político. Não teve objetivos meramente agrícolas, acompanhando a fundação de vilas e cidades em suas manifestações mais expressivas, principalmente nas três províncias sulinas e no Espírito Santo.

### 3.2 CURITIBA: CENÁRIO DA REMIGRAÇÃO

O Paraná, mesmo inserido nas províncias sulinas, apresenta peculiaridades, pois recebeu principalmente alemães e descendentes egressos de outras áreas de colonização do sul do país. A fundação de núcleos coloniais, com o objetivo de ocupar vazios demográficos, não teria sentido na região, uma vez que o planalto, principalmente o Curitibano, caracterizava-se por uma alternância de pequenas manchas de mata e grandes manchas de campo, diferenciando-se, portanto, das florestas compactas apresentadas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, terras mais apropriadas à agricultura.

Até a terceira década do século XX, a base de sustentação da economia paranaense foi a atividade extrativista do mate e da madeira, voltada para o mercado externo. Embora a extração da madeira tivesse se desenvolvido progressivamente nesse período, a atividade ervateira constituiu o alicerce da economia e a principal fonte de renda e de ocupação da população e do Estado. (BALHANA, et al., 1969, p. 131).

Duas observações podem ser destacadas sobre o comportamento da economia ervateira paranaense durante as oitos décadas entre a emancipação do Estado



e a grande crise de 29. De início, um comportamento bastante hegemônico, que, a partir de 1914, começa a perder importância na economia paranaense. Desde então, a receita estadual, advinda dos impostos sobre exportações, passa a ter um comportamento quase independente da arrecadação do imposto sobre a exportação de mate. Tal comportamento é possível graças à participação crescente de dois outros produtos: o café, fundamentalmente e, secundariamente, a madeira. (PADIS, 1970, p. 83).

Até a emancipação da Província do Paraná (1853), foram poucos os incentivos à instalação de núcleos coloniais no Estado.<sup>3</sup> Até esse momento, haviam sido fundadas as colônias alemãs de Rio Negro (1829), em seguida a Colônia Tereza (1847), fundada no Ivaí por franceses, e o terceiro núcleo em Superagüi (1852), formado por suíços, franceses e alemães, como parte de uma política do Governo Imperial de povoar vazios demográficos.

Na época da emancipação do Paraná, sua futura capital se constituía num centro urbano rudimentar, evidenciado pela dispersão de seus habitantes, vinculados a atividades de subsistência, e às indústrias extrativas, sobretudo do mate, e ao comércio do gado. Seu setor econômico terciário era pobre, em virtude da estrutura tradicional que caracterizava Curitiba, constituindo sua importância principalmente no fato de ser centro político-administrativo. (NADALIN, 1978, p. 70).

---

<sup>3</sup> O número pouco significativo de imigrantes antes desse período se explica pelo isolamento da região em relação aos centros de decisão e pelo descaso da administração de São Paulo para com os problemas do Paraná. Resultou desse descaso todo o movimento da emancipação política do Paraná.

Curitiba, área de interesse deste trabalho, recebeu principalmente alemães e descendentes egressos de outras áreas de colonização do sul do país. A primeira leva de imigrantes alemães chegou a Curitiba vinda da colônia Rio Negro, já na década de 1830, portanto, logo após a sua chegada em Rio Negro (1829). A segunda leva veio da Colônia Dona Francisca (Joinville, SC), a partir de 1850.

Por que Curitiba foi a cidade escolhida para a remigração alemã e descendentes. Seja ela de Rio Negro, do Litoral do Paraná, de Santa Catarina e, num período mais recente, do interior do Paraná?

O Governo Provincial, a partir de uma política própria de imigração, procurou incentivar a criação de núcleos de colonização, com a preocupação precípua de utilizar os imigrantes em obra públicas, principalmente na construção de estradas, e de criar uma agricultura de abastecimento.

Entre as décadas de 1860 e 1870, ainda com o incentivo do Governo Provincial, as cercanias de Curitiba foram povoadas por diversos núcleos migratórios, incluindo várias etnias (poloneses, italianos, franceses, suíços e ingleses), numa distância da capital de 2 a 20 quilômetros. Como incentivo a essa colonização, o governo estadual subvencionou a doação de meia légua quadrada para os colonos que, espontaneamente, quisessem nela fundar estabelecimentos agrícolas; cada família recebia o equivalente a 10 hectares, aproximadamente. (MARTINS, 1955, p. 50).

Nesse mesmo período, ocorria a remigração alemã para Curitiba. Estes imigrantes foram sendo instalados nos arredores de Curitiba, principalmente nas partes norte, noroeste e nordeste, em pequenas chácaras. A busca de um local, com clima mais

ameno, com maiores possibilidades de trabalho e melhores condições de vida, fez com que os imigrantes saíssem de Joinville e do litoral do Paraná com destino a Curitiba. Enfrentar todo o litoral e a Serra do Mar,<sup>4</sup> com família - mulheres e crianças -, dá uma idéia do desespero desses imigrantes e da dificuldade que foi o processo de emigração.

LALLEMENT, viajante, quatro anos após a aventura de Strobel e de muitos outros alemães, decide pelo caminho - via Serra em direção de Ambrósios - recusado por STROBEL, por ser muito perigoso e infestado de "bugres".

Jamais pé humano pisara esta região, jamais o olho dum viajante contemplara o maravilhoso espetáculo natural. Éramos os primeiros civilizados que em fastigante e perigosa peregrinação penetrávamos até aqui [...]. Na ausência de um caminho definido, alguns homens iam na frente da expedição, munidos de facão, derrubando o mato. Muita chuva, pouca comida, abrigos improvisados e o perigo de um encontro com índios selvagens. Os "bugres" representavam uma constante ameaça e nada parecia amedrontar mais os homens da região do que eles: Nada - nem a solidão, nem o horror da mata [...], nem os animais ferozes - amedronta estes homens: só a palavra "bugres" os faz estremecer e empalidecer; só pensar neles já os perturba. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 235-241).

Somente no ano de 1855 mais de 250 imigrantes abandonaram a região de Joinville para se instalar em Curitiba (BALHANA et al., 1969, p. 71) *apud* NADALIN, 1978, p 73). Esse dado aponta uma remigração considerável antes mesmo de a estrada que liga Joinville a Curitiba ficar pronta (1858). É fácil imaginar como esses números devem ter aumentado após esse período.

---

<sup>4</sup>Havia três opções de caminhos até Curitiba: via Serra em direção de Ambrósios, caminho perigoso; via marítima através do porto de São Francisco a Paranaguá (uma opção custosa e cheia de dificuldades); e a terceira, pela qual Strobel se aventurou, via Litoral até Paranaguá e de lá a Curitiba.

Segundo WILLEMS, em Joinville, os primeiros anos de colonização revelam um grau considerável de **desajustamentos**. Dos 8 mil imigrantes de 1850, somente um terço se havia tornado sedentário em 1860. Quarenta anos mais tarde, Gernhard menciona o peneiramento que os colonos de Joinville sofreram, acrescentando que os "maus quase todos saíram". (WILLEMS, 1980, p. 56). Esse peneiramento sugerido por Gernhard, segundo WILLEMS, se deve, em parte, à inexistência de solidariedade ou mesmo a antagonismos mais ou menos profundos entre imigrantes alemães novos e antigos ou teuto-brasileiros; existia, segundo o depoimento de um colono, "uma atmosfera de desconfiança generalizada e uma luta estéril de todos contra todos". Esses "maus colonos" provavelmente migravam em busca de um lugar não tão aterrador como o encontrado em Joinville nos primeiros anos da colonização, assim como pela inexperiência com a mata nativa, ou por serem cidadãos mesmo e não estarem acostumados com a vida na colônia. Por isso, muitas vezes, os "maus" não se sujeitavam às condições impostas.<sup>5</sup>

Muitos remigrantes saídos de Joinville se instalaram, inicialmente, em Rio Negro (Pr); alguns ficavam naquela colônia e outros continuavam o deslocamento até fixarem residência em Curitiba. O mesmo aconteceu com aqueles que migravam para São José dos Pinhais (Pr).

---

<sup>5</sup> WILLEMS trata dos conflitos de Joinville enquanto desajustamentos. Estes não ocorreram unicamente naquele núcleo colonial. Em outras áreas, como a de Brusque, estudada por SEYFERTH (1988), faz-se uma análise dos conflitos em Santa Catarina e revelam-se as contradições da Política de Colonização com imigrantes e a precariedade com que foi implantada essa política.

O relato de STROBEL, que estou tomando como exemplo, mostra que no seu caso e no de outros que fizeram o mesmo deslocamento espacial, o período de adaptação entre chegar em Joinville e fixar-se definitivamente em Curitiba levou seis anos, enquanto andavam de um lugar para outro próximo da Capital [São José dos Pinhais, Campo Largo].

Curitiba, apesar de ser a Capital da Província, em 1865 era ainda uma cidade com poucos recursos, com pequeno comércio [...], casas baixas e afastadas umas das outras, janelas sem vidros e fechadas com trameças de madeira, ruas tortas, angulosas e sem calçamento, prejudicando o comércio e o trânsito do gado leiteiro. [...] Carros de bois de duas rodas transportavam lenhas e produtos, assim como carretões pesados, também de duas rodas, levavam material de construção. (FUGMANN, 1929, p. 34).

Curitiba, de um cidade pacata, com mais ou menos 6 mil habitantes, sofreu modificações profundas com esses novos contingentes imigratórios no século XIX. Modificações que podem ser observadas na estrutura populacional, no comércio local, na arquitetura da cidade, enfim, em toda a sua vida urbana.

É absolutamente impossível saber com segurança o número de estrangeiros entrados no Paraná desde 1829, não só porque as pesquisas estatísticas sempre foram, a esse respeito, as mais contraditórias e falhas, como ainda por escaparem a todo controle os estrangeiros vindos de outras regiões do país, em particular da província e depois estado de Santa Catarina e que, como é natural, não foram recenseados pelos respectivos serviços. (MARTINS, 1955, p. 76).

Sabe-se, no entanto, pelos censos, que o crescimento relativo da população paranaense foi de 100% a cada 18 anos. O Paraná, de 1853 até 1920, foi o Estado do Brasil que mais cresceu em número de habitantes (PADIS, 1970, p. 32). Curitiba praticamente seguiu a mesma tendência do Paraná. (Quadro 6)

QUADRO 6  
POPULAÇÃO DE CURITIBA ENTRE 1854 E 1890

ANO	TOTAL
1854	6.791
1872	11.730
1890	24.553

Fonte: PADIS, 1970, p. 32.

Com a vinda dos imigrantes, há um incremento na produção e na circulação de produtos agrícolas; de uma agricultura de subsistência, passou-se a praticar uma economia orientada para o mercado:

Agricultores e chacareiros acham-se espalhados em redor da cidade. A sua principal ocupação tem sido trazer lenha, leite, manteiga, ovos, galinhas e verduras á cidade; também no tempo das colheitas trazem fructas como laranjas, limas, ameixas, maçãs, peras amoras, moranguinhos, gavirovas, pitangas, jaboticabas e uvas, além de batatas inlgezas e doces, aipim, tayás, aboboras, quibébês, morangos e pepinos. Alguns tornaram-se carroceiros. (NYEMAYER, s.d, p. 70).

O processo produtivo é feito por toda a família nuclear, ao contrário do que se dava anteriormente, quando o negro e o índio é que garantiam a composição daquelas famílias patriarcais, em que na casa ficavam os senhores e na periferia da grande habitação os escravos. A partir de 1870, começa a se tornar perceptível a marca dos imigrantes na economia e na sociedade paranaenses, e cada período deixará suas marcas próprias. É a partir da introdução do trabalho livre, do poder de decisão do trabalhador autônomo, do pequeno produtor, que se inicia todo o mundo social urbano em Curitiba.

Os colonos situados em locais mais distantes da capital sofriam com a falta de estradas para escoarem seus produtos no mercado curitibano, o que já não acontecia com os alemães que se beneficiaram da localização, e, por isso, foram elogiados por Agostinho Ermelino de Leão em seu relatório: " estado próspero em que se acha o núcleo de população alemã, que se estende por todo o rocio e as vantagens colhidas da agricultura e industria pelos colonos espontâneos ali estabelecidos" (RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA, 1871).<sup>6</sup>

A colonização causou boa impressão no agente oficial de colonização do Império, em 1866:

Não devo, tratando do assunto de colonização deixar passar em silêncio o interessante quadro que apresentam os subúrbios de Curitiba. De tudo quanto vi, na minha longa excursão, foi o Rocio de Curitiba uma das que mais agradável impressão em mim produziram. Vi ali a prova prática, patente, de que podemos ter já imigração espontânea. Nos campos ondulados, que circundam a cidade de Curitiba, formando semicírculo de um dos seus lados, vêem-se pequenas chácaras, com nítidas casinhas algumas de gosto diverso das do país, formando espécies de oásis no meio da relva dos campos. Cuidadosamente cercado ou valado para obstar a danificação pelo gado, o pequeno terreno dessas está todo aproveitado; junto à casa um pequeno pomar de pessegueiros e outras árvores frutíferas; o mais roteado a arado, estrumado e plantado de centeio, cevada, favas, ervilhas e outras hortaliças, forragens e algum trigo: e desses gêneros abastecem o mercado da capital. Os seus habitantes são colonos alemães, que ali vieram espontaneamente (*Apud* MARTINS, 1955, p. 90).

Outras modificações foram introduzidas com a vinda de imigrantes com maior experiência urbana como também pelo redirecionamento de atividades de alguns deles, possibilitado pelo resultado de seu trabalho como produtor agrícola. Autores que trataram da influência alemã e de seus descendentes em certas atividades comerciais e industriais em Curitiba (FUGMANN, 1929; MARTINS, 1955; AULICH, 1953;

---

<sup>6</sup>Não obstante os relatórios tratarem a colonização enquanto espontânea, não se pode perder de vista que houve, em vários momentos, incentivos do Governo Provincial para a vinda desses colonos a Curitiba.

NYEMAYER, s.d, NEGRÃO, 1950; ROMARIO MARTINS, 1941) deixam claro a sua preponderância nessas atividades urbanas.

Essas modificações certamente foram influenciadas pelos diversos grupos étnicos que aqui se estabeleceram, mas tiveram influência no empenho dos grupos empresariais de Curitiba, que, em fins do século XIX e início do século XX, já demonstravam toda a sua preocupação em "modernizar" Curitiba, nos moldes de outras cidades desenvolvidas (Rio de Janeiro e São Paulo). Para isso, eles contavam inclusive com o imigrante, considerado como um trabalhador com conhecimentos técnicos mais avançados e, principalmente, com qualidades de dedicação ao trabalho e à ordem.

O perfil de trabalhador ideal, que devia ajudar a povoar e a "civilizar" o sul do país, encontra-se em um periódico, nos seguintes termos:

Ninguém negará, que o colono allemão seja utilissimo ao paiz, pela sua actividade e intelligencia, indole pacifica, disciplinada e ordeira. A Italia pela afinidade, e pela beleza incomparavel da lingua, pelo poder natural do italiano, pela arte e pela sua admirável resistencia physica e o gosto pela agricultura, e pelo gosto acentuado pela moralidade. O nosso paiz é um deserto e precisa ser povoado não por negros de Barbados ou da Norte América como se está fazendo no Pará, mas por povos não depravados e sim viris trabalhadores. (REVISTA SUL DO BRASIL, 1921) *apud* LUZ, 1992, p. 118).

Essa "superioridade" do trabalhador imigrante e os incentivos do Governo Provincial geraram controvérsias em alguns momentos na sociedade curitibana. O "Jornal do Comércio" (1898) levantou essa polêmica sobre o que a sociedade entendia ser um tratamento discriminatório dispensado pelos governos aos trabalhadores nacionais com vantagens concedidas aos de origem estrangeira. Levantava a questão do etnocentrismo como uma "ingratidão", pois se evitava falar a língua nacional, estendendo



esse ethos aos filhos aqui nascidos, pois os enviavam às escolas das respectivas nacionalidades. (*apud* LUZ, 1992, p. 116).

A hostilidade aos estrangeiros que se evidenciou em Curitiba foi mais diretamente dirigida aos imigrantes alemães e a seus descendentes. Talvez essa hostilidade possa ser explicada, em parte, pela localização dos alemães em áreas muito próximas de Curitiba, isso aliado ao fato de que grande parte dos remigrantes dispunha de uma profissão que favorecia a sua preponderância nos ramos comerciais e industriais da cidade e, principalmente, pela ajuda mútua em Curitiba, o que pode ser evidenciado pelas associações, pelos relatos e pelo apoio aos alemães na Primeira Guerra Mundial. Este último resultou, inclusive, em protestos públicos de empregados e empresários paranaenses, pois alegavam que, com todo o problema de desemprego por que estava passando o Paraná, "Muitas fábricas e casas comerciais, principalmente as que pertenciam a estrangeiros, estariam enviando grandes somas de dinheiro para seus respectivos países, a título de auxílio, devido à guerra". (LUZ, 1992, p. 123-4). Em defesa dos "empresários estrangeiros," Alfredo Heisler, deputado e comerciante, sugere que os desempregados deversem usar o trabalho agrícola como opção para o desemprego, aliviando assim o "problema social" e a sua consciência.

As críticas à "estrangeiromania" não atingiram somente os alemães e seus descendentes; elas vinham de várias frentes que combatiam os excessos de alguns governantes no apoio ao elemento estrangeiro, em detrimento do "nacional". Não alheio a esse debate que se promovia de tempos em tempos na imprensa curitibana, Strobel, em seu relato, explicita claramente sua opinião:

[...] nos primeiros anos da chegada dos imigrantes alemães a Curitiba, os brasileiros admiravam a tenacidade no trabalho e os novos conhecimentos que foram introduzidos nas diversas atividades por eles exercidas. Mas com o passar do anos quando os imigrantes começaram a progredir [...] desagradaram certas castas de nativos daqui da terra. No entender desses elementos, aos alemães e imigrantes de outras nacionalidades [...] caberia apenas cultivar a terra, pagar os impostos [...] o resto, ou seja, a direção da política e condução dos negócios da nação, seria de exclusiva competência dos "donos do Brasil".<sup>7</sup> (STROBEL, s.d., p. 136-7).

Foi uma polêmica que se acirrou principalmente porque, em Curitiba, os imigrantes alemães foram os primeiros a criarem associações de classe, nas quais os operários urbanos se uniam para defesa mútua e outras finalidades. Essas associações representavam a emergência de uma mentalidade sindical e cooperativista. ( NADALIN, 1978, p. 78).

Mesmo elementos da sociedade nacional que, num primeiro momento, defenderam os alemães e seus descendentes, voltavam-se contra a sua organização em associações de classes, que tanto incomodavam os patrões, quando aqueles eram empregados, como o governo, quando a questão era contra ele.

Essa reação e discussões em torno do privilégio destinado aos imigrantes fizeram parte de um movimento nacionalista de caráter defensivo, que propunha a idéia do branqueamento da sociedade brasileira, portanto, uma política assimilacionista. Já para os alemães e seus descendentes havia uma forte influência da Liga Pangermânica, reafirmando a identificação étnica, o fortalecimento dos interesses nacionais alemães e, por isso mesmo, negavam qualquer possibilidade de assimilação.

---

<sup>7</sup> STROBEL afirma: "estas pessoas tem uma visão bastante estranha quanto à tese de donos da terra, pois na minha opinião, os donos da terra são os nativos - índios, pois todos os outros são imigrantes que chegaram ao novo mundo a partir de 1500, sejam eles lusos, negros ou brancos de qualquer origem, e o seus descendentes". (STROBEL, p. 136-7).

Pela análise, percebe-se que em Curitiba, por um determinado momento, o nacionalismo do homem que chega (alemão) é estimulado e defendido; num segundo momento, a sociedade local, motivada por uma campanha de valorização em nível nacional, tenta se impor diante do elemento estrangeiro. Nesse cenário é que se constrói a identidade étnica do grupo e que se formam as famílias de descendentes de alemães em Curitiba, das quais irei me ocupar neste trabalho.

## **4 CASAMENTO, ILEGITIMIDADE E FECUNDIDADE**

*La connaissance de l'action sur la conception, écrit-il, remonte si loin dans le passé, qu'il est impossible de discerner avec clarté et exactitude son origine réelle... A tout le moins, est-il maintenant admis que les populations humaines outre agi sur leur nombre. (HIMES, 1932).*

Proponho-me, neste capítulo, a trabalhar a família alemã católica em Curitiba, tendo como metodologia de base, conforme já foi assinalado, a reconstituição de famílias.

A família alemã católica será analisada levando-se em consideração as distintas fases que envolvem a sua formação (união conjugal) até o seu desaparecimento pela morte de um dos cônjuges. Dessa forma, a fase de expansão começa com o nascimento dos filhos até um tamanho determinado de família e a de retração tem início com as separações, ou quando as mortes passam a subtrair alguns ou todos os membros da família, ou quando os filhos adultos passam a constituir outros núcleos familiares.

Procurando seguir as orientações clássicas da Demografia Histórica, a família será analisada a partir dos registros paroquiais de batismo, casamento e sepultamento nas suas variáveis principais: casamento e reprodução.

Para a variável casamento, alguns dados são importantes na observação do ciclo vital dos indivíduos. Esse ciclo tem início com o nascimento e vai até a morte, passa por uma série de transformações biopsíquicas e, no caminho, é ainda marcado por ritos de passagem. Esses ritos - casamentos, batismos e sepultamentos - são definidos e sofrem atribuições de valores e significados de maneiras diferentes pelas sociedades.

Os estudos sobre nupcialidade demonstram, com certa segurança, a variabilidade que o fenômeno apresenta historicamente em uma dada sociedade. Varia de acordo com usos e costumes peculiares a épocas diversas e a grupos sociais distintos. É o reflexo de uma dada organização social.

Traduzir o comportamento dos alemães católicos com relação ao ritual do casamento é um dos objetivos deste trabalho. Isso será feito a partir da análise no tempo de alguns indicadores como: a idade ao casar, a escolha do cônjuge, a origem dos noivos, a distribuição mensal dos casamentos, o tipo de vínculo que une o casal, bem como a questão da ilegitimidade.

Outro objetivo será a análise da fecundidade do grupo. Essa análise pode ser feita de duas maneiras: uma levando-se em consideração as fichas MF e outra, as fichas EF. Ainda assim, só é possível utilizar fichas que possuam a idade da mãe. As famílias MF e EF são constituídas por aquelas em que foi possível finalizar a observação. Como nem todos os casais permanecem durante a sua vida no grupo, muitos dados se perdem, razão por que, tradicionalmente, as monografias paroquiais, para o estudo da fecundidade legítima, têm priorizado as famílias MF,<sup>1</sup> que contam também com a data exata do seu início e do fim da união, são, portanto, consideradas famílias estáveis por permanecerem num determinado local.

Isso significa que, em razão de dados incompletos, é pequeno o número de famílias que pode servir de análise para os cálculos de fecundidade, interferindo no rendimento da reconstituição. De qualquer forma, não se está preocupado com a quantidade de famílias e, nem com o problema da representatividade das famílias estáveis face ao conjunto das que pertencem ao grupo. Foi aproveitado o maior número

---

<sup>1</sup> Uma experiência de trabalhar com a fecundidade das famílias EF já foi realizada no Paraná com as famílias alemãs luteranas. Os autores concluíram que as famílias "MF", por serem estáveis, apresentam um comportamento diferente das "EF" e, portanto, o resultado da análise envolvendo somente as famílias MF não pode ser estendido ao conjunto da população alemã luterana. (BIDEAU; NADALIN, 1992, p. 163-75).

possível de famílias que evidenciavam traços comportamentais sobre a reprodução e que possibilitaram um estudo comparativo com os alemães luteranos enquanto grupo étnico.

De qualquer maneira, a forma e o nível da fecundidade são muito variáveis de um país para outro e de uma época para outra. Evidência disso são as normas ou os tabus que regulam a sexualidade e a constituição da família desde as sociedades mais simples até as mais complexas, cuja rigidez se expressa nas sanções negativas causadas por sua transgressão, ou pelo impacto social que provocam suas alterações. Além disso, os dados censitários revelaram diferenças importantes de fecundidade dentro das categorias sócio-econômicas geralmente presentes nos inquéritos, tais como local de residência, origem rural ou urbana, ocupação, nível de renda, nível educacional, religião, cor, etnia.

Deve ficar claro, no entanto, que o estudo da fecundidade a partir das fontes paroquiais tem os seus limites nas informações fornecidas e restringe o número de categorias que podem ser analisadas. Nesse caso dos alemães católicos, é possível descobrir algumas evidências sobre a origem rural ou urbana do grupo, sobre a sua religião e sobre a etnia.

#### 4.1 CASAMENTO E ILEGITIMIDADE

Os alemães católicos, conforme abordagem feita no início do trabalho, no período em estudo, encontravam-se numa área urbana ou próximos dela, e que a cidade de Curitiba era relativamente pequena, apesar de ser uma capital. Esse espaço urbano

permitia uma ampla convivência dos alemães com outros grupo étnicos, com a sociedade luso-brasileira e, principalmente, entre os próprios alemães e descendentes.

Os alemães sempre tiveram uma grande preocupação com a educação formal de seus filhos. Incentivavam a criação de escolas e preocupavam-se com o lazer, o que era feito principalmente nas associações. E era justamente nesse convívio com o seu grupo étnico nas escolas, na igreja, nas associações étnicas, que os casais se conheciam e mantinham o número considerável de casamentos intra-étnicos.

Por outro lado, os jovens alemães eram tidos pela sociedade curitibana como bons partidos, excelentes cortes de maridos, pois dividiam com suas esposas os trabalhos e as alegrias. Elogios também eram destinados para as graciosas damas loiras e claras. Generalizações à parte, o fato é que veiculavam pela imprensa esses comentários incentivando os relacionamentos interétnicos (DIÁRIO DA TARDE, 1906, p. 1).

Casar com elementos da mesma etnia e ampliar os laços de convivência foram questões enfrentadas pelos alemães católicos. Com que idade esses jovens se casavam é uma questão que tentaremos verificar a seguir.

**Idade média dos noivos ao casar** - Vários são os fatores que podem interferir nas alterações das idades médias ao casar: econômicos, políticos, sociais, como também elas podem ocorrer em função da dinâmica da composição etária e por sexo da população. É quase óbvio que o desequilíbrio entre o número de homens e de mulheres nas idades do primeiro casamento poderá desempenhar um papel fundamental nos padrões de casamento, acarretando modificações que podem ser até bastante profundas. Essas desproporções podem se originar também da diferença nos números relativos às



várias faixas etárias, devido ao costume quase universal de as mulheres se casarem com homens mais velhos. Isso significa que o controle da fecundidade depende, principalmente, das normas reguladoras das funções femininas e masculinas, apreendidas durante o processo de socialização. (SAMARA, 1979, p. 54).

A preocupação com o número de solteiros elegíveis do grupo e com o desequilíbrio entre os sexos pode ter algum significado para o primeiro período analisado neste trabalho, mesmo porque o universo de opções era bem mais diverso e as oportunidades de casamento não se limitavam aos membros do grupo. Esse fato é perceptível pela mudança comportamental verificada no segundo período em estudo, quando o processo de socialização com a sociedade curitibana como um todo se amplia.

A idade média dos alemães ao casar, da amostra selecionada, para todo o período (1850-1919),<sup>2</sup> fica em torno de 21,3 anos para as mulheres e 25,3 anos para os homens, configurando uma diferença de idade, para todo o período, de quatro anos. Essa média tende a se modificar quando analisada por períodos. No primeiro período (1850-1894), a média é de 21,7 anos para as mulheres e 26,3 anos para os homens; no segundo período (1895-1919), a média para as mulheres e para os homens ficou em 21,3 e 25,3 anos, respectivamente (Quadro 7). Desse modo, observa-se que a idade média ao primeiro casamento, tanto para os homens quanto para as mulheres, teve ligeiro

---

<sup>2</sup> Os quadros que mostram a idade média dos alemães ao casar apresentam um número significativo de indeterminados e portanto, só referenciam 20% dos elementos do grupo selecionado. Conforme já foi referido, grande parte desses indeterminados se concentra nos primeiros trinta anos da pesquisa, período em que esse dado foi omitido nos registros de casamentos. Nos anos posteriores, esses registros já aparecem, mas não de forma sistemática. Com a reconstituição de famílias, algumas datas foram recuperadas, mas, mesmo assim, é esse o quadro que temos para comparar com os dados referentes ao grupo alemão luterano.

declínio de um período para outro. Há uma semelhança grande com os dados obtidos para os alemães luteranos, que se situam entre 21,2 para as mulheres e 26,9 para os homens no período anterior a 1895, e 21,5 para a mulheres e 25,9 para os homens no período de 1895 a 1919. (NADALIN, 1978, p. 250-1).

QUADRO 7 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO - CURITIBA  
 IDADE MÉDIA DOS CÔNJUGES AO PRIMEIRO CASAMENTO  
 1850-1894 E 1895-1919

1850 - 1894											
Homens											
Mulheres	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	50 +	Ind.	Total
10-14			1								1
15-19			31	2	1					23	57
20-24			4	2	1					18	25
25-29				1	1	1				4	7
30-34				1	2					3	6
35-39						1					1
40-44											0
45-49							1	1		1	3
50 +									1		1
Ind.			16	8	3	5	2		1	269	304
Total	0	0	52	14	8	7	3	1	2	318	405
Média	hom.: 26.2		fem.: 21.7		Desvio Padrão		hom.: 7.9		fem.: 6.8		

1895 - 1919											
Homens											
Mulheres	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	50 +	Ind.	Total
10-14		1								3	4
15-19		1	12	3	1					68	85
20-24		1	15	6						53	75
25-29				4						8	12
30-34			1	1						4	6
35-39										1	1
40-44											0
45-49											0
50 +							1		1		2
Ind.		7	67	16	5	1		1	4	462	563
Total	0	10	95	30	6	1	1	1	5	599	748
Média	hom.: 25.4		fem.: 21.3		Desvio Padrão		hom.: 8.4		fem.: 6.1		

Os padrões de idade dos alemães católicos ao casar, além de se aproximarem daqueles dos alemães luteranos que estão situados numa mesma espacialidade, mostram como se verifica esse padrão de casamento com um mesmo grupo (estrangeiros alemães) num mesmo período, porém numa diferente localidade. Em Rio Claro (SP), a idade ao casar dos imigrantes alemães se situa em 26,4 para os homens e 21,1 para as mulheres. (BASSANEZI, 1992, p. 286). Nesse mesmo trabalho, a autora analisa diferentes etnias e mostra que há variabilidade de comportamento entre elas, embora os estrangeiros, de um modo geral, mostrem um comportamento muito parecido, diferenciando-se dos brasileiros, que apresentam uma média de 23,9 para os homens e 20,1 para as mulheres, principalmente nas primeiras décadas analisadas (1870-1900). Porém, no início do século XX, já se assemelha bastante o comportamento dos dois grupos (estrangeiros e brasileiros).

Ao mesmo tempo em que os alemães apresentam uma média superior à de outros grupos imigrantes, a idade ao casar na Alemanha, o local de origem, para um mesmo período, apresentava uma média superior para homens e mulheres no mesmo período. As mulheres prussianas, por exemplo, costumavam casar-se, em média, entre 26 e 27 anos no final do século XIX. (STATISTIQUE INTERNACIONAL, 1907, p. 129).

**Idade combinada ao casar** - Nesses setenta anos em estudo, há uma preferência do elemento do sexo masculino para casar entre 20 e 24 anos com noivas de 15-19 anos, a mesma apresentada pelos luteranos (Quadro 8). (NADALIN, 1974, p. 273).

A faixa etária que apresenta o segundo lugar na preferência é a de noivos com 20-24, casando-se com noivas também de 20-24 anos.

A idade ao casar dos alemães e descendentes, sobretudo para os do sexo masculino, parece mostrar que há influência da tradição alemã de se casar em uma idade mais elevada. Indica também que o ato de migrar e o processo de socialização na nova terra interferiram no padrão de idade ao casar. Isso pode significar que o casamento é encarado como um ato sério e que exige, para ser realizado, um mínimo de economias. Um outro motivo que poderia retardar o casamento seria a determinação dos pais de que os filhos homens somente tivessem sua independência econômica após certa idade.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> STROBEL, ( s.d., p. 94) afirma no seu relato que seu pai obrigava os filhos a trabalharem com ele até aos 24 anos, sem remuneração e, argumentava que esse era um costume da Alemanha.

QUADRO 8 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO  
IDADE COMBINADA DOS CÔNJUGES AO CASAR

1850 - 1894											
Homens											
Mulheres	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	50 +	Ind.	Total
10-14			1								1
15-19			31	2	1					23	57
20-24			4	2	1					18	25
25-29				1	1	1				4	7
30-34				1	4					3	8
35-39						1					1
40-44									1		1
45-49							1	1		1	3
50 +									1		1
Ind.			16	9	3	5	2		1	279	315
Total	0	0	52	15	10	7	3	1	3	328	419
Média	hom.: 26.6		mul.: 22.1		Desvio Padrão		hom.: 8.2		mul.: 7.1		
1895-1919											
Homens											
Mulheres	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	50 +	Ind.	Total
10-14		1								3	4
15-19		1	12	3	1					68	85
20-24		1	15	6						54	76
25-29				4						10	14
30-34			1	1						4	6
35-39										2	2
40-44											0
45-49											0
50 +							1		1		2
Ind.		7	67	16	5	1		1	4	465	566
Total	0	10	95	30	6	1	1	1	5	606	755
Média	hom.: 25.4		mul.: 21.5		Desvio Padrão		hom.: 8.4		mul.: 6.1		

**A escolha do cônjuge** - Assim como é importante, do ponto de vista da nupcialidade, a idade com que rapazes e moças da comunidade se casam, é igualmente significativo, etnicamente falando, **com quem se casam**. Disso resultou um trabalho cuja preocupação centrou-se na frequência de casamentos intra e interétnicos. Utilizou-se da origem dos noivos quando esse dado constava nos registros de casamentos. Na falta desse dado, os noivos foram classificados por meios onomásticos, isto é, distinguidos quando o sobrenome revelasse serem eles de origem germânica.

Dados os quadros de referência já analisados, que apresentam uma característica especial dos alemães católicos radicados em Curitiba, acredita-se num comportamento diversificado dos alemães estabelecidos em colônias isoladas quanto aos critérios de escolha do cônjuge.

Para a década em que se inicia este estudo (1850-59), sempre se observa um comportamento diferente no que concerne às atitudes do grupo frente às outras etnias (ver Gráficos 1 e 2); nesse caso, por exemplo, os casamentos interétnicos superam o de casamentos intra-étnicos, e, apesar de pequeno, o número de casamentos nessa década poderia sugerir uma exogamia do grupo alemão católico, não fosse a excepcionalidade que esses dados representam.

No entanto, com relação a esse primeiro decênio, seria justificativa da existência de casamentos interétnicos o fato de haver poucos imigrantes alemães na capital paranaense, o que forçaria a escolha fora do grupo étnico. Sabe-se que a partir da década de 1830 começam a vir para Curitiba remigrantes de Rio Negro (PR), e, dessa década até 1850, ao que tudo indica, não houve praticamente a vinda de outros

imigrantes alemães. Um outro movimento migratório, já com um número superior de remigrantes vindos principalmente de Santa Catarina, a partir de 1855 (BALHANA, 1972, p. 13), vai influenciar no aumento considerável de casamentos após a década de 1860.

A partir dessa década, há uma pequena superioridade dos casamentos intra-étnicos (ver Gráficos 1 e 2), mantida até a década de 1890, quando novamente os intercasamentos passam a apresentar uma porcentagem superior à dos matrimônios intra-étnicos, permanecendo essa vantagem até o final do período estudado, embora na última década a diferença tenha diminuído.



## QUADRO 9 - ALEMÃES CATÓLICOS EM CURITIBA

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA LUZ

CASAMENTOS INTRA E INTERÉTNICOS

1850-1919

DÉCADA	CASAMENTOS INTRA-ÉTNICOS		CASAMENTOS INTERÉTNICOS		TOTAL
	NA	%	NA	%	
1850-59	(2)	(28,57)	(5)	(71,43)	
1860-69	23	52,27	21	47,73	
1870-79	45	54,22	38	45,78	
1880-89	75	56,39	58	43,61	
1890-99	91	39,39	140	60,61	
1900-09	85	37,12	144	62,88	
1910-19	146	40,33	216	59,67	
TOTAL:	467	42,88	622	57,12	1089

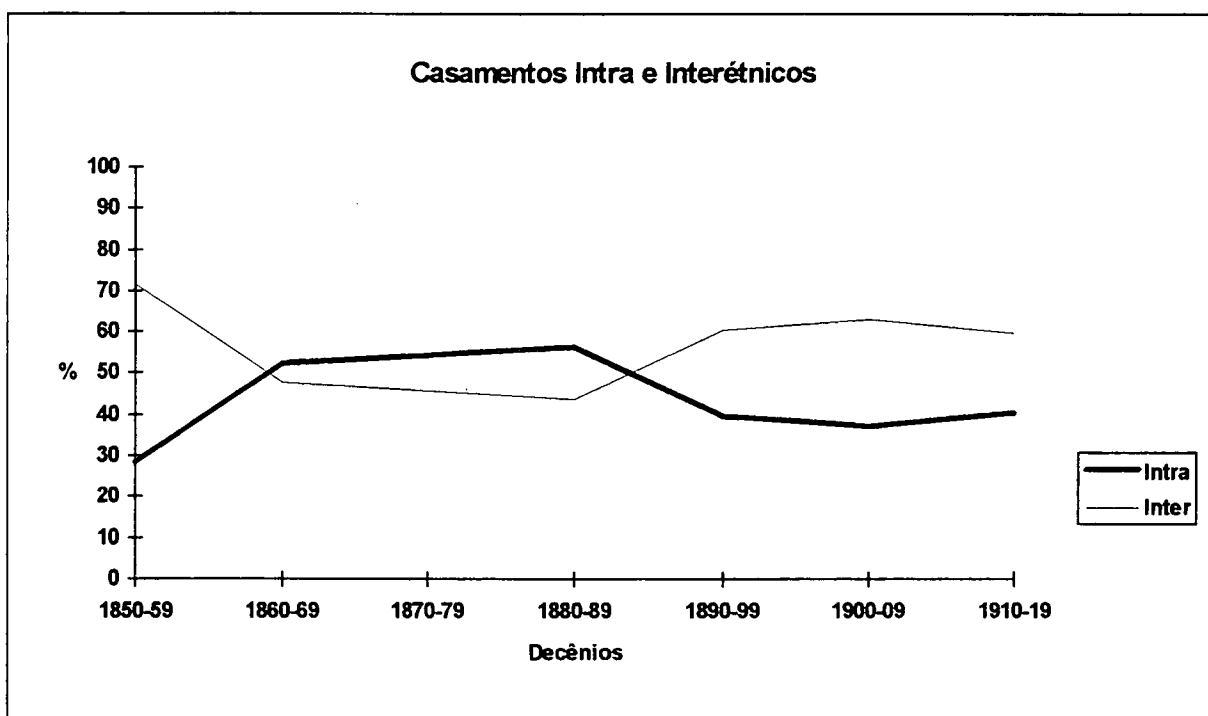


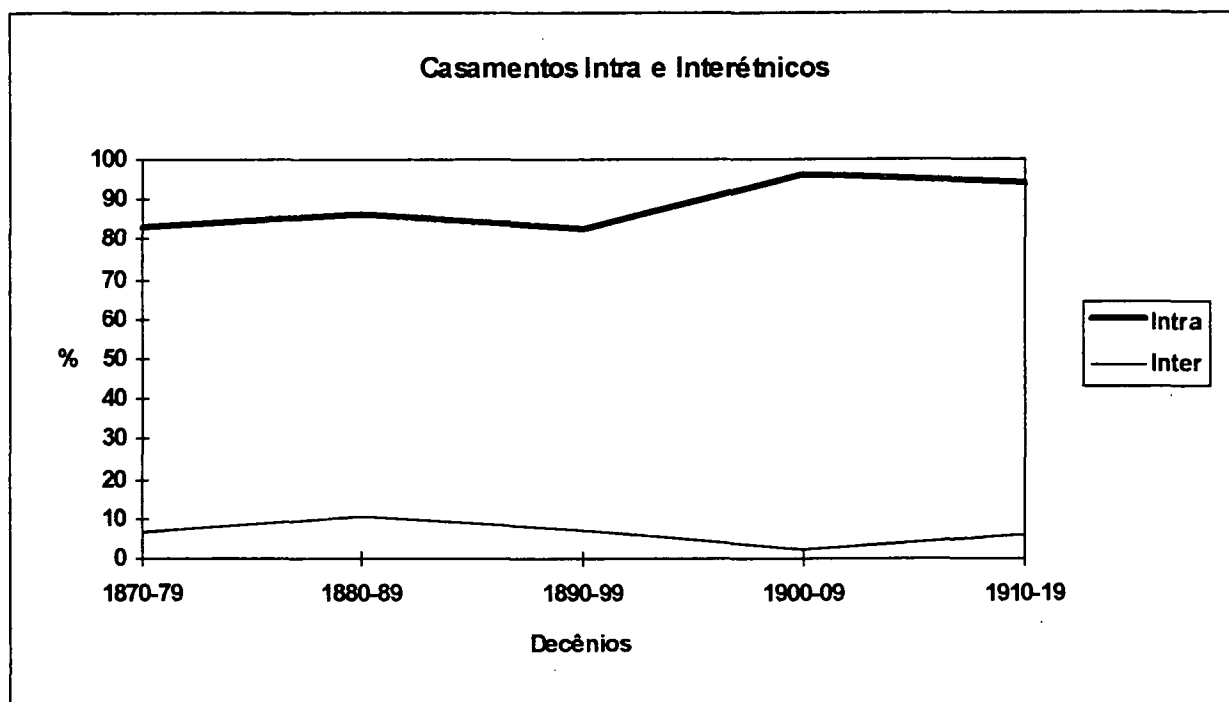
GRÁFICO 1 - PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA LUZ

ALEMÃES CATÓLICOS

1850 - 1919

QUADRO 10 - ALEMÃES EVANGÉLICO-LUTERANOS EM CURITIBA  
 COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DE CURITIBA  
 CASAMENTOS INTRA E INTERÉTNICOS  
 1870-1919

DÉCADA	CASAMENTOS INTRA-ÉTNICOS		CASAMENTOS INTERÉTNICOS		TOTAL
	NA	%	NA	%	
1870-79	104	83,0	8	6,4	
1880-89	202	86,0	24	10,2	
1890-99	192	82,3	15	7,2	
1900-09	172	96,0	5	2,4	
1910-19	196	94,0	12	5,8	
TOTAL:	866	93	64	6,9	930



Fonte: NADALIN, 1978, p. 172

GRÁFICO 2 - COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DE CURITIBA  
 1870 - 1919

A elevação dos índices de casamentos com elementos de fora do grupo étnico, a partir da década de 1890, parece natural, principalmente em Curitiba, devido às condições favoráveis já retratadas anteriormente. No entanto, a sua pequena diminuição justamente na época mais recente da pesquisa chama a atenção, uma vez que pareceria lógico haver uma maior concentração com o passar do tempo, diminuindo ainda mais a porcentagem dos casamentos endogâmicos.

Entretanto, é possível aventar uma explicação para a ocorrência, pois esse último decênio situa-se no período que antecedeu à Primeira Guerra Mundial, caracterizado por uma conjuntura de aumento do fluxo imigratório germânico para o Brasil, que vai atingir o seu ápice nos anos que antecedem a segunda Grande-Guerra.

Desse fluxo, Curitiba recebeu uma parcela de imigrantes alemães, e são talvez esses imigrantes que fazem mudar a tendência normal do comportamento do grupo. Isso explica porque os alemães recém-chegados manifestam preferência em casar com indivíduos de origem germânica, afirmativa essa comprovada por WILLEMS (1949, p. 54). Essa proposição é fácil de ser aceita, levando-se em consideração as condições psicológicas do elemento teuto recém-chegado a um local totalmente diverso do seu local de origem. Por outro lado, se houve influência, em fins do século XIX, da propaganda nacionalista alemã,<sup>4</sup> ela pode ser evidenciada no caso do luteranos; os

---

<sup>4</sup> A Propaganda Nacionalista era veiculada e defendida pela Liga Pangermânica, uma entidade que incluía todos os alemães do mundo, não importando o país em que vivessem. Essa **comunidade nacional** seria possível porque a nacionalidade para o alemão é determinada por direito de sangue e não pelo fato de ter nascido na Alemanha. Por essa razão, o cidadão pode ser vinculado a um Estado, mas não o Nacional. Na concepção Pangermânica, todos os alemães e descendentes de alemães, em todo o mundo, poderiam formar uma unidade nacional sem se constituírem, necessariamente, em traidores dos Estados, dos quais são cidadãos; e, assim, trabalharem para tornar a Alemanha uma forte potência

católicos, pelo menos em se tratando de casamentos, não vão sofrer essa influência, pois os laços de socialização foram se ampliando.

Comparando-se o comportamento dos alemães católicos com o dos alemães luteranos (ver Gráficos 1 e 2), verifica-se uma diferença acentuada nas porcentagens, assinalando esses como um grupo de tendências mais endogâmicas do que aqueles. Essa intensidade com que os alemães luteranos elegem elementos do mesmo grupo étnico nas relações de parentesco é um indicador de que havia uma identificação étnica e que sua identidade social foi assumida pelos luteranos, no caso dos casamentos endogâmicos, de maneira bem mais acentuada que pelos alemães católicos. Portanto, as mudanças evidenciadas com mais profundidade no caso dos alemães católicos, num mesmo espaço de tempo e numa mesma situação de contato, permitem avaliar no comportamento de ambos, a permanência, nesse período, de uma consciência étnica, diferenciada mas existente em ambos. A escolha de testemunha de casamento e de batismo, embora diferenciada de outros alemães católicos situados em colônias (SOARES, 1982, p. 51-127), é também outro indicador que aponta uma preferência por padrinhos da mesma origem étnica, opção essa que vai se alterando no tempo e de acordo com a socialização do grupo com a sociedade majoritária.

Podemos dividir os alemães católicos em dois grupos. Aquele que mantém sua identificação étnica a partir de um casamento intra-étnico, reforçando-a também em outras relações de parentesco como a escolha de padrinhos de casamento e

batizado preferencialmente dentro do mesmo grupo, e aqueles que, ao casar com elementos de outras etnias, passam a ampliar as suas relações também em outros laços de parentesco, sempre mantendo uma fiel representação de elementos do seu grupo étnico que, muitas vezes, são selecionados dentre membros de sua própria família. Essa escolha, no entanto, significa mais um fortalecimento dos laços de parentesco já existentes do que propriamente uma escolha étnica.

**Origem dos noivos** - A origem combinada dos noivos reflete a questão do mercado matrimonial. A mulher, como era de se esperar, migra menos e, portanto, constitui a maioria de noivas nascidas em Curitiba. Os homens já apresentam um percentagem maior em todas as localidades fora de Curitiba. Isso quer dizer que a mulher casava mais com homens de outras localidades, inclusive com homens de outras etnias, como os italianos, refletindo o grupo estrangeiro de maior preferência entre as mulheres alemãs.

QUADRO 11 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO EM CURITIBA  
FICHAS MF - ORIGEM COMBINADA DOS NOIVOS  
1850 - 1919

MULHER	BRASIL								PAÍSES ESTRANGEIROS									
									HOMEM									
	CTBA	PR	SC	OUT EST	ALE	ITA	OUT PAI	IND.	TOTAL	CTBA	PR	SC	OUT EST	ALE	ITA	OUT PAI	IND.	TOTAL
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
CTBA	215	19.4	34	3.0	24	2,2	22	2.0	63	5,7	24	2.2	22	2.0	73	6.6	477	43.0
PR	20	1.8	13	1.2	06	0,2	03	0.27	23	2.0	04	0.36	-	-	07	0.63	76	6.9
SC	07	0.6	04	0.4	08	0,7	02	0.2	12	1.1	05	0.45	-	-	01	0.09	39	3.5
OUT EST	-	-	02	0.2	01	0,09	03	0.27	03	0.27	02	0.2	-	-	-	-	11	0.9
ALE	16	1.44	12	1.1	05	0,45	08	0.7	119	10.8	11	1.0	9	0.8	22	2.2	202	18.2
ITA	06	0.5	-	-	02	0,2	-	-	09	0.8	-	-	-	-	02	0.2	19	1.7
OUT PAI	02	0.2	02	0.2	02	0,2	-	-	13	1.2	-	-	-	-	01	0.09	20	1.8
IND.	65	5.8	10	0.9	04	0,36	02	0.2	23	2.1	03	0.27	03	0.27	150	13.3	260	23.5
TOTAL	331	29.9	77	7.0	52	4,7	40	3.6	265	24.0	49	4.4	34	3,0	256	23.1	1104	

A maior frequência da origem combinada, que figura em primeiro lugar, é de casais curitibanos; em segundo, casamento entre alemães; e, em terceiro, noivos do interior do Paraná com curitibanas. Entre os católicos, o interior do Paraná contribuiu mais com elementos de origem germânica do que Santa Catarina - os luteranos que vieram de Santa Catarina são em maior número que os católicos.

Analisando-se a origem dos noivos por períodos, temos para o primeiro (1850-1889), uma diferença entre os homens e mulheres do grupo em estudo. Para os homens, a grande maioria (65,2%) é de origem germânica; para o segundo período (1890-1919), já há uma superioridade (71,2%) de filhos de imigrantes nascidos em Curitiba ou em outras localidades.

Para as mulheres, no primeiro período, a origem se concentra nas alemãs (53,4%), embora já se observe uma frequência bem maior de mulheres nascidas em Curitiba do que de homens (5,3%). Para o segundo período (1890-1919), aumenta a concentração (67,3%) de mulheres descendentes de alemães nascidas em Curitiba. O mercado matrimonial era regulado pelos homens vindos de fora e talvez isso explique, em parte, essa mobilidade dos alemães - assim como vinham elementos do sexo masculino de fora, os daqui também saíam "em busca de noiva", ou mesmo para se casar em outras localidades e, muitas vezes, voltar e fixar residência na capital - e pode até explicar o grande número de casamentos de indivíduos pertencentes às famílias reconstituídas que não são encontrados.

## QUADRO 12 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO EM CURITIBA

FICHAS MF  
ORIGEM DOS NOIVOS  
1850-1919

	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
ORIGEM						
1850-1889						
ESTRANGEIRA		%		%		%
PAÍSES LÍNGUA ALEMÃ	156	65.3	124	53.4	280	59.4
ITÁLIA	09	3.8	03	1.3	12	2.5
OUTROS PAÍSES	08	3.3	07	3.0	15	6.5
BRASIL						
CURITIBA	25	10.4	65	28.0	90	19.1
INTERIOR PARANÁ	19	7.9	20	8.6	39	16.8
SANTA CATARINA	11	4.6	12	5.2	23	9.9
OUTROS ESTADOS	11	4.6	01	0.4	12	5.2
TOTAL	239		232		471	
1890-1919						
ESTRANGEIRA		%		%		%
PAÍSES LÍNGUA ALEMÃ	109	17.8	78	12.7	187	15.3
ITÁLIA	40	6.6	16	2.6	56	4.6
OUTROS PAÍSES	26	4.3	13	2.1	39	3.2
BRASIL						
CURITIBA	306	50.2	412	67.3	718	58.8
INTERIOR PARANÁ	58	9.5	56	9.2	114	9.3
SANTA CATARINA	41	6.7	27	4.4	68	5.6
OUTROS ESTADOS	29	4.8	10	1.6	39	3.2
TOTAL	609		612		1221	

Comparando-se o quadro dos católicos com o dos luteranos (BIDEAU; NADALIN, 1988, p. 1043) numa mesma periodização, não se observa diferença significativa em ambos os casos. No primeiro período, o número de estrangeiros é praticamente o mesmo e a inversão no segundo período, com o aumento de descendentes já nascidos em Curitiba, também é bastante aproximada. O que difere está relacionado aos noivos cuja origem é Santa Catarina e interior do Paraná. Enquanto os luteranos apresentam uma frequência maior de noivos vindos de Santa Catarina, os católicos apresentam uma maior frequência de noivos vindos do interior do Paraná.

#### 5.1.1 Sazonalidade: flutuações de uma prática

**Distribuição mensal dos casamentos** - O movimento sazonal dos casamentos constitui um rico indicador do cotidiano. A escolha do mês de casamento reflete costumes, tradições e mitos, interdições e mentalidades religiosas, influências das atividades sócio-econômicas, urbanas e rurais e que sofrem alterações de uma sociedade para outra, como também variam de acordo com sucessivas gerações. (CARDOSO; NADALIN, 1982, p. 107).

O movimento mensal de casamento dos alemães católicos (RANZI, 1983, p. 49) permitiu delinear algumas atitudes do grupo frente às prescrições religiosas.



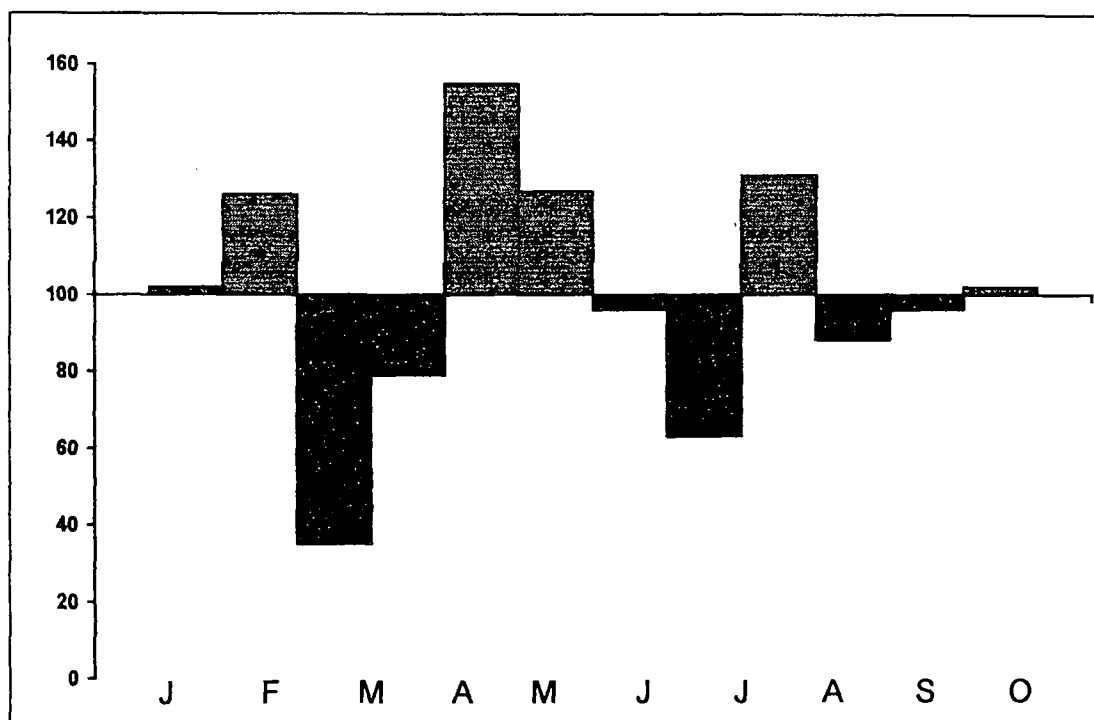


GRÁFICO 3 - PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA LUZ EM CURITIBA - ALEMÃES CATÓLICOS  
MOVIMENTO MENSAL DE CASAMENTOS  
1850 - 1919

Foram refeitos os quadros<sup>5</sup> (RANZI, 1983, p. 49-77) da sazonalidade dos casamentos (Gráfico 3) e não se evidenciou nenhuma mudança nos resultados, mesmo havendo uma pequena alteração no número de casamentos observados. Pôde-se perceber que os alemães guardavam a Quaresma (interdito religioso)<sup>6</sup> para os

<sup>5</sup> Os quadros da sazonalidade foram todos refeitos pelo *software SYGAP*, em primeiro lugar porque possibilitaria a comprovação ou não dos resultados obtidos anteriormente e, em segundo, porque houve pequenas alterações nos números antes trabalhados.

<sup>6</sup> A cronologia do *Temps Clos* permaneceu inalterada desde a sua imposição pelo Concílio de Trento (1545-1563) até a reforma do Código de Direito Canônico (1108,2) em 1917. O casamento podia ser celebrado em qualquer momento, mas ele não podia ser revestido da mesma solenidade em todos os tempos. O motivo mais explicitamente invocado pela Igreja é a incompatibilidade entre a penitência e as festividades que acompanham as núpcias. Disso resulta a abstinência durante a Quaresma e às sextas-feiras. Implicitamente está, sem dúvida, evitar também a concorrência entre festividades religiosas e festas familiares, por isso a abstenção durante a Páscoa e o Natal e aos domingos. (HELIN, 1960, p. 247).

casamentos, ou seja, sempre apresentaram um mínimo de casamentos nos meses de março e abril, com uma compensação evidente nos meses de fevereiro e maio. Um comportamento que se assemelha em parte com o de outros grupos localizados em Curitiba (poloneses, alemães luteranos, italianos e luso-brasileiros) num mesmo período.

Outro traço comum entre os grupos mencionados é a forte diminuição dos casamentos nos meses de março e agosto. Março por ser o mês da Quaresma; para o mês de agosto, surgem várias hipóteses: uma, que já era um costume na Europa, de não se casar no mês de agosto por ser verão na Europa, e que está relacionado com os trabalhos no campo, portanto, uma sobrevivência cultural; outra estaria relacionada ao trabalho agrícola em Curitiba e arredores, por ser um mês em que muito se trabalha; e uma terceira, que estaria vinculada a superstições e preconceitos que envolvem o mês de agosto. (CARDOSO; NADALIN, 1982, p. 111). Para os alemães católicos, observa-se, na análise feita por períodos, uma maior retração no mês de agosto no período mais recente (1895-1919), colocando numa perspectiva mais acentuada a terceira hipótese, da superstição, mesmo porque tudo leva a crer serem eles já nesse período muito mais ligados à atividade urbana que rural.

Um outro comportamento dos alemães católicos que chama a atenção se refere à não observância do Advento,<sup>7</sup> tão comum entre as outras comunidades católicas

---

<sup>7</sup>Cumpru observar que, embora não fosse proibida a realização de casamentos no Advento, o casal não recebia a bênção nupcial por ser *Vetitum Tempus* e, essa referência foi encontrada em alguns casamentos realizados nessa época. A bênção nupcial só podia ser dada no decorrer de uma missa. Segundo a Pastoral, não era essencial para a validade do casamento, mas privava os fiéis de “graças inapreciáveis”. Consta ainda que os fiéis que casavam no tempo da Quaresma e do Advento deviam apresentar-se oportunamente para receber a bênção. (PASTORAL COLLECTIVA, 1915, P. 126).

(italiana e polonesa) em Curitiba.<sup>8</sup> Nos setenta anos analisados, há uma ocorrência significativa de casamentos nas quatro semanas que antecedem o Natal (ADVENTO). No entanto, na análise por períodos, observa-se uma mudança no comportamento dos alemães católicos. No primeiro período (1850-1894), o número relativo de casamentos no mês de dezembro fica abaixo da média (86/100), podendo, talvez, aventar uma pequena observância. Ao comparar o mesmo grupo com os demais grupos católicos, essa média permanece alta (para os poloneses e italianos, os casamentos, nesse período, são reduzidíssimos, isto é, ficam abaixo de 20). Entre os alemães católicos e os demais grupos católicos, a média varia de 111/20. É interessante destacar, nesse momento, um comportamento dos alemães católicos que se aproxima dos alemães luteranos, os quais parecem não relacionar Advento-casamento. O número de casamentos dos alemães católicos ultrapassa minimamente o dos alemães luteranos (111/107).

Uma explicação encontrada para esse comportamento diferenciado do de outros grupos católicos foi a inclusão de 21% de casamentos inter-religiosos ocorridos nos dois períodos e que foram realizados no mês de dezembro (RANZI, 1983, p. 51). Essa participação dos luteranos é importante e se justifica por ser dezembro um dos meses preferidos por eles para se casar, mas deve ser relativizada em função de os mesmos apresentarem uma taxa menor de casamento, no segundo período analisado, em relação aos alemães católicos. Fica, portanto, a questão sobre se a observância do Advento também dependia do pároco que realizava a cerimônia, no sentido de alertar acerca da benção nupcial.

---

<sup>8</sup> As comunidades referidas são: italianos de Santa Felicidade e poloneses de Orleans.

Outros meses que constam na preferência para a realização do casamento, junto com os já citados meses de fevereiro e maio, justificados como uma compensação da retração na Quaresma, são junho e setembro.

Assim como o meses preferidos seguem as prescrições da Igreja, os dias da semana também refletem em parte esse *temps clos*, como se observa pela pequena porcentagem (2,9%) de casamentos realizados na sexta-feira, um dia triste, maldito, relacionado pela Igreja com a morte de Cristo, portanto, um dia a ser evitado. Outro dia a ser evitado é o domingo, por coincidir com as solenidades da Igreja. No entanto, em Curitiba, para os alemães católicos, o domingo não se encontra entre os dias mais evitados. A preferência entre os dias da semana fica para o sábado em praticamente todas as décadas analisadas (1850-1919) e mantém para todo o período 70% da preferência, vindo em seguida a escolha da terça-feira como segunda opção para o primeiro período estudado.

QUADRO 13 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO EM CURITIBA  
DISTRIBUIÇÃO SEMANAL DE CASAMENTOS  
EM NÚMEROS RELATIVOS  
1850 - 1919

Dia da semana	1850 - 1894	1895 - 1919	Média (%)
Domingo	5,3	5,4	5,4
Segunda	5,3	3,8	4,3
Terça	11,8	3,5	6,2
Quarta	3,9	4,9	4,6
Quinta	8,1	4,9	5,9
Sexta	3,4	2,7	2,9
Sábado	62,0	75,0	70,4

Fonte: RANZI, 1983, p. 138

Explicar-se-ia essa segunda predileção como resultado da fusão entre a religiosidade e tradições populares envolvendo a devoção popular em torno de Santo Antônio, o "santo casamenteiro", que costumava ser homenageado às terças-feiras e seria, portanto, uma influência da sociedade local (CARDOSO; NADALIN, 1982, p. 118), ou ainda uma sobrevivência da tradição pagã, uma homenagem ao deus Ziu dos germanos. (IMHOF, 1987, p. 98). No período mais recente do estudo, da mesma forma que para a sociedade curitibana, houve uma pequena variação no comportamento do grupo alemão católico, evidenciando uma maior concentração na preferência por casar no sábado. Essa variação é motivada, talvez, pela necessidade da utilização do tempo de forma mais racional, acompanhando, assim, as mudanças sócio-econômicas decorrentes da urbanização.

**Movimento mensal de concepções** - Um outro comportamento que pode ser relacionado com as interdições religiosas e mostra a influência da Igreja Católica na moral do grupo é o do movimento mensal das concepções<sup>9</sup> (gráficos 4,5 e 6).

---

<sup>9</sup> Esse movimento mensal das concepções é obtido a partir do movimento mensal dos nascimentos, considerando-se que as concepções ocorrem em torno de nove meses antes do nascimento. No SYGAP, este estudo é feito levando-se em consideração somente os casamentos com data conhecida (*Drapeaus* 1 ou 2) e as uniões que não tenham um filho ilegítimo ou uma preconcepção. O SYGAP nesse quadro acrescenta uma novidade: distingue a sazonalidade dos primeiros nascimentos influenciados pela sazonalidade dos casamentos dos outros filhos.

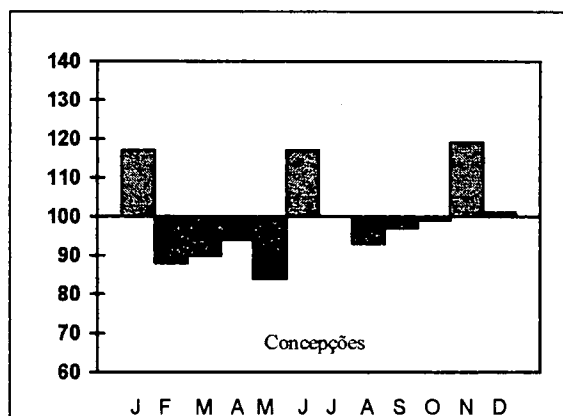
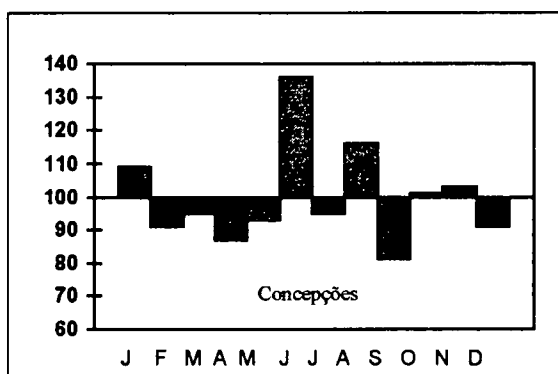
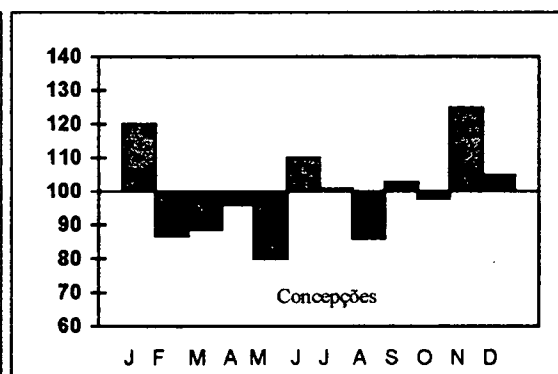


GRÁFICO 4 - PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA LUZ EM CURITIBA  
ALEMÃES CATÓLICOS  
MOVIMENTO MENSAL DE CONCEPÇÕES E DE NASCIMENTOS  
1850 - 1919

Primeiros Nascimentos



Outros Nascimentos



GRÁFICOS 5 e 6 - PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA LUZ EM CURITIBA  
ALEMÃES CATÓLICOS  
MOVIMENTO MENSAL DE CONCEPÇÕES E DE NASCIMENTOS  
PRIMEIROS E OUTROS NASCIMENTOS  
1850 - 1919

A tendência geral (Ver Gráfico 4), que resume o comportamento dos alemães católicos nesses setenta anos de estudo, destaca alguns meses acima ou abaixo da média. É o que acontece com os meses de junho, novembro, janeiro que, nessa ordem, registram os pontos mais altos das concepções. Os pontos médios, próximos de 100, são encontrados nos meses de julho e dezembro. A maior retração registrada foi no mês de maio, seguida de perto por fevereiro e depois pelo mês de março.

O Gráfico 5, referente aos primeiros nascimentos, apresenta a distribuição das primeiras concepções e isso permite relacioná-las com os meses de casamento.

Uma relação direta entre o casamento e as primeiras concepções pode ser observada na média elevada de concepções no mês de junho. Os meses de maio e junho são os preferidos pelos alemães católicos para se casar. Já sem correspondência está a taxa acima da média de concepções no mês de agosto, pois em julho e agosto os casamentos figuram bem abaixo da média.

Para os primeiros nascimentos, dentre os meses mais evitados estão os que abrangem as concepções na Quaresma, março e abril, e correspondem a um número pequeno de casamentos nesse período. No entanto, o mês mais evitado para as concepções é o mês de setembro, e coincide com a baixa taxa de casamento nos meses de julho e agosto.

Verifica-se, de um modo geral, que o quadro dos primeiros nascimentos permite estabelecer relação direta entre o número de casamentos num determinado mês e as concepções ; para os outros nascimentos (Gráfico 6), o quadro referencial é outro. O tipo de comportamento passa a ter uma ligação com a sazonalidade das relações

sexuais. Os pontos mais altos das concepções estão nos meses de novembro e janeiro, seguidos de perto pelo mês de junho. Há, no entanto, uma correspondência entre os meses mais evitados. Existe uma observação maior dos interditos (março e abril) para os outros nascimentos (ver Anexo 34), embora ambos (primeiros e outros nascimentos) figurem abaixo da média.

Evidencia-se, no entanto, uma inversão: o mês de agosto, que apresentava uma taxa acima da média para os primeiros nascimentos, passa a ser um dos meses mais evitados para as concepções dos outros nascimentos.

De qualquer forma, há um comportamento diferente dos casais em relação à concepção dos filhos. Os primeiros eram concebidos preferencialmente em períodos que correspondem aos meses frios em Curitiba (junho a agosto), já para os outros nascimentos, a concepção é maior nos meses que correspondem à estação quente em Curitiba. Esse comportamento se aproxima mais do de outros grupos étnicos, lusos, polono e teuto-brasileiros em Curitiba. (NADALIN, 1978, p. 231).

Com relação à observação ou não dos interditos religiosos pelos alemães católicos, é possível inferir que o casal logo que contrai núpcias não leva muito a sério o período do *temps clos*, o que se constata é uma clara relação entre o casamento e as concepções; por ocasião das gestações posteriores, já há, mais claramente, uma observação dos interditos por grande parte dos casais.



Os movimentos sazonais de casamentos e concepções, e o movimento semanal de casamentos, juntamente com a observância de batizar as crianças até oito dias após o nascimento<sup>10</sup>, pode referenciar a influência religiosa na moral dos alemães católicos em comportamentos considerados importantes para a Igreja Católica. E eles, tal qual os demais imigrantes católicos (poloneses e italianos), procuraram seguir as normas de sua igreja, guardando coerentemente, mas não rigidamente, os interditos religiosos. A observância desses interditos - Quaresma e Advento - reflete traços da moralidade religiosa apresentada pelos alemães católicos, demonstrando um certo respeito pelos preceitos de sua igreja.

O que verifiquei em relação ao batismo foi um comportamento diferenciado dos alemães católicos em relação a outras etnias de religião católica, que seguiam as exigências da sua igreja, realizando o batismo de seus filhos até trinta dias após o nascimento. Os alemães católicos apresentaram, isto sim, uma atitude similar à dos alemães luteranos, pois batizavam seus filhos tardiamente, pelos padrões católicos, numa flutuação em que variou de zero a doze meses a idade da criança por ocasião do batismo. Os alemães católicos esperavam os meses de festa para batizar seus filhos, conforme o montante de batismos na Páscoa e no Natal, evidenciando que prevaleciam os interesses familiares e as respectivas necessidades sobre as determinações da Igreja.

---

<sup>10</sup>Instruam os Parochos os seus parochianos a respeito da necessidade do Baptismo, e da obrigação que tem os paes e as mães de familia de levar seus filhos à egreja para serem baptizados, o mais cedo possivel, no mesmo dia do nascimento, ou no seguinte, não lhes sendo licito differir além de oito dias o cumprimento desta obrigação, a não ser que haja causa grave que o justifique (PASTORAL COLLECTIVA, 1915, P. 39).

Na verdade, com essa análise, procurei averiguar a influência da Igreja Católica na moral do grupo alemão e verificar se o catolicismo marcou presença, de modo claro, no tocante ao comportamento frente a certos preceitos ditados pela Igreja.

**Viuvez e segundas núpcias** - A análise do estado matrimonial dos cônjuges demonstra claramente a alta proporção de casamentos ou de uniões entre solteiros. A proporção entre homens e mulheres que voltam a se casar não chega a 1% do total dos noivos. Provavelmente, aí teve influência a idade dos casais ao morrer, que se situa majoritariamente acima dos 60 anos, eliminando as possibilidades das segundas núpcias.

QUADRO 14 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO EM CURITIBA  
ESTADO MATRIMONIAL DOS CÔNJUGES

Sexo Feminino	Sexo Masculino		
	Celibatário	Viúvo	Total
Celibatário	4530	21	4551
Viúva	19	2	21
Total	4549	23	4572

Em todo o caso, esses dados devem se analisados com ressalvas, pois foi constatada a existência de subregistros dessa informação.

O Quadro 14, elaborado pelo *software SYGAP*, trabalha somente com os recasamentos oficializados<sup>11</sup> e, portanto, só encontra 23 segundas núpcias. Fazendo-se

---

<sup>11</sup>Os recasamentos oficializados são aqueles realizados na paróquia no período estudado.

uma classificação por outros meios que não seja efetivamente pelo casamento oficializado, encontram-se 85 recasamentos; em alguns casos, aparece somente o primeiro casamento oficializado, em outros, somente o segundo. Percebe-se que é um segundo casamento, em alguns casos, pois tão logo o primeiro cônjuge morre, o cônjuge sobrevivente reaparece no batismo de um ou mais filhos com outra pessoa. Desses recasamentos, 17 são entre viúvos, 28 de mulheres viúvas com homem solteiro e 40 são de homens viúvos casados pela segunda vez com mulheres solteiras, comprovando que a mulher, apesar de sobreviver mais do que o homem, contrai mais raramente segundas núpcias.

De todos os indivíduos que voltaram a se casar, só foram encontrados cinco que contrairam novas núpcias com mais de 50 anos. Para o restante, esse limite oscila entre os 20 e 50 anos de idade.

Parece claro que o homem morria mais cedo que a mulher. Isso é evidenciado pelo número de cônjuges sobreviventes do sexo masculino e feminino e pode-se inferir que o homem viúvo tinha mais tendência ao recasamento do que a mulher. Elas o faziam principalmente nos casos em que o marido morria logo após o casamento, enquanto ainda era jovem, ou seja, entre 25 e 35 anos de idade. Após essa idade, é mais difícil encontrar um recasamento feminino. Aparentemente, as viúvas têm mais dificuldades de encontrar um novo parceiro conjugal. Fatores de ordem sócio-cultural e demográfico costumam se articular, impedindo, em muitos casos, o recasamento de viúvas, quer com viúvos, quer, principalmente, com solteiros. No caso dos viúvos, costumam eleger de modo preferencial as solteiras, diminuindo inclusive a chance de homens solteiros no mercado matrimonial. (BASSANEZI, 1992, p. 277).

Para o caso das mulheres alemãs e descendentes, a dificuldade em encontrar outro parceiro também pode ser explicada pelo fato de a oportunidade se limitar mais do que para os homens a indivíduos do grupo étnico, principalmente porque a mulher demoraria mais tempo para aprender a falar outra língua que não fosse a alemã, e também pela própria condição da mulher, que ficava mais circunscrita ao manejo do espaço interior, reservadas ao homem as atividades do mundo exterior, o que o forçava a aprender outra língua para se comunicar. O tempo decorrido entre o casamento e as segundas núpcias normalmente fica situado entre um e cinco anos após a morte do cônjuge. Passado esse tempo, fica mais difícil o viúvo se casar novamente.

**Tipo de vínculo que une o casal e a ilegitimidade** - A Demografia costuma classificar as uniões, hoje, segundo três tipos de vínculos: legal, religioso e consensual ou livre.

Tradicionalmente, no entanto, era a Igreja que mantinha a exclusividade na competência por tudo o que fosse ligado ao matrimônio. O casamento, fundamento da família, sempre foi e ainda é considerado como um sacramento na Igreja Católica<sup>12</sup>.

A partir do século XVI, algumas mudanças essenciais com relação ao casamento são colocadas em prática. Questiona-se a hegemonia da Igreja na sua regulamentação, o poder civil divide com a Igreja a formalização da união (Contrato e

---

<sup>12</sup>O Matrimonio é um sacramento que Nosso Senhor Jesus Christo instituiu para estabelecer uma união santa e indissolúvel entre o homem e a mulher e dar-lhes a graça de se amarem mutuamente educarem christãmente os filhos. [...] e por isso incumbe a Igreja, e só a ella, legislar sobre o mesmo e julgar da sua validade; estando identificadas entre os christãos as idéias de contracto matrimonial e sacramento do Matrimonio. (PASTORAL COLLECTIVA, 1915, P. 91).

Sacramento), a Igreja Católica passa a exigir que o casamento seja público e, entre os cristãos, já não há mais unanimidade em considerar o casamento um sacramento.

No entanto, essas mudanças serão colocadas em prática em momentos diferentes no mundo ocidental. No caso do Brasil, e para parte da época que estamos estudando (1850-1890), o casamento era celebrado somente de acordo com o ritual religioso, pois ele era indispensável e determinava o estado conjugal das pessoas. Com a República, após ampla campanha nacional para a institucionalização do casamento civil, ele foi regulamentado, primeiramente pelo Decreto 521, que assegurava ao casamento civil prioridade sobre o religioso; em segundo lugar, foi reforçado pela Constituição de 1891, no seu artigo 72, 4º, nos seguintes termos: "A República só reconhece o casamento civil, cuja celebração será gratuita". (CAMPANHOLE; CAMPANHOLE, 1978, p. 604).

Na prática, o que resultou dessa medida não foi a institucionalização do casamento civil, mas o estabelecimento de uma ruptura entre a realidade social, que aceitava o casamento canônico como consagração da união, e o ordenamento jurídico civil, que o tinha como simplesmente inexistente. (MADEIRA, 1980, p. 177). No cotidiano, isso ficou tão problemático que no Código Civil Brasileiro de 1916 já se admite o mesmo efeito do casamento religioso e civil, desde que observados pelos religiosos os impedimentos, e que o "ato fosse inscrito no registro público". (CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO, Art. 163, 1º e 2º § 1916, p. 96).

Para os alemães reconstituídos a partir de registros religiosos, conta-se com casais cujo matrimônio foi realizado na paróquia estudada, as famílias **M**; nas

famílias E encontram-se os casais reconstituídos a partir do batismo, casamento ou óbito de um filho; nessa mesma classificação encontram-se os casais de uniões consensuais. Encontram-se também muitos filhos somente com a menção da mãe, não constando o nome do pai, ou se a mãe é solteira. Em alguns casos, é possível saber se era uma união consensual pela regularização da união ou da paternidade assumida pelo pai.

Legitimidade, e portanto ilegitimidade, é uma característica fundamental da família humana, e é um conceito-chave para a compreensão do comportamento da família. Quando o homem passa a depender mais dos padrões culturais que biológicos, estabelece normas de legitimidade regulando quem tinha direito à procriação e à educação de um membro totalmente aceito pela sociedade. (GOODE:1970, p. 4).

A ilegitimidade pode assumir várias características, dependendo da sua localização social. A este estudo interessam quatro tipos: união consensual, procriação durante o noivado, relação fortuita seguida de casamento e mães solteiras.

Esses quatro fenômenos têm a mesma explicação: relações sexuais fora do casamento. No entanto, cada um tem a sua especificidade. O homem e a mulher podem se casar entre a concepção e o nascimento do filho, e, nesse caso, a criança nasce após o casamento e, portanto, o filho gerado é um filho legítimo, fruto de uma concepção pré-nupcial. Ou então, o homem e a mulher só se casavam após o nascimento do filho; ele nasce fora do casamento e é considerado filho ilegítimo. No terceiro caso, das uniões consensuais, há uma convivência sem a regulamentação da união e, portanto, os filhos nascidos dessa união também são considerados ilegítimos. E,

por fim, as mães solteiras que assumem o filho registrando-o como filho ilegítimo, sem a presença do pai..

**A ilegitimidade dos nascimentos e das concepções** - A análise da ilegitimidade dos nascimentos e das concepções pré-nupciais, neste momento, referir-se-á somente às famílias M, ou seja, às famílias em que conste uma data de casamento.

Das 1 174 uniões M que tiveram filhos, temos uma proporção de 7,4% de casais que conceberam um filho antes de casar. Já os nascimentos ilegítimos, no mesmo número de uniões, mostram que 42 casais tiveram filhos antes de casar, dando uma margem de 3,5% de casamentos com filhos ilegítimos em todo o período estudado. Resulta, portanto, em 10,9% a frequência de casais com relações sexuais antes do casamento.

Na análise por períodos, a taxa de ilegitimidade é a mesma: 3,5% para ambos os períodos (1850-1894 e 1894-1919). As concepções pré-nupciais, no entanto, sofrem uma variação significativa: para o primeiro período, 9,3% dos casamentos têm uma concepção pré-nupcial, enquanto para o segundo, reduz-se para 6,4%, o que não significa, necessariamente, que se tenha reduzido a frequência de relações pré-nupciais; o que pode perfeitamente ter ocorrido é que os casais praticavam a contracepção, conforme iremos observar no caso da fecundidade no mesmo período, e essas relações terem inclusive aumentado, não gerando, em função do controle, uma concepção.

Esses indicadores de ilegitimidade nem sempre foram considerados uma transgressão da ordem sexual. As relações pré-nupciais foram um hábito no Ocidente do Antigo Regime. Em muitos países, a coabitação de noivos (*Fiancés* - França,

*Probenacht* e *Kiltgang* - Alemanha) ao invés de representar uma transgressão, simplesmente significava a união carnal dos jovens prometidos, com o acordo de seus familiares, se não da Igreja. (SOLÉ, 1984, p. 35).

Segundo WILLEMS, a família rural germânica caracterizava-se pela autoridade patriarcal, do pai que podia inclusive dispor sobre o futuro dos filhos, impondo-lhes, não raro, o próprio consorte. Ao mesmo tempo, afirma ser o sexo esfera mais controlada pela comunidade do que pela família, pois a tradição local determinava se podia ou não haver relações sexuais pré-nupciais. (WILLEMS, 1980, p. 302).

A sexualidade percebida pelos quadros de ilegitimidade - relações pré-nupciais com o nascimento ou não de filhos antes do casamento - aponta comportamentos diferenciados entre alemães católicos e luteranos.

A frequência da concepção pré-nupcial variou entre católicos e luteranos de 9,3 para 21,3, diferença de 12% no primeiro período, e de 6,4 para 11,8, diferença de 5,4% no segundo período. Quando se levam em conta as mulheres que já tinham dado à luz pelo menos uma vez antes de casar, essa diferença na porcentagem entre os dois grupos se distancia ainda mais: no primeiro período, 12,8% (católicos) para 27,1% (luteranos) e no segundo período, 9,9% (católicos), para 17,6% (luteranos).

Essa variação entre católicos e luteranos na frequência de concepções ilegítimas reforça a hipótese que coloca os alemães luteranos como um grupo mais fortemente ligado aos traços culturais germânicos e camponeses.



ANDREAZZA e NADALIN explicam dessa forma o que chamam de ilegitimidade circunscrita nos quadros da família luterana em Curitiba:

Casar o quanto antes, iniciar precocemente a união conjugal, esta seria uma manifestação concreta dos jovens da comunidade. O objetivo seria a sobrevivência, traduzida na sua própria reprodução, função da família. Assim, a sexualidade não era reprimida, mas de certa forma canalizada para a procriação. (ANDREAZZA; NADALIN, 1994, p. 29).

As relações pré-nupciais, seguidas de concepção, diminuem no segundo período tanto para católicos quanto para luteranos. Em ambos os casos, verifica-se uma correspondência direta entre as taxas de fecundidade obtidas para a primeira coorte, sua origem preponderantemente imigrante e em grande parte camponesa e a forte manutenção dos laços de etnicidade; a coorte seguinte, que já conta com a maioria dos componentes entre filhos de imigrantes, e é constituída por famílias que já haviam se deslocado das chácaras para o núcleo urbano, caracteriza-se pela diminuição da fecundidade (maior entre os católicos), resultante da utilização de métodos contraceptivos (ver Gráfico 7). Dessa maneira, passa-se, aparentemente, de um modelo demográfico camponês pré-malthusiano para um modelo urbano e burguês malthusiano. (NADALIN, 1988, p. 68).

**Unões consensuais** - Um outro caso de ilegitimidade dos nascimentos, e que não entrou no cálculo dos filhos ilegítimos, por serem famílias E, é o das uniões consensuais. Estas não foram levadas em consideração, pois a oficialização delas ocorreu após o corte transversal de 1919.

Numa análise geral das 20 famílias comprovadamente de uniões consensuais, temos o seguinte<sup>13</sup>:

- a) famílias grandes (9), compostas de quatro a oito filhos;
- b) famílias pequenas (11), compostas de um ou dois filhos.

As famílias grandes levaram, respectivamente, 7, 10, 20, 21, 22, 33, 36, 41, 47 anos para regularizarem a união perante a Igreja. Dessas, somente um casal consta como já casado no civil, e dois se casaram porque um dos cônjuges estava para morrer.

Francisco Luiz e Antônia tiveram o primeiro filho em 1889. O último em 1914. Ao todo 7 filhos. No dia 05.02.1922, portanto 33 anos após o nascimento do primeiro filho, e, por ocasião do casamento da filha Angélica, o casal de união consensual regulariza a sua situação perante a Igreja. (SYGAP, união nº 977)<sup>14</sup>.

Com relação às famílias que denominei pequenas, os intervalos entre o primeiro filho e a regularização da união é um pouco menor, mas mesmo assim ainda é significativo: de, respectivamente, 2, 5, 7, 8, 8, 9, 9, 15, 20, 23, 29. Desses, só um casal formalizou a união *in causa mortis*. O que não se pode saber é se elas são efetivamente famílias pequenas ou se os filhos nascidos aqui são os últimos ou uma parte dos filhos do casal.

Jacinto Theodor e Adelia tiveram um filho em 1912. Aparentemente foi o único filho. No dia 02.09.1920 eles se casaram; consta que foi *in causa mortis*; oito dias depois ele morreu, com 36 anos de idade. (SYGAP, união nº 3597)

---

<sup>13</sup>Decidi dividi-las em famílias grandes e pequenas, para verificar como se dava o comportamento de ambas com relação à regularização da união.

<sup>14</sup>Os dados dos destaques deste capítulo e do capítulo sobre os Contatos Inter-religiosos, quando não retirados da literatura e de depoimentos de descendentes de alemães, foram construídos a partir das informações das fichas de reconstituição de famílias instaladas no SYGAP.

Esses são exemplos de famílias de uniões consensuais que, com o tempo, preocuparam-se em oficializar a união perante a Igreja. Isso mostra a preocupação do casal em tranquilizar sua consciência, em ser fiel aos valores religiosos, oficializando o rito do casamento. A obediência aos preceitos não observada em vida reaparece por ocasião do risco da morte.

Percebe-se, com relação a essas uniões consensuais “estáveis”, uma atitude de tolerância da comunidade e do próprio clero, pois as normas canônicas eram claras para esses casos:

Não póde existir Matrimonio entre christãos que ao mesmo tempo não seja sacramentado, e, por isto, qualquer união de homem e mulher, fóra das condições do sacramento, ainda que auctorizada por lei civil, nada mais é do que um acto illicito e estado permanente de peccado. (PASTORAL COLLECTIVA, 1915, p. 92-93).

**Ilegitimidade: mães solteiras** - Analisando-se os casos em que só apareceu o nome da mãe, percebeu-se que nem todos eles são de mãe solteira. Muitos deles podem significar uma relação eventual em que a mulher teve um filho e permaneceu sozinha e solteira, ou uma relação irregular perante a Igreja, e, portanto, o pároco não registrava o nome do pai. Isso explica, em parte, o caso de algumas mulheres que aparecem como mãe solteiras de dois, três, quatro ou até nove crianças sem que conste o pai. Quando o casamento é regularizado, este passa a aparecer, ou então, depois de procriarem dois ou três filhos, o pai aparece e somente no fim da vida é que eles se casam na Igreja.

Foram "abertas" 183 fichas de registros de batismo e óbitos de crianças unicamente com o nome da mãe. Destas, 142 são de mulheres com somente um filho. A

grande maioria dessas mulheres não são encontradas no grupo,<sup>15</sup> e nem foi localizado o equivalente do sobrenome. Em alguns casos, foi possível encontrar o companheiro, mesmo sem saber se eles se casaram ou não. Noutros, foi possível encontrar o registro do casamento. Em outras ocasiões, o pároco não registrava o nome do esposo, pois o casamento havia sido efetuado na Igreja Luterana e não era reconhecido pela Igreja Católica. Noutros casos, foi até possível encontrar no grupo um nome de família equivalente, porém, como não consta o nome dos pais, fica difícil a identificação, pois, às vezes, encontram-se três nomes iguais, como, por exemplo, Emma Kruger, nome pertencente a três mulheres, com a mesma data provável de seu nascimento; outras, têm o nome, sobrenome e data provável do seu nascimento. Tudo indica tratar-se da mesma pessoa. Constata-se que, pelo menos no período estudado, o número de mães solteiras (183) é expressivo quando comparado com o das mães solteiras encontradas na comunidade luterana. No conjunto das 183 fichas, há 41 mulheres que têm dois filhos ou mais e das quais não foi encontrada menção do companheiro. Os padrinhos, em sua grande maioria, são indivíduos pertencentes ao grupo. Como pessoas isoladas não são férteis, fica a hipótese de o número de uniões consensuais, cuja regularização não ocorreu no período estudado, ser muito maior.

Para um total de 183, a proporção de mães solteiras varia para as duas coortes analisadas. Para a primeira coorte (1850- 1894), perfazem 43,7% e para a segunda (1895-1919), totalizam 56,3%. A ilegitimidade caracterizada pelas mães

---

<sup>15</sup> Fiz uma pesquisa nas famílias de alemães e descendentes para identificar se as mães solteiras faziam parte do grupo e constatei que a grande maioria não pertence às famílias reconstituídas.

solteiras, ao contrário das ilegitimidades das concepções e dos filhos concebidos antes do casamento, aumenta no segundo período. As perspectivas de modernização e o crescimento da cidade explicam em parte esse aumento.

Percebe-se, pela análise, que grande parte das mães solteiras alemães encontradas no registros católicos não fazem parte do grupo reconstituído. Por outro lado, a totalidade das mães solteiras encontradas nos arquivos da Igreja Luterana (NADALIN, 1988, p. 75) não faz parte do referido grupo; um pequeno número delas foi localizado no grupo católico. De qualquer forma, o que se evidencia é que uma parcela significativa das mães solteiras, quer católicas ou luteranas, não pertence às famílias dos grupos analisados.

Os padrões muito rígidos dos alemães no Brasil em relação à prostituição (WILLEMS, 1980, p. 323; ALBERSHEIM, 1962, p. 111) reforçam a hipótese de que grande parte dessas mães solteiras tenham vindo de alguma comunidade próxima de Curitiba, expulsas pelos pais logo que a gravidez se tornou aparente; a cidade grande é o lugar onde solitariamente elas têm o filho, e serve também como estímulo em busca de trabalho, e é nesse espaço diferente daquele que dominavam que facilmente a moças passam a levar uma vida desregrada.

## 4.2 FECUNDIDADE E FAMÍLIA

**Análise das taxas de fecundidade nos dois períodos**<sup>16</sup>- A expressão **taxa de fecundidade** se aplica a todas as taxas calculadas em relação ao número de nascimentos observados no curso de uma duração determinada no grupo de indivíduos do mesmo sexo em idade de procriação. (HENRY, 1972, p. 93).

É reconhecida a vantagem de se buscar uma maior compreensão da fecundidade por meio de dados que reconstituam a história reprodutiva de uma dada coorte de mulheres. Taxas de fecundidade por coorte são reconhecidamente mais estáveis para medir tendências de fecundidade do que taxas por períodos. As últimas são mais sensíveis a flutuações temporais tais como adiamento da idade ao casar ou adiamento dos nascimentos. Esses dados também permitem a reconstituição do processo de formação de famílias, se se assume que este é constituído por uma série de estágios: a progressão de uma mulher do casamento ao primeiro filho, do primeiro ao segundo, etc. Através dos mesmos pode-se buscar entender as mudanças no comportamento da fecundidade de acordo com as ordens de paridades. (CAMARANO, 1992, p. 119).

Para compreender como se apresentaria a fecundidade do grupo, em pelo menos duas gerações, esse foi dividido em duas coortes (1850-1894) e (1895-1919). A periodização é similar àquela utilizada para o alemães luteranos (NADALIN, 1978), e possibilitará comparar os dados dos dois grupos<sup>17</sup>, enriquecendo, dessa forma, a análise.

---

<sup>16</sup> Para cada período, é possível recuperar um certo número de nascimentos perdidos. O cálculo exige como numerador o número de nascimentos arrolados. Eles não constituem, normalmente, a totalidade dos nascimentos efetivos do grupo estudado. Por razões diversas, como, por exemplo, a saída temporária da família, um registro esquecido pelo pároco, a morte da criança antes do batismo, alguns nascimentos são perdidos. Uma parte deles é recuperada a partir de menções posteriores encontradas pela reconstituição de famílias, através dos dados de óbito ou casamento. Todas as crianças ou jovens batizados foram arrolados e anotados com o *drapeau* 1, quando batizados na paróquia, com o *drapeau* 3, quando encontrados a partir de um registro de casamento ou óbito. (Quadros anexos 1, 2, 3, 4, 5 e 6).

<sup>17</sup> Há uma diferença significativa entre o efetivo dos dois grupos observados. O efetivo considerado para referenciar a história da fecundidade de ambos os grupos permite inferir que os alemães católicos são constituídos de famílias menos estáveis que a dos luteranos. Essa diferença pode ainda ser resultado da evidência de sub-registros de óbitos, um fato que impediu o fechamento de um número maior de famílias.

Os gráficos 7, 8 e 9 mostram a fecundidade geral por período e a fecundidade em função a idade no casamento, em uma taxa de fecundidade por mil, somente das famílias MF.

No geral, para os dois períodos ( gráfico 7) observa-se uma tendência à diminuição da fecundidade dos alemães católicos em todas as faixas etárias. Ao mesmo tempo, há uma ligeira mudança na forma e no distanciamento das curvas tendo como consequência uma diminuição das taxas para todos os grupos de idade. Essa análise, independente da idade ao casar, mostra a fecundidade legítima, considerando o grupo de idade da mãe e os dois grupos de gerações observados (1850-1894 e 1895-1919).

QUADRO 15 - TAXA DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA CORRIGIDA POR GRUPO DE IDADE -  
ALEMÃES EM CURITIBA (CATÓLICOS E LUTERANOS)

1850 - 1819

Mulheres Casadas	Idade observada da mulher						
	15/19	20/24	25/29	30/34	35/39	40/44	
1866-1894	427	484	403	328	237	119	(Lut)
1850-1894	389	385	360	245	179	115	(Cat)
1895-1919	482	409	296	196	115	48	(Lut)
1895-1919	288	299	194	129	118	37	(Cat)

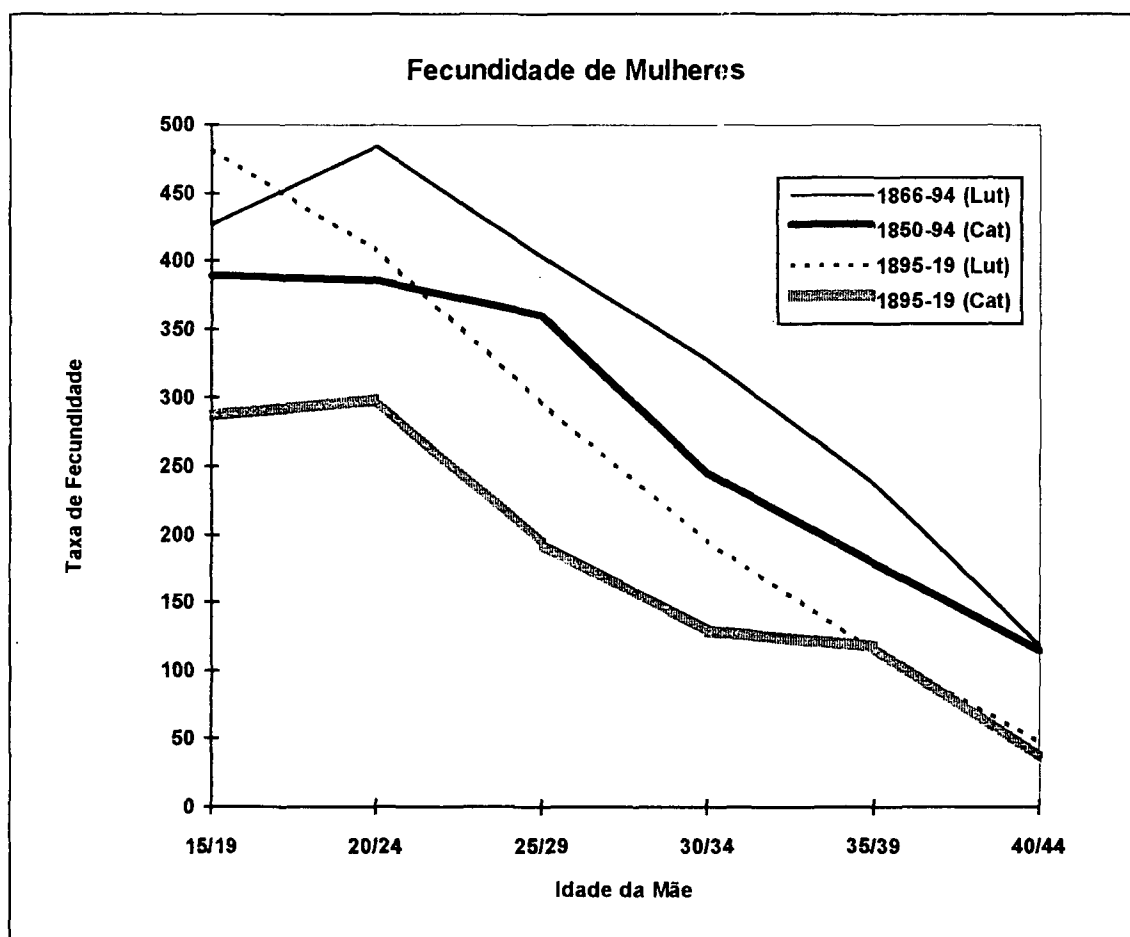


GRÁFICO 7 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO E LUTERANO  
TAXA DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA CORRIGIDA POR GRUPO DE IDADE,  
INDEPENDENTE DA IDADE AO CASAR  
CURITIBA 1850 - 1919



Observando-se o conjunto de curvas, alemães católicos e luteranos (NADALIN, 1978, p. 303), numa análise geral, os alemães católicos apresentam uma taxa de fecundidade inferior à dos luteranos, proporção que se diferencia ainda mais para o segundo período. Outra diferença significativa, entre os períodos, se observa na faixa de idade em que a fecundidade começa a declinar. Para os católicos, ela já decai na faixa de 15-19 anos, enquanto para os luteranos, ela diminui na segunda faixa de idade (20-24 anos). O afastamento que se observa nas curvas é bem maior para os católicos, ou seja, há uma diferente distribuição da prole.

Se, para os luteranos, se evidencia uma mudança de comportamento, sensível nos dois períodos analisados, para os católicos essa alteração parece mais significativa e poderia evidenciar um provável controle da natalidade sobretudo pela queda da fecundidade nas faixas etárias mais velhas. Falo em controle porque sobre outros fatores que poderiam influenciar nessa queda da fecundidade, como período de crise, problemas de fome, medo do futuro, não há registro.

De qualquer forma, levando-se em consideração somente o primeiro período para comparação com os luteranos, percebe-se uma taxa de fecundidade maior desses em todas as faixas de idade.

Os Gráficos 8 e 9<sup>18</sup> permitem descobrir se há ou não na fecundidade influência da idade da mulher no início da vida conjugal. Para as mulheres alemãs

---

<sup>18</sup>O Gráfico 9 apresenta uma flutuação, aleatória, na faixa etária de 35-39 anos, que distorce a tendência da curva. Abstraindo a flutuação, teríamos um modelo de curva que pode ser classificado como representante de uma taxa de fecundidade de uma população contemporânea. (HENRY, 1972, P. 123).

católicas que se casam entre 15 e 19 anos, no período de 1850-1894, a taxa de fecundidade mais alta se concentra nas três primeiras faixas de idade (15-29anos). A partir daí, observa-se um decréscimo das taxas que se dá de maneira mais ou menos regular. No entanto, as mulheres que se casaram mais tarde (20-24), concentraram a sua prole nos primeiros oito anos da união e, apresentaram uma queda bem acentuada da fecundidade.

Para o segundo período (1895-1919, Gráfico 9), as mulheres que contraem matrimônio entre 15 e 19 anos concentram a prole nos primeiros oito anos do casamento. Após esse período de oito anos a fecundidade declina sem oscilações. As mulheres que contraem núpcias entre 20 e 24 anos revelam a mesma tendência de comportamento das mulheres que se casaram mais jovens, com exceção das mulheres do grupo etário de 35-39 anos quando se observa um aumento súbito da taxa, para decair novamente na faixa subsequente.

QUADRO 16 - ALEMÃES CATÓLICOS EM CURITIBA  
FECUNDIDADE DE MULHERES  
TAXA CORRIGIDA DE FECUNDIDADE POR MIL

1850-1894										
Idade ao casar	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Desc. Comp
15-19	28	0	388	357	336	222	192	90	24	6,6
20-24	16			483	388	241	93	71	20	5,9
25-29	2				667	500	400	200	0	7,5
30-34	5					333	200	320	125	4,6
Total		0	389	385	360	245	179	115	41	6,0
1895-1919										
Idade ao casar	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Desc. Comp
15-19	28		319	274	141	18	0	0		2,7
20-24	37			320	186	87	244	50	0	3,7
25-29	7				455	324	43	0	0	3,3
30-34	4					417	100	59	0	2,0
Total			288	299	194	129	118	37	0	3,1

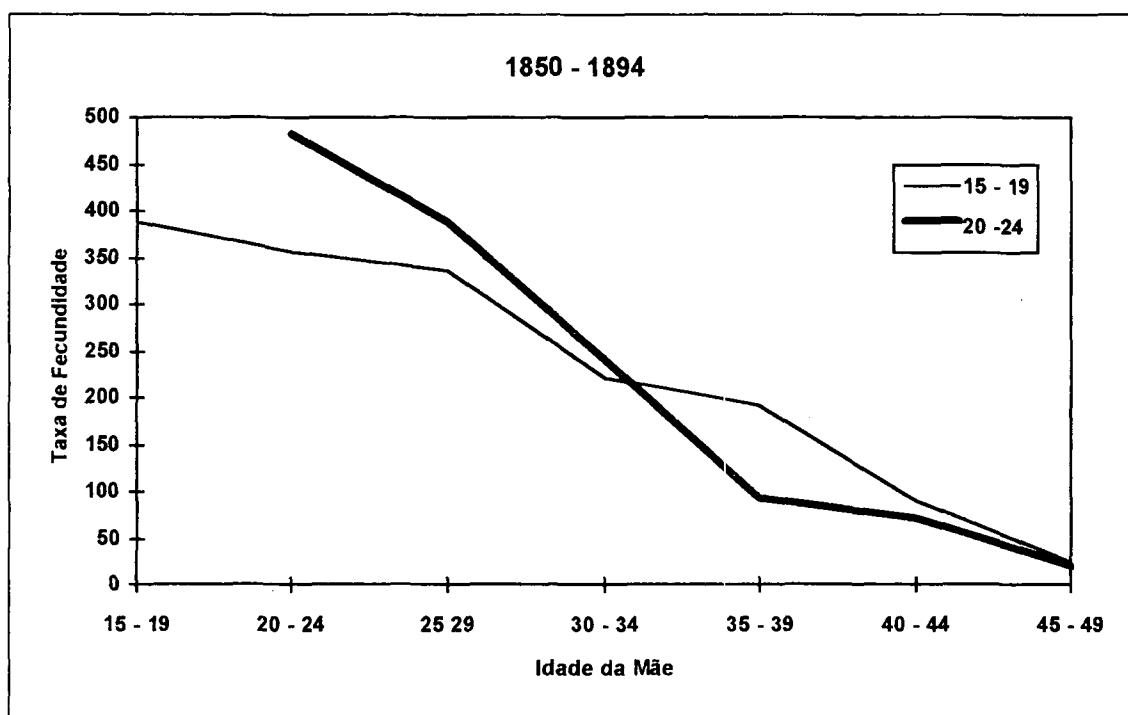


GRÁFICO 8 - ALEMÃS CATÓLICAS - CURITIBA  
TAXA DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA POR GRUPO DE IDADES, SEGUNDO A IDADE AO CASAR DA MULHER<sup>19</sup>

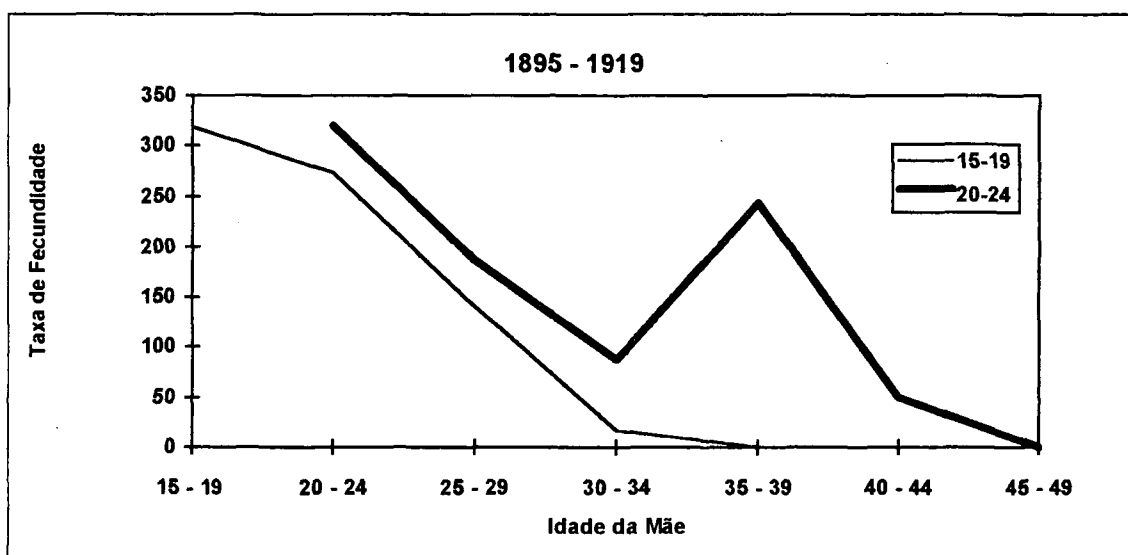


GRÁFICO 9 - ALEMÃS CATÓLICAS EM CURITIBA  
TAXA DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA POR GRUPO DE IDADES, SEGUNDO A IDADE AO CASAR DA MULHER

<sup>19</sup>Na construção dos Gráficos 8 e 9, deixou-se de lado as taxas referentes às mulheres de 25 e mais, em virtude do pequeno número observado.

A comparação entre os dois períodos mostra uma tendência decrescente nas taxas de fecundidade por faixas de idade com um comportamento diferenciado para as duas coortes analisadas. De qualquer forma, os casais mantêm o mesmo comportamento quando se trata da concentração dos filhos nos primeiros anos do casamento. No primeiro período ( 1850-1894), quando se fala da distribuição da prole, o comportamento difere: as mães tinham filhos em idade mais avançada, quer dizer, utilizavam a totalidade da vida conjugal para constituir a sua descendência. Para as mulheres casadas entre 1895-1919, a idade na maternidade cessava para a grande maioria na faixa de 30 anos.

Há outras variáveis, para os alemães católicos, que colaboram para demonstrar que o casal tinha filhos logo após o casamento. Uma delas é a coincidência de idades nos quadros denominados "Idade que o Casal passa a Contribuir para a População" ( ver Quadro 39 anexos) e a "Idade Combinada ao Casar": o elemento do sexo masculino na faixa etária de 20-24 com mulher de 15-19 anos.

#### 4.2.1 Constituição da Família

A constituição da família começa pelo número de filhos e intervalo de concepção. Para os casamentos efetuados no segundo período (1895-1919) só foram observados os realizados até 1919, data limite do corte transversal. A dimensão da família altera-se porque não foram arrolados os filhos que nasceram após essa data <sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Outras variáveis, como a descendência completa (Quadro 18), a idade à última maternidade (Quadro 19) e os primeiros e últimos intervalos sucessivos(Quadro 24), em função do corte em 1919, também só foram analisadas para o primeiro período.

Mesmo assim, tomando só o primeiro período para a análise das variáveis que permitem explicar a constituição da família só foi possível considerar as duas faixas de idade nas quais há uma concentração maior de casamentos observáveis.

Examinando o Quadro 17, na faixa de 15-19 anos, segundo a idade ao casar da mulher, nos vinte e oito casamentos, o número médio de filhos fica em torno de sete e, para um total de dezesseis casamentos realizados na faixa etária de 20-24 anos, a média de filhos gira em torno de seis.

As famílias abertas (MO), cuja observação não foi possível finalizar, apresentam um número médio de filhos significativamente inferior ao das famílias fechadas (MF)<sup>21</sup>. Conforme já foi constatado, as mulheres analisadas para o primeiro período tinham filhos durante todo o período fecundo. É possível concluir, portanto, que o número total de filhos das famílias MO está incompleto. Esse fato está ligado à uma mobilidade da população alemã católica e explica, em parte, o pequeno número de famílias que foi possível acompanhar até o final da observação.

---

<sup>21</sup>Uma família é fechada quando não há mais possibilidades de nascer crianças, seja porque a união é interrompida pela morte ou divórcio, seja porque a mulher completou 50 anos, idade em que a quase totalidade das mulheres são estéreis. (HENRY, 1970, p. 93).

QUADRO 17 - ALEMÃES CATÓLICOS EM CURITIBA  
NÚMERO MÉDIO DE FILHOS DAS FAMÍLIAS, SEGUNDO A IDADE AO CASAR DA MULHER  
1850-1894

Idade	Fichas Fechadas	Média Filhos	Fichas Abertas	Média Filhos	Conjunto	
10-14	1	2.00			1	2.00
15-19	28	7.00	29	3.03	57	4.98
20-24	16	6.06	9	4.78	25	5.60
25-29	2	8.00	5	6.00	7	6.57
30-34	5	5.80	3	4.00	8	5.13
35-39			1	1.00	1	5.00
40-44			1	5.00	1	1.00
45-49	2	4.00	1	2.00	3	3.33
50 +			1	0.00	1	0.00
Total	54	6.44	50	3.62	104	5.09

Comparando os resultados obtidos no Quadro 17 com os dos alemães luteranos, o número médio de filhos por família fica aproximado, ou seja, 6,4 (católicos) e 6,0 (luteranos). (NADALIN, 1978, p. 323). Cabe aqui uma pergunta: como explicar uma aproximação na média de filhos se há uma diferença importante nas taxas de fecundidade?

Uma das explicações pode estar no pequeno número de mulheres observadas entre os católicos, provocando uma distorção na média. Para se ter uma idéia mais objetiva da fecundidade dos subgrupos apresentados, é possível traduzi-la pela descendência completa expressa no Quadro 18. Ao analisar os dois primeiros grupos de idade, a média de filhos entre católicos e luteranos se afasta (6,4/7,7). Porém, se

tomarmos a capacidade total de concepção de filhos (entre 15 e 50 anos), a média se iguala (6,4 / 6,0).

Concluindo, essas diversidades podem estar na distribuição diferenciada dos filhos nascidos na duração da vida conjugal (ver Gráfico 7)

QUADRO 18 - ALEMÃES EM CURITIBA  
DESCENDÊNCIA COMPLETA  
1850 - 1894

Idade ao casar	Descendência	
1850-1894		
	CAT.	LUT.
15-19	6.8	8.4
20-24	5.9	7.2
25-29	7.5	(2) 4.8
1895-1919		
	CAT.	LUT.
15-19	2.7	4.9
20-24	3.7	4.8
25-29	3.3	(7) 3.9

HENRY (1970, p. 92) afirma que não deve haver grande diferença entre a descendência completa e o número médio de crianças por família completa. No caso do alemães católicos isso ficou comprovado. O número médio de crianças por família completa e por faixa etária entre 15-19 e 20-24 anos é, respectivamente, de 7,0 e 6,0 e para a descendência é de 6,8 e 5,9, para o primeiro período. Para o conjunto dos dois



períodos, há uma variação maior que pode ser explicada em função do corte temporal feito em 1919 e que vai influenciar no número médio de filhos e na descendência completa do segundo período observado (1895-1919).

Considerada a fecundidade legítima total, sem levar em conta se a população limita ou não os seus nascimentos, ela depende de quatro fatores principais:

- a) idade ao casar das mulheres;
- b) idade à última maternidade;
- c) duração fecunda da união;
- d) os espaçamentos entre os nascimentos.

**Idade da mulher ao casar** - A idade ao casar das mulheres alemãs e descendentes é ligeiramente mais elevada se comparada à da mulher brasileira e de outras mulheres estrangeiras relatadas no trabalho de BASSANEZI, feito para a cidade de Rio Claro<sup>22</sup>. A média ao casar se situa em 21,3 e 21,7 para o primeiro e o segundo períodos, respectivamente. Temos aí um fator que contribuía para a limitação dos nascimentos? Para o primeiro período, parece que realmente esse fator influenciou, já que as mulheres tinham filhos até idades bem mais avançadas e, portanto ao se casarem mais tarde esse período era menor e diminuía a possibilidade de terem mais filhos; já para o segundo período, observa-se uma fecundidade mais alta nos primeiras faixas etárias analisadas e

---

<sup>22</sup> Bassanezi encontrou em Rio Claro, no período de 1883 a 1919, uma média para a população brasileira feminina sempre inferior a 20 anos, e para as mulheres estrangeiras, uma média superior à das brasileiras, mas sempre inferior a vinte anos até 1909. (BASSANEZI, 1992, p. 286).

depois um controle dos nascimentos e, portanto, a idade ao casar aparentemente não influenciou no maior ou menor número de filhos.

De um modo geral, toda a mulher é capaz de conceber filhos entre 15 e 50 anos de idade, ou seja, durante um período de 35 anos ou mais. Assim, dependendo da idade em que a mulher contrai matrimônio, esse espaço de tempo pode se tornar mais longo ou mais reduzido, explicando, assim, parte das variações na fecundidade das mulheres. O adiamento ao casar não só leva à diminuição do tempo em que as mulheres ficam expostas ao risco de gravidez, como também é um empecilho ao exercício regular do intercurso sexual nos anos em que a fecundidade feminina se encontra no seu apogeu. Essa fase se estende mais ou menos dos 18 ao 28 anos. (MADEIRA, 1980, p. 171). Isso significa que, ao casar com 21 anos, elas diminuem o período mais fértil de 10 para 7 anos.

**Idade da mãe à última maternidade** - A idade da mãe ao último nascimento é obtida subtraindo-se a data de nascimento da criança da idade da mãe e distribuída segundo o grupo de idade ao casar dessas mesmas mulheres.

QUADRO 19 - ALEMÃES CATÓLICOS EM CURITIBA  
IDADE MÉDIA DA MÃE AO ÚLTIMO NASCIMENTO

1850-1894		
Idade ao casar	número de fichas	Idade média
10-19	9	36.21
20-24	11	36.73
30-49	3	46.57
Total	23	37.81

A idade da última maternidade nos informa como o casal utiliza a duração útil do casamento. A limitação dos nascimentos é acompanhada de uma diminuição muito forte da idade ao ultimogênito; no caso dos alemães católicos, mostra mais uma vez a concentração de nascimentos nos primeiros anos do casamento para as duas primeiras faixas de idade ao casar. A mulher interrompe o processo natural da formação da família a partir do momento em que nasceram todos os filhos desejados.

Tomando as duas primeiras faixas de idade a média de 36,5 (Quadro 19) se diferencia em dois anos da observada para os alemães luteranos, que ficou, no mesmo período, em 38,6. (NADALIN, 1974, p. 319). Em ambos os grupos não se evidencia uma grande diferença em relação à idade ao casar da mulher, do que poder-se-ia deduzir que a limitação dos nascimentos era uma realidade. Segundo HENRY (1972, p. 140), nas populações contemporâneas, os nascimentos de crianças desejadas são encontrados no início do casamento.

**Duração da união** - Outro fator que pode interferir na fecundidade e interrompê-la é a morte de um dos cônjuges e, para verificar se houve ou não essa interferência, um dos caminhos é a exploração de dados como a duração da união e a duração fecunda da união. O Quadro 20 mostra que a duração dos casamentos nas duas principais faixas de idade, tanto para o homem quanto para a mulher, se situa em 30 anos. Para a segunda faixa de idade, em ambos os sexos, a duração do casamento para os homens permanece em torno dos 30 anos, enquanto que para as mulheres diminui para 26,6 anos.

A duração fecunda da união (Quadro 21) a partir do casamento calcula o período de fertilidade do casal, uma vez conhecida a data do casamento e a data do último filho arrolado. Para ambos os sexos, o número de anos férteis dos casais ficou na faixa de 17 anos para o primeiro grupo de idade (15-19 para as mulheres e 20-24 para os homens). No segundo grupo (20-24 mulheres e 25-29 homens), ficou em 13 anos a duração fecunda da união.

## QUADRO 20 - ALEMÃES CATÓLICOS EM CURITIBA

## DURAÇÃO DA UNIÃO

1850-1894

Idade casar	ao	HOMENS		MULHERES	
		Unões	Duração (anos)	Unões	Duração (anos)
10-14				1	22,02
15-19				28	31,33
20-24		20	32,09	16	26,65
25-29		14	28,90	2	21,41
30-34		7	32,88	5	36,84
35-39		4	15,28		
40-44					
45-49		1	24,38	2	16,88
50+		1	17,65		
Ind.		113	25,04	106	24,75
Total		160	26,31	160	26,31

## QUADRO 21 - ALEMÃES CATÓLICOS EM CURITIBA

## DURAÇÃO FECUNDA DA UNIÃO A PARTIR DO CASAMENTO

1850-1894

Idade casar	ao	HOMENS		MULHERES	
		Unões	Duração (anos)	Unões	Duração (anos)
10-14					
15-19				32	17,84
20-24		27	17,87	21	13,24
25-29		18	12,80	6	12,67
30-34		10	12,91	5	14,20
35-39		4	7,09	1	2,31
40-44		2	-0,27	1	-6,92
45-49				2	0,23
50+		1	-6,92		
Ind.		187	11,78	181	11,45
Total		249	12,31	249	12,31

Pela proporcionalidade dos dados entre a duração da união e a duração fecunda da união, tanto para homens quanto para mulheres, é possível afirmar que a interferência da fecundidade não se dá pela morte de um dos cônjuges.

**Espaçamento entre os nascimentos** - Na continuidade, analisar-se-á os intervalos entre os nascimentos, pois não é suficiente o estudo da dimensão da famílias; é preciso também se ater aos intervalos. Uma família se caracteriza pelo número de nascimentos e a repartição desses no tempo.

**Intervalos protogenésicos** - O período que fica entre o casamento e o primeiro nascimento se denomina protogenésico. O Quadro 22, que apresenta os intervalos entre o primeiro nascimento e o casamento, mostra um comportamento diferenciado para os dois períodos utilizados como parâmetros de análise. No primeiro período, 1850-1894, o intervalo para as mulheres casadas na faixa etária de 15-19 anos é menor: 55% delas têm o primeiro filho entre 8 e 11 meses de casamento. Já para as mulheres da faixa etária de 20-24 anos, o intervalo é maior: 52,9% têm o primeiro filho após um ano de casamento.

Para o segundo período, 1895-1919, percebe-se uma mudança: as mulheres das duas faixas etárias analisadas (15-19 e 20-24) esperam mais de um ano para terem o primeiro filho (72% e 65%).

QUADRO 22 - ALEMÃES CATÓLICOS EM CURITIBA  
INTERVALOS PROTOGENÉSICOS

1850-94					
Idade ao casar	Número de Intervalos	% de Intervalos de 8-12 meses	12 meses e mais	Menos de 60 meses	Média
15-19	20	55.00	45.00	17.28	22.10
20-24	17	47.06	52.94	14.06	14.06
25-29	4	25.00	75.00	23.25	23.25
30-34	3	33.33	66.67	22.50	49.67
Total:	44	46.67	53.33	16.88	20.98
1895-1919					
15-19	32	28.13	71.88	20.40	23.75
20-24	26	34.62	65.38	16.68	18.54
25-29	7	42.86	57.14	15.29	15.29
30-34	3	100.00	0.00	9.67	9.67
Total	68	35.29	64.71	17.92	20.26

O comportamento dos alemães católicos em relação aos intervalos protogenésicos é bastante diferenciado do dos alemães luteranos. Para os católicos, os primeiros filhos nascidos antes de completar um ano de casamento são, em média, 46% para o primeiro período e 35% para o segundo. Para os luteranos, nos períodos similares, as médias ficam bem mais elevadas, 62% e 54%, respectivamente.

De qualquer forma, é um dado que vem testemunhar essa diferença entre as taxas de fecundidade dos alemães luteranos e católicos. Parece evidente que para os alemães católicos o planejamento dos filhos já era uma realidade, pois a mulher, em ambos os períodos, esperava preferencialmente mais de 12 meses para ter o primeiro

filho. Isso pode demonstrar a existência do controle voluntário dos nascimentos, em que já existe uma escolha do momento mais conveniente para gerar uma criança.

**Intervalo intergenésico** - Os primeiros intervalos intergenésicos são deduzidos da subtração da data do segundo nascimento da data do primeiro nascimento.

QUADRO 23 - ALEMÃES CATÓLICOS EM CURITIBA  
PRIMEIRO INTERVALO INTERGENÉSICO

1850-1894							
	Intervalo Protogenésico			1º Intervalo		Diferença	
Idade ao casar	Nº de intervalos	60 meses e mais	Média	60 Meses e mais	Média	60 Meses e mais	Média
15-19	17	15.19	18.24	30.88	32.41	15.69	14.18
20-24	13	12.46	12.46	27.85	27.85	15.38	15.38
25-29	2	32.50	32.50	30.00	30.00	-2.50	-2.50
30-34	3	22.50	49.67	21.00	26.67	-1.50	-23.00
Total	35	15.61	19.60	29.03	30.09	13.42	10.49
1895-1919							
15-19	27	20.23	22.11	28.54	28.93	8.31	6.81
20-24	18	13.67	13.67	25.72	25.72	12.06	12.06
25-29	7	15.29	15.29	28.29	28.29	13.00	13.00
30-34	2	9.50	9.50	55.00	55.00	45.50	45.50
Total	54	16.94	17.94	28.55	28.74	11.60	10.80

O intervalo entre o primeiro e o segundo filho, nos períodos ( 1850-1894 e 1895-1919), na média, é bastante parecido, 13,4 e 11,6, respectivamente.



No segundo período, no entanto, já se percebe uma pequena diferença nas faixas etárias. As mulheres que casam entre 15-19 anos, concebem mais cedo o segundo filho; o intervalo cai de 15,3 para 8,3 de um período para outro.

Já para o grupo de mulheres da segunda faixa etária, 20-24 anos, no período de 1895-1919, elas concebem o segundo filho em maior espaço de tempo; a diferença entre o primeiro filho e o segundo fica em 12,0 meses.

A variação observada nos dois períodos, no intervalo de nascimento do primeiro para o segundo filho, pode significar que as mulheres, no período mais recente da pesquisa, optaram por gerar os filhos desejados em intervalos menores.

**Intervalos sucessivos** - Para o cálculo dos primeiros intervalos, foram utilizados os casais que tiveram pelo menos seis filhos e que tinham registro do casamento na Catedral. Os cálculos são efetuados para os casos em que as duas datas de nascimento (da mãe e dos filhos) são claramente conhecidas, o que não ocorre para os últimos intervalos os quais são estimados somente com a data de nascimento dos filhos. O Quadro 24 mostra os intervalos médios em mês completo para os quatro primeiros e os quatro últimos intervalos entre o nascimento e o grupo de idade da mulher ao se casar. Segundo o *SYGAP* (p. 107) o número de uniões não corresponde necessariamente ao número de casos retidos para o cálculo de cada intervalo; o processo de cálculo pode ter rejeitado as uniões para um intervalo pela imprecisão da data de um dos dois nascimentos implicados, mas serem conservadas para o cálculo dos outros intervalos.

QUADRO 24 - ALEMÃES CATÓLICOS EM CURITIBA  
PRIMEIROS E ÚLTIMOS INTERVALOS SUCESSIVOS  
1850 - 1894

Idade ao casar	Primeiros intervalos				Últimos intervalos			
	1-2	2-3	3-4	4-5	AAP	AP	P	U
15-19	22.81	23.07	27.20	22.85	26.53	26.35	30.43	38.83
20-24	19.30	23.56	23.67	34.00	24.85	26.58	34.33	51.39
25-29	27.00	19.50	24.25	28.67	22.00	21.00	33.33	24.67
30-49		25.00	18.00	13.00	23.00	34.00	31.00	24.67
Total	21.9	23.0	25.1	27.3	25.2	26.3	31.9	41.8

QUADRO 25 - COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DE CURITIBA  
PRIMEIROS E ÚLTIMOS INTERVALOS SUCESSIVOS  
1866-1894

Idade ao casar	Primeiros intervalos				Últimos intervalos			
	1-2	2-3	3-4	4-5	AAP	AP	P	U
15-19	21.0	24.6	23.8	26.2	24.5	28.5	32.1	28.4
20-24	21.4	24.9	22.0	26.6	25.2	26.5	32.3	37.0
Total	21.1	24.2	23.0	26.4	24.8	27.6	32.2	37.8

BIDEAU; NADALIN 1988, p. 1052.

Os dados referentes aos intervalos sucessivos revelam uma tendência de aumento constante do espaçamento entre os nascimentos, com algumas variações aleatórias que não interferem na média geral. Os primeiros e últimos intervalos sucessivos entre católicos e luteranos (Quadros 24 e 25), para o período analisado, são bastante aproximados e, pode-se dizer que é um comportamento similar ao de outros resultados tradicionalmente conhecidos pela Demografia Histórica.

A maior diferença evidenciada fica na média para o último intervalo, 41.8 para os católicas e 37.8 para os luteranos. Abstraindo esse último intervalo, que pode alterar a análise, os dados apontam para a característica de diferença entre a fecundidade dos dois subgrupos, ou seja, os católicos, provavelmente, tinham propensão a controlar a fecundidade.

Após constatar uma tendência constante de aumento entre os intervalos perguntar-se: por que eles vão aumentando? Isso ocorre principalmente pela fecundabilidade das mulheres, ou seja, a probabilidade de conceber durante um ciclo menstrual ou mensalmente diminuir com a idade, ao mesmo tempo que pode ocorrer uma diminuição na frequência de relações sexuais. Percebe-se que os intervalos variam muito em função da idade ao casar e em função do número de filhos que o casal tem. Para os casais com um grande número de filhos, os intervalos são, em média, de dois anos, ritmo que pode parecer muito rápido para a realidade atual, mas para o período em questão, e para quem não limita conscientemente o número de filhos, é um ritmo lento conseguido graças à amamentação, período em que as mulheres geralmente não são férteis, pela interrupção temporária da menstruação. É verdade também que pode haver uma interrupção nas relações sexuais ou mesmo uma frequência menor nas relações, uma opção do casal para não interromper o aleitamento, ou se sujeitar a uma nova concepção.

**Intervalos entre os nascimentos recenseados** - A média desses intervalos é efetuada sobre todas as uniões mesmo para aquelas que não possuem um registro de casamento ou uma data de fim de união. Na realidade, esse cálculo estima os

intervalos médios entre os nascimentos observados. Esse tipo de procedimento produz um resultado cuja interpretação exige prudência por causa dos desvios possíveis, pois desconsidera histórias de gerações diferenciadas. Outros desvios podem também resultar do agrupamento de famílias “F” com famílias “O” e, mesmo “M” e “E” ( ver página 45). O Quadro 26 resulta da análise dos seis primeiros intervalos médios em mês completo entre o nascimento recenseado segundo a coorte das uniões.

QUADRO 26 - ALEMÃES CATÓLICOS EM CURITIBA  
INTERVALOS ENTRE OS NASCIMENTOS RECENSEADOS

Intervalos Médios								
1850 - 1894								
No. total de filhos	No. de uniões	%	1-2	2-3	3-4	4-5	5-6	6-7
2	236	29.0	59.42					
3	136	16.7	33.23	41.56				
4	100	12.3	37.00	37.04	62.49			
5	79	9.7	28.17	28.13	38.81	37.90		
6	60	7.4	21.56	27.91	32.49	40.50	44.09	
7+	203	24.9	24.24	23.62	24.32	27.53	29.47	27.95
Total	814	100	35.60	30.27	34.53	31.76	32.52	27.95
1895 - 1919								
2	385	37.6	39.02					
3	262	25.6	31.10	36.35				
4	150	14.6	26.70	30.38	34.17			
5	90	8.8	27.29	25.68	30.09	35.88		
6	73	7.1	24.16	26.44	26.59	30.23	35.64	
7+	65	6.3	21.04	24.33	25.90	25.41	26.71	31.35
Total	1025	100	31.68	31.17	30.25	31.35	31.93	31.51

Analisando-se por período, o intervalo varia, no primeiro, em função do número de filhos. As mulheres que têm somente 2 filhos apresentam um intervalo de 5 anos em média entre a primeira e a segunda concepção. O casal com 3 filhos já apresenta um intervalo menor entre o primeiro e o segundo e aumenta do segundo para o terceiro. As mães que têm 4 filhos apresentam um intervalo médio de 3 anos entre os 3 primeiros filhos e depois, aparentemente, há um filho não esperado. Parece lógico, quanto mais filhos as mães têm mais diminui o intervalo. Quando tomamos as mães que têm mais de 7 filhos o intervalo diminui para o clássico espaçamento de 2 em 2 anos.

Para o segundo período, aumenta relativamente o número de casais com 2 filhos e diminui o intervalo quase pela metade. De um modo geral, os intervalos para o segundo período diminuem bastante em todas as dimensões de famílias, inclusive nas famílias com mais de 7 filhos. Diminui também o número de famílias com mais de 5 filhos, ou seja, de um modo geral, vai diminuindo progressivamente a dimensão das famílias.

A análise dos dados dos períodos autoriza a suposição de que o aumento relativo de casais com 2 filhos (29,0% para 37,6%) e a diminuição significativa de casais com 7 filhos ou mais (29,9% para 6,3%) resulta de diminuição da fecundidade já indicada anteriormente. Essa constatação, mais o fato dos intervalos recenseados diminuírem progressivamente, vêm complementar a observação de que os alemães católicos concentravam a prole nos primeiros anos do matrimônio, assinalando um comportamento caracterizado como mais moderno.

**Recortes de famílias: exemplos de fecundidade** - Numa tentativa de escapar às acusações que os historiadores-demógrafos vêm recebendo por não se deterem em suas famílias reconstituídas e muito menos nos seus componentes, apesar de conhecerem todos até pelo nome (IMHOF, 1987, p. 90), proponho-me a fazer uma abordagem complementar, seguindo por duas gerações algumas famílias para ilustrar o comportamento social do grupo em estudo.

Pretendo acompanhar essas famílias e verificar a escolha de seus parceiros matrimoniais, estudar a reprodução em sua especificidade familiar; exemplificarei com aquelas que representem o comportamento geral e com outras que fogem desse mesmo comportamento.

A história das famílias foi construída a partir das fichas de família reconstituídas. São reflexões que não escapam da construção do narrador e permitem mostrar evidências de mudanças comportamentais entre pelo menos duas gerações de famílias.

Bárbara chegou a Curitiba, com seus pais e mais cinco irmãos nascidos na Alemanha na década de 1870. Bárbara deve ter vindo bebê, pois casou-se com 18 anos em 1888. Encontrou Gottlieb, um suíço-alemão e de religião luterana. Bárbara engravidou. Como era muito católica não aceitou casar na Igreja Luterana. Além disso, o desenrolar de uma união com um cônjuge não-católico era um processo demorado. Concluindo, Bárbara casou na Igreja Católica após o nascimento de seu primeiro filho. Tiveram como padrinhos de casamento um parente de Bárbara e um outro indivíduo com sobrenome alemão. (SYGAP, união nº 2461)

Em 1880, Curitiba já contava com um número significativo de imigrantes de origem alemã, e, como não poderia deixar de ser, os alemães e descendentes mantinham um costume que os identificava: o associativismo. Costumava-se mesmo dizer "wo zwei Deutsche zusammen sind, bilden sie drei Vereine" (onde existem dois

alemães, organizam-se três associações). (NADALIN, 1972, p. 4). O associativismo explica pelo menos em parte o encontro de Bárbara e Gottlieb, os quais embora alemães, freqüentavam igrejas diferentes, mas, conviviam no mesmo clube de lazer, como realmente acontecia segundo depoimento de descendentes. (WEIGERT, L.). Nessa socialização, os pares desconsideravam as diferenças religiosas que ficavam postergadas mas não inviabilizavam o casamento.

Bárbara consegue manter a família na Igreja Católica; seus 12 filhos foram batizados naquela Igreja. Tratava-se de uma família numerosa e o casal, aparentemente, não utilizava nenhuma prática de contracepção. Os primeiros 3 filhos nasceram em intervalos de um ano a um ano e meio; para o restante dos filhos, o intervalo ficou em torno de dois anos. A mãe quando teve o último filho tinha de 37 anos, quer dizer que Bárbara utilizou sua capacidade de concepção de filhos entre 18 e 37 anos; são 19 anos de duração fecunda da união. O primeiro filho morreu com nove meses. Quatro meses após sua morte, a mãe já tinha outro filho.

Bárbara e Gottlieb escolheram para padrinhos de seus filhos por ocasião do batismo indivíduos em sua grande maioria de origem germânica; vários deles parentes da noiva e nenhum parente do noivo. A não escolha de parentes do noivo pode ter sido resultado de influência do pároco que, em determinados períodos, se opunha à escolha de elementos de outras religiões para serem padrinhos<sup>23</sup>; 2 padrinhos são brasileiros, porém casados com elementos de descendência germânica. Dos 12 filhos, restam as seguintes informações: quatro casaram na Igreja Católica, 3 com indivíduos de origem alemã e uma com um brasileiro, além do primogênito que morreu aos 9 meses. (SYGAP, união nº 2461).

---

<sup>23</sup>A pastoral de 1915 lembra aos párocos que não podem exercer o ofício de padrinhos os não católicos e os infiéis, do mesmo modo que os católicos não poderão exercer o ofício de padrinhos de batismo administrados pelos não católicos. (PASTORAL COLLECTIVA, 1915, p.46). A observação dessas normas variou conforme o pároco, pois encontramos com freqüência padrinhos de religião luterana entre os alemães.

Nas sociedades em que os valores são tradicionais e as opções são mais restritas para as mulheres, há uma tendência maior ao desempenho dos papéis de esposa e mãe, provocando, conseqüentemente, um número maior de filhos por família. Por outro lado, a falta de propagação e mesmo o desconhecimento de métodos de prevenção da gravidez, podem provocar alterações no índice de natalidade, aumentando também a proporção de crianças ilegítimas. Bárbara faz parte da análise do primeiro período (1850-1894) em que a taxa de fecundidade é maior do que a do segundo período (1895-1919), bem como, é maior a proporção de uniões com filhos concebidos antes do casamento. No entanto, essa relação entre os valores tradicionais e o comportamento das famílias, no primeiro período, foi observada com mais rigorosidade por Bárbara e Gottlieb do que grande parte dos casais.

Com uma experiência de vinte anos na cura de almas, um padre católico observou que a religião é a parte em que os novos se distinguem do velhos (imigrantes). Aqueles são indiferentes ou ateus e têm idéias estranhas sobre os direitos da mulher e sobre o matrimônio. Com os novos, vem a propaganda do controle da natalidade. (WILLEMS, 1980, p. 185). Essa observação do padre pode, em parte, ser colocada também para Curitiba, para o segundo período analisado, em que se observa um comportamento mais moderno em relação à fecundidade e, como consequência, acredita-se que as mulheres utilizavam com regularidade algum método contraceptivo, e pensavam o casamento como uma possibilidade além da procriação: ter filhos sim, logo no início do casamento, e depois usar a relação mais como um conforto entre casais, tomando o cuidado para evitar a concepção.



Como representante da segunda geração tem-se Thereza:

Thereza, filha de Bárbara e Gottlieb, casou com Ricardo na Igreja Católica em 1916. Ele era descendente de alemães, porém de religião luterana. Thereza casou com 22 anos, 4 anos a mais que sua mãe e não teve concepção pré-nupcial. O seu primeiro filho (talvez único) foi concebido 11 meses após o casamento. Ricardo e Thereza escolheram como padrinhos do filho um parente do noivo (luterano) e um da noiva (católico). O primeiro a morrer foi Ricardo com 60 anos. (SYGAP, união nº 1371).

A diferença entre a mãe e a filha mostra os extremos que o comportamento reprodutivo "médio" nas taxas de fecundidade não revelou. Ou seja, a representante do primeiro grupo é uma mãe com um número de filhos acima da média (12 / 6) e a filha, representando a segunda geração fica com um comportamento reprodutivo abaixo da média do segundo período (1 / 3).

Da mesma forma que Bárbara e Gottlieb, tem-se a seguinte família constituída no primeiro período de pesquisa, e que foge dos padrões de fecundidade da média estabelecida pelos cálculos, porém, numa razão inversa do primeiro exemplo.

Adolpho Frederico com 26 anos e Catharina Maria com 28 anos casaram-se em 01.02.1868 na Igreja Católica. O primeiro filho nasceu nove meses após o casamento. Tiveram ao todo 2 filhos, com um intervalo de 9 anos entre o primeiro e o segundo filho. O primeiro filho morreu com 20 anos, solteiro, de febre em 1889; a segunda filha casou com 19 anos com um brasileiro. A duração da união foi de 50 anos, interrompida com a morte do marido aos 76 anos de idade; a esposa morreu com 92 anos. (SYGAP, união nº 1310).

Esse casal foge do padrão encontrado na média das famílias analisadas. Em primeiro lugar pelo número de filhos, muito embora possa haver sub-registros; segundo, pelo intervalo entre o primeiro e o segundo filho. A idade à última maternidade de Catharina também é elevada para a média e pode ser que o filho tenha vindo sem ser desejado, como também pode ter existido um período em que a capacidade da mãe ou do pai de procriar tenha sido interrompida.

Outra característica desse casal é que eles fazem parte dos primeiros imigrantes chegados em Curitiba,<sup>24</sup> ainda na década de 1830, explicando a idade elevada de Catharina ao casar (28), pois eram poucos os alemães na Capital, e justifica inclusive a escolha dos padrinhos de casamento recair entre brasileiros.

Para o segundo período, uma família que pode ser enquadrada na média dos padrões de fecundidade foi formada em 30.01.1904:

A união de João e Bertha, ambos de origem alemã, nascidos em Curitiba, ocorreu na Igreja Católica. Ela casou com 21 anos de idade; para o noivo não consta a idade. Tiveram ao todo 4 filhos. O intervalo entre o casamento e o primeiro filho foi de 15 meses; do primeiro para o segundo também 15 meses; já para o terceiro filho o intervalo ficou em torno de 3 anos, só que a criança morreu ao 11 meses de idade. O quarto filho nasceu 9 anos após, dando a impressão de ser um filho não esperado, pois os filhos desejados já haviam se concentrado no início do casamento. Dos 3 filhos restantes, todos casaram na Igreja Católica; o rapaz com 25 anos de idade, portanto, na média geral dos casamentos e as moças ambas abaixo da média e mais cedo que a própria mãe (18 e 19 anos). (SYGAP, união nº 1490).

Por outro lado, Arnaldo e Rodolphina, que casaram em 1907, representam os casais que fogem da taxas de fecundidade para o segundo período.

Arnaldo e Rodolphina nasceram em Curitiba. Ele se casou com 21 anos e ela com 18 anos. Tiveram 6 filhos. O comportamento reprodutivo de Rodolphina foi diferente da média. O primeiro filho nasceu 4 dias após o casamento, depois ela teve os 3 seguintes filhos num intervalo médio de 2 anos. Os dois últimos, que geralmente são gerados em intervalos maiores, ela os teve num espaçamento de um ano e meio cada. A fecundidade foi interrompida pela morte do esposo em 1918. Numa duração fecunda da união de 6 anos, Rodolphina teve 6 filhos. (SYGAP, união nº 1237).

Esses exemplos, extraídos das famílias reconstituídas, demonstram a complexidade da análise do resultado obtido a partir dos dados quantitativos. Essa já é uma preocupação manifestada por ANDREAZZA e NADALIN (1994, p. 25) no estudo

---

<sup>24</sup> Segundo STROBEL (s.d, p. 134) "os primeiros imigrantes alemães que chegaram a Curitiba eram do Mosele e devem ter se fixado aqui pelos anos de 1840; pelo que me consta, eram as famílias Plaetz, Stresser, Schleder, Theodoro Gaspar e Miguel Muller, e estes adaptaram-se rapidamente aos costumes brasileiros."

feito com os alemães luteranos. No entanto, as variáveis trabalhadas neste capítulo permitem levantar alguns indicadores do comportamento reprodutivo dos alemães católicos.

As taxas de fecundidade relativas à primeira coorte de mulheres (1850-1894) ( ver Gráfico 7) apresentam uma convexidade menos acentuada que aquelas apresentadas pelos alemães luteranos, no mesmo período, o que poderia indicar um comportamento reprodutivo diferenciado. Entendo que esse é um dado que deva ser relativizado em função das dispersões possíveis em torno da média.

A convexidade da curva para os luteranos é explicada como própria de populações que não limitam voluntariamente a prole e utilizam, em sua maioria, todo o ciclo de vida conjugal para constituir sua descendência (ANDREAZZA; NADALIN 1994, p. 25).

Percebem-se algumas semelhanças entre os dois grupos nesse primeiro período (1850-1894). Os alemães católicos, tal qual os luteranos, casam-se nesse período, entre elementos de origem alemã. A idade ao casar da mulher é praticamente a mesma; os intervalos sucessivos e intergenésicos para o primeiro período são bastante aproximados. No entanto, a média de idade à última maternidade entre eles (católicos 36,5 e luteranos 38,6) variou em dois anos.

Apesar da coincidência de grande parte das variáveis assinaladas, a taxa de fecundidade é diferente entre os dois grupos; é menor para os católicos. Outra variável em que se verifica um comportamento diferente é em relação ao intervalo protogenésico. Os alemães católicos têm o primeiro filho em intervalo maior que os alemães luteranos.

A constatação de que o intervalo entre o casamento e o primeiro filho é maior para os católicos pode evidenciar que, para parte das mulheres católicas, já havia certo controle da natalidade, uma possibilidade de escolher o momento de ter o primeiro filho.

Para a segunda coorte de mulheres (1895-1919) (Gráfico 7), o comportamento reprodutivo se modifica bastante; é perceptível essa mudança na descendência completa por faixa etária entre os dois períodos e, principalmente, pela concavidade delineada nos traços da curva da fecundidade. Nesse período, mais uma vez se observa um comportamento diferente dos alemães luteranos; a concavidade da curva é mais acentuada para os católicos. Isso pode significar que as mulheres católicas, mais que as luteranas, praticavam a contracepção.

Sabe-se que o desejo de ter filhos é menor nas sociedades mais expostas à modernização, em que a atuação da mulher é mais independente, a participação no casamento mais igualitária e a orientação recebida mais individualista. Mulheres educadas sob orientação predominantemente familiar estariam mais condicionadas a assumir os papéis de esposa e mãe, colocando-os à frente de seus interesses individuais (SAMARA, 1979, p. 55); isto que explica, de certa forma, a diferença entre a primeira e a segunda geração de descendentes de alemães: os primeiros com um número maior de camponeses, mesmo assim numa proporção menor que os luteranos, e, na segunda geração, a proporção de cidadãos entre os católicos também é maior, revelando uma mulher que trabalha fora mesmo que seja no ramo de comércio da família.

Em Curitiba, em fins do século XIX e início do século XX, é muito freqüente ver-se, no centro da cidade, a cooperação feminina nos empreendimentos

familiares, dirigidos por imigrantes: botequins, casas de comércio, pequenas indústrias. A alemã, radicada na área urbana, é figura habitual nesses ambientes, contando com a anuência da população à sua atividade (TRINDADE, 1992, p. 214).

Dentre as instituições para as quais sempre se apregoa a influência na questão da constituição da família está a Igreja Católica, que, com sua doutrina sobre a legitimação religiosa do papel de mãe e sobre o problema moral envolvendo a concepção, determinou sempre um comportamento mais tradicional por parte dos casais com relação à questão da limitação dos filhos, um comportamento observado pelos italianos de Santa Felicidade (BALHANA, 1977) e não tão claramente observado no conjunto do grupo alemão católico.

As fontes documentais disponíveis no Brasil mostram que a quase totalidade dos pronunciamentos do episcopado brasileiro sobre natalidade e população tem lugar no final dos anos 60 deste século.<sup>25</sup> Mais precisamente, após a publicação da Encíclica *Humanae Vitae*, a 29 de julho de 1968 (PIERUCI, 1978, p. 38). Não havia pronunciamento, porque não havia no Brasil militância de outras instituições em prol do planejamento familiar a que a Igreja tivesse que se posicionar. Ela teve, isso sim, a partir

---

<sup>25</sup>A única manifestação da Pastoral Collectiva que abrange o período analisado pela pesquisa sobre o controle da natalidade se encontra nos seguintes termos: [...] o sacramento do matrimonio é destinado a povoar de filhos a Igreja e de bemaventurados o céu. Peccam pois gravemente contra a santidade do Matrimonio os que sob o falso pretexto de atalhar os encomodos e perigos da gravidez, ou ainda por motivos igualmente frívolos, sinão ímpios e immoraes, procuram fraudarlhe os fins para que foi instituido, usando de medicamentos quasi nocivos à saúde, ou de processos mais ou menos indecorosos e contrários à natureza. Os esposos contumazes em um vicio tão repellente e condemnavel, bem como os medicos que o ensinam enculcam aos seus clientes, são indignos de absolvição. (PASTORAL COLLECTIVA, 1915, p. 93). Não há referências dos Bispos sobre os procedimentos que os párocos devem seguir com relação a esse tema, como se observam para outros, em que as instruções são claras e bastante repetidas ao longo da pastoral.

do final do século XIX , e mais claramente após a Primeira Guerra Mundial, de lutar com outras ideologias (laicas e religiosas) erosivas de sua hegemonia, e pode-se perceber claramente em Curitiba essa defesa da Igreja, cuja manifestação é contra as opiniões publicamente defendidas pelos livres pensadores e anti-clericais sobre o papel da mulher.

Há, na posição católica, toda uma proposta educativa de fundo moral que opõe fé e razão, apoiada no sentimentalismo e na via do dogma e do ritual. Recomenda-se um cuidado permanente com a jovem, à medida que o modelo idealizado da esposa, sobretudo da esposa cristã, corre o risco do confronto com o seu oposto, mulher que, emancipando-se de velhos preconceitos e enfrentando as regras religiosas, recusa-se a ocupar o lugar que lhe é destinado no conjunto social. No sentido de prevenir o crescimento desse contramodelo - que possui crenças diferentes e idéias próprias, que se instrui e moderniza - , unem-se Igreja e sociedade para criar estereótipos que imprimam um conceito de "sexo frágil", limitante dos espaços e atividades dessa mulher. (TRINDADE, 1992, p. 50).

Em que medida essa tentativa de evitar que a mulher buscasse uma certa emancipação no conjunto da sociedade atingiu ou não a composição das famílias alemães é difícil medir. Até que ponto algumas mudanças evidenciadas no processo reprodutivo mostram uma relação mais aberta dos casais em relação aos filhos e em relação à sua própria convivência é outra questão que permanece. Percebe-se que havia uma preocupação com os filhos, um reconhecimento dos filhos como tendo um posição especial - a ênfase na escolarização, nos esportes, num espaço para a criança deixa transparecer esse lado afetivo. Trata-se de uma forma de considerar o indivíduo em sua relação com a sociedade, comportamento que já era possível observar na Europa nos

séculos XVII e XVIII, período no qual a procriação deixou de ser a finalidade principal. A substituição dos vínculos familiares entre pais e filhos pela relação marido/mulher diminui a pressão para ter filhos. A "contracepção eficaz" permite escolher se se quer ter muitos ou poucos. De forma gradativa, as escolhas individualizam-se, indicando um afrouxamento da influência das famílias ampliadas.

## **5 CONTATOS INTER-RELIGIOSOS**

*Você quer casar com esse protestante?*  
(Indagação de um padre a uma alemã  
católica)



No primeiro contato com as 3 235 fichas de famílias, percebi que a interação entre alemães católicos e luteranos era bastante significativa. Dessa constatação, partiu a idéia de aprofundar a análise das relações inter-religiosas, uma vez que, para o período estudado - fins do século XIX e início do século XX - atribui-se à Igreja um papel muito importante na vida do imigrante, que nela buscava conforto espiritual. Ao fazer estas constatações não ignoro a presença do anti-clericalismo na sociedade paranaense (BALHANA, 1981). Não obstante isso, entre estes imigrantes e descendentes a religião desempenha um papel relevante. A influência da religião ia além do conforto espiritual, pois exercia também, no plano social, forte ascendência, regulando comportamentos e impondo sua ideologia sobre o matrimônio. Dispunha, portanto, de um poder persuasivo e normativo.

Esse tipo de atuação da Igreja não constitui algo incomum, visto possuir caráter eminentemente social: da mesma forma que as representações religiosas exprimem realidades coletivas, os ritos são maneiras de agir que não nasceram senão no seio de grupos reunidos e que estão destinados a suscitar, a manter ou refazer certos estados mentais desses grupos. (DURKHEIM, 1991, p. 155).

Batismos, crismas, casamentos e funerais são definidos por alguns estudiosos como ritos de passagem, momentos de transição para determinadas situações de vida (CAMARGO, 1973, p. 61). Especificamente os batismos, crismas e casamento podem ser vistos como ritos de instituição (BOURDIEU, 1982, p. 62). Nesse caso, a ênfase não está exatamente na passagem, mas na instituição da nova condição. Para o caso aqui estudado, é importante observar o que BOURDIEU trabalha com relação àqueles que passaram a outro estágio, através do rito. Nesse particular, será exercida

uma coação pelos pares para que o recém-ingressado não disvirtue nem subverta a ordem e os procedimentos da instituição. Há comportamentos e padrões exigidos como inerentes aos "escolhidos" e que estão na nova situação. Especificamente para as conversões essa afirmação de Bourdieu parece exemplar, na medida em que elas significam mais do que um rito de passagem, exigem o juramento do convertido de seguir a nova religião.

Ainda recorrendo a Bourdieu, a religião pode ser vista enquanto campo, isto é, um espaço concorrencial, lutando pela ortodoxia da fé, a disputa pela legitimidade, pela fé verdadeira. Daí as estratégias de ampliar os elementos participantes do campo, ou seja, os fiéis: mantendo aqueles que já aderem à fé e convertendo novos, não deixando seus adeptos saírem e ingressarem noutra religião. Também aqui se insere a disputa pela verdadeira fé, pela palavra verdadeira, pela interpretação mais legítima dos atos e das práticas. Aqui podem ser lidas as estratégias empregadas para depreciar e desqualificar os oponentes. (BOURDIEU, 1982, p. 39).

Na tentativa de agrupar os alemães católicos pelos registros de casamentos, identificaram-se indivíduos de religião luterana, alguns com certa facilidade, pois constava juntamente com o registro uma nota do pároco afirmando que o cônjuge não católico havia abjurado do protestantismo, prometendo daquele momento em diante seguir o catolicismo, iniciando inclusive seus filhos nesse caminho; ou, então, que o cônjuge católico jurava fazer o convertido seguir as normas da religião católica. Em

outros registros, a identificação só foi possível no confronto das fichas de famílias alemães luteranas<sup>1</sup> com as de católicos.

Para melhor compreensão das relações inter-religiosas e dos ritos que as envolvem, separei, das 3 235 fichas de famílias, 704 famílias que, de alguma forma, efetuaram contatos formais tanto com a religião católica como com a luterana. Retomando, as fichas de famílias foram divididas em fichas **M** e fichas **E**: as fichas de categoria **M** são aquelas referentes a casamentos cujo início pode ser encontrado na paróquia estudada e as fichas de categoria **E** são aquelas referentes a casamentos fora da paróquia.

QUADRO 27 -GRUPO ALEMÃO CATÓLICO EM CURITIBA  
FREQUÊNCIA DECENAL DE CASAIS COM RELAÇÃO INTER-RELIGIOSA  
FICHAS DE FAMÍLIA TIPO M CASAMENTOS NA IGREJA CATÓLICA

Decênio	No. de famílias com contato Inter-religioso	No. de casamentos de alemães na I. Católica	%
1850-9	7	-	
1860-9	24	44	54
1870-9	30	83	36
1880-9	38	131	28
1890-9	72	231	31
1900-9	51	228	22
1910-9	56	355	15
Total	271	1079	25

OBS: A diferença no número de famílias **M** (1079/1174) e **E** (2061/2156) observada nos Quadros 3(p.42) , 27 e 28, se explica pela adição das 95 famílias constituídas nas Igreja Luterana. Para a análise da fecundidade elas foram consideradas famílias **M** e, neste momento elas foram incluídas nas famílias **E**.

---

<sup>1</sup> O fichário dos alemães luteranos foi elaborado pelo professor Sérgio Odilon Nadalin e gentilmente cedido por el e para consulta.

QUADRO 28 -<sup>2</sup> GRUPO ALEMÃO CATÓLICO EM CURITIBA  
FREQÜÊNCIA DECENAL DE CASAIS COM RELAÇÃO INTER-RELIGIOSA  
FICHAS DE FAMÍLIA TIPO E CASAMENTO NÃO EFETUADO EM CURITIBA

Decênio	No. de famílias com contato Inter-religioso	No. de famílias alemães na Catedral E	%
1850-9	14	53	26
1860-9	37	81	46
1870-9	43	190	24
1880-9	42	262	16
1890-9	69	407	17
1900-9	66	447	17
1910-9	65	716	8
Total	338	2156	16

QUADRO 29 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO EM CURITIBA  
FREQÜÊNCIA DECENAL DE CASAIS COM RELAÇÃO INTER-RELIGIOSA  
FICHAS DE FAMÍLIA TIPO M CASAMENTOS EFETUADOS NA IGREJA LUTERANA

Decênio	No. de famílias com contato Inter-religioso	No de casamentos da Luterana	%
1850-9	-	-	-
1860-9	-	-	-
1870-9	8	112	7.1
1880-9	42	226	18.5
1890-9	25	207	12.0
1900-9	12	179	6.7
1910-9	8	208	3.8
Total	95	930	10.2

Fonte: NADALIN, 1978, p. 172

Para realizar esse trabalho sobre as manifestações inter-religiosas, foi necessário consultar o levantamento das famílias alemãs luteranas. O confronto e a complementação dos dados possibilitaram a constituição de um bloco de famílias que, de formas diferentes, numa freqüência mais ou menos intensa, mantinham relações com

<sup>2</sup> No Quadro 28, foram considerados também 95 casamentos registrados na Igreja Luterana. Esses dados complementam as fichas das famílias encontradas na Catedral a partir de outros rituais, tais como, o batismo, óbito ou casamento dos filhos. Optei, por separá-los desse quadro de famílias E e representá-los no Quadro 29 para fazer uma análise detalhada das famílias que foram constituídas na Igreja Luterana.

ambas as religiões. Tem-se, portanto, de um lado, famílias de alemães e/ou de descendentes de religião católica e, de outro, famílias de alemães e/ou descendentes de religião luterana. São famílias que se envolvem numa rede de relações inter-religiosas.

Para obter uma visão global dessas manifestações nos 70 anos (1850-1919) abrangidos pelo estudo, elaborei três quadros (27, 28 e 29) que retratam - para cada tipo de família constituída - a frequência decenal inter-religiosa.

Para melhor esclarecer como se deram e até que ponto foram significativas as referidas relações, organizei um plano de classificação das famílias pelos rituais observados por elas numa ou noutra igreja.

Percebe-se, no conjunto dos quadros, que há uma diminuição gradativa na proporção de relações inter-religiosas nos últimos decênios. No final do período analisado, apresentam-se taxas bem inferiores às exibidas no início.

Alguns aspectos desses quadros merecem um detalhamento e explicações à parte: na primeira década (1850-1859) é reduzido o número de casamentos de alemães em Curitiba. Trata-se de um período em que a imigração alemã está iniciando e são poucas as famílias assentadas ali anteriormente. O maior contato evidenciado fica por conta de famílias constituídas fora de Curitiba. Tendo em vista que a formação da Comunidade Evangélica de Curitiba só se dá em 1866, credita-se parte desses contatos ao grupo evangélico-luterano:

João Henrique Merking e Joana Carolina Roskamp, ambos naturais da Alemanha; provavelmente já vieram para Curitiba casados. Tiveram 14 filhos batizados em Curitiba: os 7 primeiros filhos na I. Católica e os 7 últimos na I. Luterana. Os padrinhos de batismo dos primeiros 7 filhos foram todos escolhidos dentre os pertencentes do mesmo grupo étnico. O primeiro contato da família com a I. Católica foi em 1853 e o último em 1867. Onze filhos casaram-se na I. Luterana; dos outros 3 não se encontrou mais nenhum registro nas igrejas. Sabe-se, por outras fontes, que um

deles morreu solteiro aos 19 anos. A última filha mudou-se para São Mateus do Sul. O casal morre em 1916 com um dia de diferença; ambos foram sepultados na Luterana. Parece claro que a partir de 1868 a família rompe com a Igreja Católica, só ficou na mesma até a estruturação da Luterana. (*SYGAP*, união nº 2522).

Esse casal representa, de certa forma, a atitude de mais 68 casais que formaram suas famílias fora da comunidade estudada e que mantêm contato com ambas as religiões. Essa relação aparentemente conciliatória, como vimos no exemplo, nem sempre se dá dessa maneira; os demais casais diferem no tipo de relação de frequência com as duas igrejas.

Temos exemplos de famílias que, como a de MERKING, ficam na Católica até um determinado momento e depois passam para a Luterana, assim como temos o contrário: aquelas que ficam na Luterana, inicialmente, e, numa época posterior, passam para a Católica. Um terceiro caso é o de casais que possuem 2 filhos e batizam um na Católica e outro na Luterana. Provavelmente, a dificuldade de se encontrar cônjuge elegível estimulou a fusão dos grupos, provocando alterações no quadro social. Para os estudiosos da família, o problema deve ser sempre analisado em relação ao número de membros componentes de um determinado grupo ou estrato social. Isso significa que, se o total de componentes é pequeno, torna-se mais difícil manter as barreiras que impedem os matrimônios fora dos círculos. O mesmo fato não se repete quando o grupo é maior e se torna, portanto, mais fácil escolher um cônjuge dentro do mesmo quadro de valores. (GOODE, 1970, p. 35).

A segunda década (1860-1869) envolve o período em que a Igreja Evangélica está se estruturando em Curitiba e representa a maior frequência dessas

relações inter-religiosas (ver Quadros 27, 28, e 29). Tudo indica que esse mesmo fator vai facilitar esses contatos, inclusive nos períodos posteriores.

Outra variável que concorre principalmente para explicar o número de casamentos mistos é o efeito da Lei 1.144, de 11.09.1861 (COLEÇÃO DAS LEIS DO IMPÉRIO DO BRASIL, 1861, p. 21-22), que facultou à Lei Canônica decidir sobre os casamentos mistos, dispensando o cônjuge não católico do impedimento, caso ele assumisse o compromisso de educar seus filhos na Doutrina da Igreja Católica. Por essa Lei, o casamento católico assumia efeito civil automaticamente, enquanto que em casamento celebrado por outra instituição religiosa, diferente da religião do Estado, o efeito civil só se dava após a regulamentação do registro e das provas oficiais de tal casamento.

Em São Paulo, no mesmo período, um ofício dirigido ao Presidente da Província, assinado pelo Vigário da Freguesia do Brás, alertava para a existência de abusos por parte dos escrivães ao lavrarem escrituras de casamentos entre protestantes e católicos alemães tidos como irregulares pelas leis da Igreja e do país. Assim, encaminhava ao Presidente o traslado de uma escritura:

[...] que nem é de esponsais, nem de dote e arras, mas sim de casamento propriamente civil não admitido em nosso país onde nossas leis reprovam e anulam semelhante União quando sejam guardadas as formulas prescritas pela Igreja. Cumpre-me observar a V.Excia. que os pais sendo mesmo católicos por ignorarem como é de presumir, não duvidam entregar as filhas aos protestantes com tanto que o ajuste seja reduzido a escritura, porque dizem eles ser essa a maneira por que se casam em sua terra, e ficam persuadidos de que deste ilícito contrato resultam todos os efeitos do legítimo consorcio. Nesta paróquia há tres casamentos por esta forma celebrados que em grande parte se deve atribuir a facilidade com que autoridades Publicas se prestam a estes instrumentos. (Apud BOANERGES RIBEIRO, 1973, p. 143).

A atitude da Igreja, obrigando o convertido a jurar, diante de testemunhas, que daquele momento em diante seguiria os preceitos católicos, pode ser lida como não plena confiabilidade na adesão ao novo credo.

Essa preocupação fica manifesta quando os Bispos reafirmam para a comunidade religiosa que a “Egreja sempre detestou o casamento de catholicos com acatholicos”, sugerindo que os párocos instruissem seus fiéis sobre os perigos e males espirituais e temporais que esses casamentos poderiam originar. Na impossibilidade de evitar tal casamento, deveriam ser assegurados pela “parte católica” o batismo e a educação da prole na religião católica. (PASTORAL COLLECTIVA, 1916, p. 3).

Em alguns casos pode ter concorrido o preconceito do pároco. A título de ilustração, trago aqui depoimento de descendentes de família com casamento misto religioso que elucida o aspecto em questão.

" - Quando seu avô veio para Curitiba já era luterano? - Os W.[avôs paternos] sim, eram todos luteranos. E ele, R.W. casou com A. S., e ela era católica. Mas também os padres complicavam tanto a vida porque quando era para casar um evangélico com um católico. Sabe, eles não viam com bons olhos. Daí ele disse: 'eu caso, mas atrás do altar'. Mas daí minha avó disse: 'não, de jeito nenhum! Eu quero casar. Tenho esse direito, sou católica'. Na hora do casamento, depois que a família toda se alvoroçou foi para lá... Na hora de casar com RW, o padre disse: 'Você quer casar com esse protestante?' Imagina, daí a minha avó ficou brava. Ela disse que ele não tinha esse direito de querer magoá-la. Ela se aborreceu tanto e nunca mais foi na Igreja Católica, ela batizou todos os filhos na Evangélica. Todos são da evangélica, poderiam ser católicos." (Entrevista L.W., descendente de alemães).

As décadas posteriores (1880-1899) formam juntas um período de fortes contatos inter-religiosos representados pelos casamentos mistos na Igreja Católica, como também pelo contato de famílias luteranas com os rituais da I. Católica (ver Quadros 27, 28 e 29). Dentre as sete décadas analisadas, este é também o período em que mais se verificam casamentos interétnicos na Igreja Luterana. (NADALIN, 1974, p. 27-8). Isso



significa que a grande procura do contato nos últimos vinte anos do século XIX é dos próprios luteranos. Esse comportamento dos luteranos pode ser atribuído ao Cisma que se processou na Igreja Luterana em Curitiba nessas duas décadas e de sua conseqüente divisão em duas associações religiosas: a *Deutsche Evangelische Kirchen Gemeinde* e *Evangelische Luterische Christengemeinde*. (NADALIN, 1984, p. 49).

A história da Igreja Evangélica no Brasil (DREHER, 1984, p. 287) revela que, nos primeiros tempos de sua existência, ela quase não mantinha contato com a Igreja na Alemanha. Até meados de 1864 e início de 1865, poucos foram os cuidados dispensados aos imigrantes teutos no Brasil. Os auxílios prestados não visavam a uma acentuação ou preservação da germanidade dos imigrados. A partir de 1864, cresceu o interesse das comunidades evangélicas no Brasil. Ingressam no país pastores com formação acadêmica ou seminaristas. Nos primeiros quarenta anos da imigração alemã no Brasil, a ligação Igreja e germanidade foi tida como algo normal. Não havia a necessidade de se acentuar: ser alemão era ser idêntico a evangélico. A partir de 1871, com a criação do *Reich* Alemão, os contatos se intensificam, através do estreitamento dos laços com a "Mãe Pátria". Pastores e comunidades passam a cultivar conscientemente o caráter germânico, não no sentido de preservar o **Deutschtum**, pois o interesse claro e manifesto da Igreja Luterana nesse sentido dar-se-á após 1886, no período denominado Sinodal. Portanto, só em fins do século XIX e início do século XX, com a mediação do governo alemão, a Igreja Evangélica passa a atuar conscientemente como divulgadora da germanidade.

Em Curitiba, a Comunidade Evangélica segue de perto essa tendência nacional. Até 1872, a comunidade viveu isolada, ou pelo menos sem contato oficial, com

a sede da Igreja Evangélica em Berlim. Com o seu crescimento, o *Preussischen Kirchen-Konsistorium* decidiu assumir Curitiba, enviando para cá um pastor. (NADALIN, 1984, p. 49-50). No final do século XIX, já se espera da Comunidade uma frequência maior de seus contatos culturais com a comunidade local, pois, do ponto de vista urbano, a cidade cresceu, o comércio e a indústria se desenvolveram e a população alemã e seus descendentes aumentaram. Aparentemente, são variáveis que teriam diminuído os aspectos de distintividade do grupo e facilitado as relações interétnicas. No entanto, faz-se sentir no grupo um comportamento endogâmico, percebido a partir da evolução dos casamentos intra-étnicos. "Se nas primeiras três décadas de sua história o nível deste tipo de endogamia situava-se em torno de 84% dos casamentos, nos anos que assinalam o início deste século, esta relação sobe para quase totalidade, ou seja, 95 entre 100 casamentos". (NADALIN, 1984, p. 50). Aliado a essa endogamia, observa-se nos quadros 27, 28 e 29 que diminuem sensivelmente as relações inter-religiosas, realçando, a partir desse maior contato com a Alemanha, os traços diferenciadores entre alemães católicos e protestantes. Fica evidente um comportamento diferenciado do grupo alemão em Curitiba, nos primeiros anos do século XX. Para esse novo quadro conjuntural, algumas hipóteses se apresentam:

- a) a crescente imigração alemã a Curitiba no início do século XX e a influência mais efetiva da Igreja Luterana como divulgadora e mantenedora do **Deutschtum** distanciam os alemães luteranos dos católicos;
- b) com a instituição do casamento civil, em 1890, e com a liberdade de culto assegurada pela Constituição de 1891, acaba o privilégio da

I. Católica sobre as demais religiões, proporcionando maior aceitação dos rituais efetuados pela I. Luterana;

c) a Igreja Católica também passa por uma reestruturação em fins do século XIX e procura cumprir com maior rigor as exigências sobre os casamentos mistos-religiosos<sup>3</sup>.

Além dessas hipóteses, há que se levar em conta que os teuto-brasileiros professavam, em sua maioria, a religião protestante, uma condição que os colocava como estrangeiros para além do critério de nacionalidade. A Igreja Católica, ainda que não se constituísse mais como religião oficial, era uma instituição forte, tanto cultural como politicamente. É certo que a relativa convivência pacífica entre católicos e protestantes de imigração vigente desde o Império era ainda um compromisso mantido pelo clero, em nome da mútua tolerância. Mas, no final do século XIX, e principalmente a partir do século XX, o ingresso no Brasil de líderes dos movimentos filo-pietistas fundamentalistas e pentecostais, procedentes da Europa e dos Estados Unidos, despertou as atenções da Igreja Católica, que passa a concebê-los como um perigo tão grave quanto o socialismo e as sociedades secretas. (BREPOHL DE MAGALHÃES, 1993, p. 79).

---

<sup>3</sup> A Igreja tentava dificultar ao máximo os casamentos mistos. Estabelecia uma série de condições aos não católicos: primeiro, deveriam se dirigir ao pároco local e assinar um documento (modelo indicado na Pastoral), no qual manifestariam sua vontade de conversão, desejando ardentemente ser recebido pela Santa Igreja Católica Apostólica Romana; em segundo lugar, acompanhados de duas testemunhas, deveriam se submeter a um cerimonial na igreja para leitura diante do pároco da fórmula de abjuração e profissão de fé. Para essa fórmula de profissão de fé, o pároco, também deveria seguir o modelo que a Pastoral anexou em seu documento. Após esses dois momentos, seguia-se o ritual do casamento, que só deveria ser efetivado quando o sacerdote estivesse certo de que os noivos não haviam se casado em outra religião. Em seguida, o matrimônio era realizado perante duas ou mais testemunhas em lugar fora da igreja e de suas dependências, depois do nascer do sol e antes do pôr-do-sol, em qualquer casa particular, sem que se armasse altar, nem nele fosse colocado crucifixo ou imagem. O sacerdote deveria estar somente com seus hábitos talarés, sem qualquer paramento; não deveria usar água benta e nem dar a benção. (CONGREGAÇÃO DO SANTO OFÍCIO NO ANNO DE 1890; FACULTANTES QUAS, 1899, Apud PASTORAL COLLECTIVA, 1915, p. 522-35).

Para melhor esclarecer como e até que ponto foram significativas as relações inter-religiosas entre os alemães em Curitiba, elaborou-se um plano de classificação das famílias pelos rituais observados por elas numa ou noutra Igreja.

A frequência dos rituais sofre modificações conforme o tipo de união; por isso, dividi a evolução em mais três quadros (30, 32 e 33), levando essa referência em consideração. Ao fazer um refinamento da análise, constatei que seria possível fazer uma classificação a partir dos rituais observados pelas famílias em ambas as igrejas, o que resultou nos seguintes itens: conversões do cônjuge não católico; relação do casal com a Igreja Luterana pelo óbito; relação com a Igreja Católica somente pelo casamento; relação com a Igreja Luterana pelo batismo de um filho; relação com a Luterana pelo casamento dos filhos; relação conciliatória. Essa classificação foi feita levando-se em consideração as categorias das famílias: famílias **M Católicas**, famílias **M Luteranas** e famílias **E Católicas**. Na verdade, foi uma tentativa de melhor evidenciar um comportamento inter-religioso a partir da origem da nova unidade familiar.

Do total de casamentos (1 079) entre alemães e descendentes efetuados na Igreja Católica em Curitiba de 1850 a 1919, 271 deles, ou seja, 24% mantém um contato inter-religioso (ver Quadro 30), que é manifestado de diferentes formas entre as famílias: ele pode variar desde uma relação eventual com uma das religiões até um contato formal mais profundo com as duas.

Dessas 271 famílias do tipo **M**, a relação maior de frequência inter-religiosa se evidencia pelo casamento misto-religioso. Esse é normalmente precedido pelo batismo do cônjuge de religião não católica, seguido de juramento, diante de testemunhas, de que o convertido realmente seguiria a religião católica e, inclusive,

iniciaria seus filhos na mesma. Essa exigência de certa forma foi cumprida, pois, das 271 famílias, 140 constam na classificação (ver Quadro 30) como conversões, ou seja, o cônjuge não católico tornou-se um convertido, não mantendo mais contato formal com a sua Igreja de origem. Ocorre, no entanto, que uma análise mais apurada exige que se exclua dessas 140 famílias uma parte que, conforme especificado no Quadro 30, item A, por motivos diversos, não caracterizam claramente uma conversão. Os registros não permitem acompanhar o casal durante muito tempo após o casamento inter-religioso, de modo que restam comprovadamente como convertidos 86 casais.

Pedro Frederico Carlos Gunther e Adelaide Ehalt casaram-se na Igreja Católica em 18.09.1895. Ele com 24 e ela com 21 anos. Ele era luterano e converteu-se, segundo o ritual da I. Católica. As testemunhas de casamento foram ambas de origem alemã. Tiveram ao todo 8 filhos, batizados na Igreja Católica. Nos vinte anos em que foi possível acompanhar o casal, não se encontrou nenhum vínculo com a Igreja Luterana. (SYGAP, união nº 1319)

Tal qual essa família, outras 85, após o casamento na Igreja Católica, e enquanto foi possível observá-las, mantiveram contato somente com a Igreja Católica e, por isso, são aqui consideradas como conversões efetivas.

**QUADRO 30 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO EM CURITIBA**  
**FREQÜÊNCIA DECENAL DE CASAIS COM RELAÇÃO INTER-RELIGIOSA**  
**CASAIS TIPO M CASAMENTOS NA IGREJA CATÓLICA**

Período	A	B	C	D	E	F	Total
1850-9	-	-	-	-	-	-	-
1860-9	13	2	2	2	5	-	24
1870-9	12	9	1	3	5	0	30
1880-9	17	7	2	2	9	1	38
1890-9	39	13	2	4	10	4	72
1900-9	24	17	2	1	4	3	51
1910-9	35	6	3	1	5	6	56
Total	140	54	12	13	38	14	271

Legenda e Obsevações:

**A: Conversões conjuge não católico**

- a1. 36 famílias são MO; após o casamento, o casal não mantém nenhum contato com a Paróquia em estudo, podendo caracterizar uma migração do casal.
- a2. 8 famílias MO com apenas um filho batizado na I. Católica.
- a3. 10 famílias são do final do período estudado.
- a4. 86 famílias comprovadamente convertidas.

**B: Relação do casal com a Igreja Luterana pelo óbito**

- b1. 42 famílias cujo contato se dá mediante o sepultamento de um dos cônjuges, às vezes de ambos.
- b2. 3 famílias cujo contato se dá mediante o sepultamento de um ou de ambos os cônjuges, acrescido do sepultamento de um dos filhos.
- b3. 9 famílias também pelo sepultamento de um dos cônjuges, acrescido do casamento de um ou mais filhos.

**C: Relação com Igreja Católica somente pelo casamento**

- c1. São famílias de casamento inter-religioso, formadas na Igreja Católica e não mantêm mais contato com a mesma, porém seis delas só possuem um filho.

**D: Relação com a Igreja Luterana pelo batismo de um filho**

- d1. Doze famílias com um dos filhos batizado e casado na I. Luterana; destes, de dois consta o sepultamento de um dos pais também na Luterana.
- d2. Uma família que, além do batismo de um filho, faz o sepultamento de uma criança e de um cônjuge na Luterana.

**E: Relação com a Luterana pelo casamento dos filhos**

- e1. São famílias cujo contato se dá pelo casamento de um ou mais filhos. Somente quatro dessas 38 famílias acresce o ritual de sepultar também um dos filhos.

**F: Relação conciliatória**

- f1. O comportamento conciliatório varia muito; dependendo do número de filhos, em alguns casos a relação com as duas Igrejas é dividida meio a meio.

Temos, por outro lado, exemplos, que não caracterizam na prática uma conversão, embora ela tivesse sido oficialmente exigida nos termos da Lei Canônica. São famílias constituídas na I. Católica, em Curitiba, e após o casamento não aparecem mais nos registros católicos ou luteranos. Isso pode evidenciar:

- a) que não tiveram filhos e nem faleceram dentro do período estudado;
- b) que eles provavelmente migraram.

Encontram-se também nessa mesma classificação aquelas famílias formadas no final do período estudado; a observação foi pequena para que se possa afirmar que, na prática, houve realmente a conversão.

A atitude das famílias de casamento inter-religioso de seguir o juramento feito por ocasião do mesmo se deve, em parte, pela influência da Igreja Católica como reguladora de comportamentos, cobrando dos cônjuges católicos esse procedimento e, em parte, pela própria marginalidade em que viviam, até determinada época, os indivíduos que professavam religião diferente da católica. A Igreja Católica, até quando pôde, defendeu a tese de que a sua crença era a única que representava a verdade; portanto, isso fez também com que seus fiéis a defendessem dessa forma. Conseqüentemente, o comportamento desses casais reflete a influência que a religião católica exercia nos que professavam sua fé.

Há um fator a ser observado: das 271 famílias analisadas, 130 delas são de casamentos interétnicos; destes, 88 geraram conversões.

Essa constatação da relação casamento interétnico e conversões explica melhor a seriedade com que as conversões são encaradas; reforça ainda mais a

compreensão dessa atitude quando se constata que 70% dos convertidos são do sexo masculino. Isso significa que a grande maioria dos casamentos que geraram as conversões são de homens luteranos e mulheres católicas, ou seja, a mulher mantém-se mais ligada aos valores de sua família que aos da família de seu esposo.

No Rio Grande do Sul, em um estudo localizado para um mesmo período, observou-se que em famílias de religião mista - onde o chefe do domicílio pertencia a um grupo confessional e a mulher a outro - os filhos seguiam a religião do pai católico em dois casos, e do pai protestante em três casos. Em seis casos, os filhos seguiam a religião da mãe católica e em nenhum caso, a da mãe protestante. Cunha explica esse comportamento das famílias de religião mista, em relação à religião dos filhos, pela rigidez da Igreja Católica quanto a esse tipo de união conjugal e pelo fato de o catolicismo ser a religião oficial do Império do Brasil: nesse aspecto, pode-se inferir sobre as vantagens de ser católico, apesar de estrangeiro ou descendente deles, diante da expectativa de ascensão social. (CUNHA, J. 1988, p. 127-28).

Da mesma forma, conforme o quadro abaixo, a percentagem de casamentos inter-religiosos dá um destaque de 43% para os homens de religião luterana. Já as mulheres aparecem numa relação de frequência bem inferior à do sexo masculino - 22% -, menor inclusive que o número de indefinidos, o que pode caracterizar uma proporção ainda maior dessa diferença (Quadro 31).



QUADRO 31 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO EM CURITIBA  
CASAMENTOS INTER-RELIGIOSOS

Homem Luterano	Mulher Luterana	Indefinidos	Total
117 (43%)	60 (22%)	94 (35%)	271

Tratando-se de uma prática que envolve principalmente alemães luteranos, já foi constatado esse comportamento diferenciado da mulher alemã em outras variáveis analisadas, reafirmando-o, portanto, nesse relacionamento com os alemães católicos (NADALIN, 1974, p. 150).

Ainda na categoria das fichas **M Católicas**, doze casais, após a formalização da união, não mantiveram mais contato com a igreja que os casou; rompem completamente os laços com a Igreja Católica, pois todos os rituais, batismos, casamentos e sepultamentos da família são formalizados na Igreja Luterana. Podem, portanto, ser considerados convertidos luteranos:

Roberto Weigert (Wergert) e Anna Schafer. Ele natural da Prússia, com 28 anos, luterano e ela da Áustria, com 25 anos. Casaram na Igreja Católica em 09.06.1888. Tiveram como padrinhos de casamentos três indivíduos de origem alemã. De seus 10 filhos, 9 foram batizados na I. Luterana. Um se casou na Igreja Católica, porém não consta onde foi batizado. Todos os casos de óbitos dos filhos e dos cônjuges, como também o casamento dos outros 9 filhos, foram todos formalizados na I. Luterana. (SYGAP, união nº 4242).

É um caso de conversão ou de opção pela Igreja Luterana, atitude que pode ser evidenciada em mais 11 famílias. Em alguns casos, é possível afirmá-lo com um grau maior de segurança, visto que as famílias podem ser acompanhadas até o fim da observação; outras, com menos certeza, pois possuem só um filho. Esse filho, na maioria

dos casos, contrai matrimônio na luterana; os seus pais é que desaparecem de ambas as igrejas.

**Conversões: famílias luteranas** - No bloco das famílias **M Luteranas**, há aquelas cujo casamento foi encontrado na confrontação das famílias católicas e luteranas. São 95 casamentos celebrados na Igreja Luterana. Esses casamentos só nos interessam pelo contato que as famílias, de alguma forma, após o mesmo, mantiveram com a Igreja Católica. Não foi possível averiguar se são casamentos inter- religiosos, pois no registro de casamento nada constava; o que se tem efetivamente são relações inter-religiosas ( **ver** Quadro 32).

Dessas 95 famílias constituídas na Igreja Luterana, 30 não permaneceram fiéis à igreja em que contraíram matrimônio, uma vez que há indicações de seguirem rituais católicos. Se não se pode caracterizá-las enquanto conversão formal, pode-se inferir que houve um rompimento na prática com a igreja que os casou.

José Behm (Bohm, Bolm, Boehm) e Anna Blanck. Ele natural de Schlesien e ela de Joinville. Casaram na Igreja Luterana em 15.12.1900. Tiveram 6 filhos, dos quais 5 batizados na Católica. O primeiro não consta onde foi batizado. Os padrinhos de batismo dos filhos são todos descendentes de alemães. Quatro filhos se casam na Católica e um na Luterana. Um dos filhos morreu com um mês de idade e foi sepultado na Católica. É possível acompanhar a família até o casamento dos filhos. Os pais, provavelmente, até o final do período pesquisado, ainda estivessem vivos pois, não foram encontrados os respectivos óbitos nos arquivos da I. Luterana e da I Católica. (SYGAP, união nº 282).

São 30 casais como esse que casam na I. Luterana e rompem o vínculo com a mesma. Pode-se até caracterizá-los como convertidos ao catolicismo. Com exceção de três famílias que possuem só um filho, as demais são famílias com prole numerosa. Somente duas famílias fecham a observação pela morte de um dos cônjuges; as demais permanecem em aberto.

**QUADRO 32 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO EM CURITIBA**  
**FREQÜÊNCIA DECENAL DE CASAIS COM RELAÇÃO INTER-RELIGIOSA**  
**FAMÍLIAS TIPO M- CASAIS LUTERANOS**

Período	A	B	C	D	E	Total
1850-9	-	-	-	-	-	-
1860-9	-	-	-	-	-	-
1870-9	4	-	4	-	-	8
1880-9	9	8	12	4	9	42
1890-9	4	5	-	7	9	25
1900-9	8	2	0	1	1	12
1910-9	5	2	0	0	1	8
Total	30	17	16	12	20	95

**Legenda e Observações:**

**A: Conversões - Rompimento com a Igreja Luterana**

- a1. Contém cinco famílias que só possuem um filho.
- a2. Um casal realiza duas cerimônias de casamento, a última na Igreja Católica.
- a3. Três famílias com um dos filhos casados na Luterana.
- a4. Quatro casais com registro de óbito na Luterana.

**B: Relação com a Igreja Luterana pelo batismo**

- b1. Famílias que efetuam um ou dois batismos na Luterana, acrescido de um óbito ou de um casamento: alguns batismos são celebrados em ambas as igrejas. São casais com muitos filhos, e a grande maioria batizada na Católica.

**C: Relação com a Igreja Católica pelo batismo**

- c1. Todas as fichas contêm um dos filhos batizados na Católica.
- c2. 12 famílias, além do batismo de um dos filhos, realizam o casamento de um ou mais filhos na Católica.

**D: Relação conciliatória**

- d1. Algumas famílias dividem os rituais quase meio a meio, porém prevalece, no geral, a relação com a Católica.

**E: Relação com a Católica pelo casamento dos filhos**

- e1. A maioria se relaciona através do ritual de batismo e casamento de um filho na Igreja Católica.

Nesse conjunto de fichas, consta ainda um casal que contraiu matrimônio na Luterana em 1906 e teve 5 filhos batizados na Católica. Em 1916, eles casaram-se novamente, porém na Católica, e têm mais 2 filhos também ali batizados.

**Conversões: famílias tipo E** - Outro procedimento relacionado com o item conversões se evidencia nas famílias do tipo E<sup>4</sup>, encontradas na Igreja Católica através de outros rituais que não o do casamento dos cônjuges ( ver Quadro 33).

Adolpho Roberto Senger e Isaura tiveram 3 filhos. Dois batizados na Igreja Católica. Aparecem nessa Igreja pelo batismo do primeiro filho em 1913. De um não consta o seu batismo e só foi encontrado pelo casamento na Católica. O óbito de um dos filhos também foi registrado na Católica. Dos dois batismos, os padrinhos escolhidos foram dois de origem alemã (avós paternos) e dois brasileiros. (SYGAP, união nº 3800).

Esse exemplo é o de mais 11 famílias se identificam por serem casos de conversões somados à exogamia étnica. Não consta nos registros a conversão oficial do cônjuge luterano, porém, pelo confronto com as fichas de famílias alemãs luteranas, encontrou-se o batismo do cônjuge não católico.

Em todas as 12 famílias, o esposo é luterano. As esposas, com exceção de duas com sobrenomes de origem alemã, são de outra origem étnica e de religião católica.

São famílias que pouco se pôde acompanhar, pois foram constituídas no final do período estudado. De qualquer maneira, passam a fazer parte deste estudo pela possível conversão do cônjuge luterano, que é descendente ou mesmo alemão. Percebe-se, por um acompanhamento mais detalhado, que os padrinhos de batismo já são

---

<sup>4</sup> Das fichas E, cuja data e local de casamento não são encontrados, as famílias são reconstituídas através dos dados de batismo, casamento e óbitos dos filhos; normalmente são fichas incompletas e, portanto, de análise com um grau maior de complexidade. Formam um conjunto de 338 famílias.

escolhidos, em sua maioria, fora do grupo teuto-brasileiro, assim como os casamentos dos filhos são bastante diversificados etnicamente.

É um grupo que, ao romper com os laços de religiosidade que os ligava ao **Deutschtum**, facilmente se desliga do grupo alemão, assumindo mais a religião e as ligações familiares da esposa.

Ainda nesse quadro de conversões, foram arrolados 12 casos de conversões de adultos, alguns de indivíduos que nem passaram pela Igreja Luterana de Curitiba. Vieram de outras localidades e se converteram ao catolicismo; não envolvem as famílias, pelo menos enquanto se pôde observar, e o batismo não foi efetuado para um posterior casamento ( Quadro 33).

QUADRO 33 - GRUPO ALEMÃO CATÓLICO EM CURITIBA  
 FREQUÊNCIA DECENAL DE CASAIS COM RELAÇÃO INTER-RELIGIOSA  
 FAMÍLIAS TIPO E (NÃO CONSTAM DADOS SOBRE O LOCAL DA FORMAÇÃO DA UNIÃO)

Período	A		B	C	D	E	F	G	Total
	1	2							
1850-9	-	-	4	-	-	4	2	4	14
1860-9	-	1	5	4	5	10	4	6	35
1870-9	-	2	4	5	5	5	15	7	43
1880-9	-	5	4	4	7	8	6	10	44
1890-9	-	3	19	7	10	14	5	11	69
1900-9	1	1	18	11	12	13	6	6	68
1910-9	11	-	21	8	5	11	3	6	65
Total	12	12	75	39	44	65	41	50	338

Legenda e Conversões:

1: Conversões / Casamento

A: Conversões por opção e / adulto

- a1. A opção de considerar 12 famílias do tipo E como conversões (decisão difícil por não constarem o casamento e os dados sobre o mesmo) foi possível, em parte, pela especificação dos párocos de que um do cônjuges era luterano, e, por outro lado, pela pesquisa realizada com as famílias luteranas por um período que ultrapassa em muito o final da observação dessas doze famílias, nas quais elas não aparecem como fazendo parte do grupo luterano. Sendo assim, embora um dos cônjuges professasse quando solteiro o luteranismo, após o casamento ele se desliga e, em princípio se torna católico.
- a2. As outras 12 fichas são de indivíduos que, isoladamente da família, procuram a Igreja Católica e se convertem.

B: Relação com a Igreja Luterana pelo óbito

- b1. De cinco famílias constam o registro de óbito de UM dos filhos
- b.2 Setenta famílias tem o registro de óbito de UM dos dois cônjuges.

C: Relação com a Igreja Luterana pelo batismo

- c1. São famílias que mantêm um relacionamento maior com a Igreja Católica e se diferenciam das demais por batizarem UM dos filhos na Igreja Luterana, um ou outro registro de óbito, acrescido de casamento de alguns filhos.

D: Relação Católica pelo batismo

- d1. 38 famílias com um filho batizado na Igreja Católica; dessas, dez só possuem um filho.
- d2. 06 famílias com 2 filhos batizados na Igreja Católica, o restante na Igreja Luterana.

E: Relação com a Luterana pelo casamento-filhos

- e1. Com exceção de seis fichas de famílias em que constam dois ou mais filhos casados na Igreja Luterana, nas demais o único contato é com o casamento de um dos filhos.

F: Relação Católica batismo/ casamento dos filhos

- f1. 41 famílias com filhos batizados na Igreja Católica (para casar), algumas com dois filhos.

G: Relação conciliatória

- g1. O comportamento conciliatório varia muito, dependendo do número de filhos. Os rituais são divididos, alguns com maior frequência nos batizados na I. Católica e casamento e óbito na Luterana.

**Relação inter-religiosa pelo ritual de sepultamento<sup>5</sup>** - Nesta classificação das famílias do tipo **M católicas** pelo ritual do sepultamento (ver Quadro 30, item B), destacam-se 54 que, embora não tenham sido caracterizadas aqui como conversões, também seguiram as normas da Igreja Católica com relação aos ritos de passagem. Diferenciam-se, no entanto, daquela classificação dos 140 convertidos, por manterem um último contato com a Igreja de origem pelo sepultamento de um dos cônjuges, acrescido, em alguns casos raros, de outras formas de contato como, por exemplo, o casamento ou óbito de um filho. Salvo algumas exceções, a opção de ser sepultado na Igreja Luterana é só do cônjuge que, por ocasião do casamento, optou pelo ritual católico. Isso significa que é um tanto difícil caracterizar esse bloco de famílias como convertido, pois o retorno do cônjuge à Igreja Luterana no sepultamento pode não significar uma vontade sua, mas pode, por outro lado, representar uma não aceitação em vida e o respeito de sua família a essa postura, quer dizer, a manutenção do compromisso foi assegurada para o convertido somente até a morte.

Daniel Schönck (Schentch, Scullc, Sinchen, Scheink) e Mathilde Bruchansen (Posukansens). Ele natural de Lobens (Prússia) e ela de Kellen (Prússia). Casaram na Igreja Católica em 11.08.1866; ele com 38 anos e ela com 28 anos. Ele foi dispensado, pelo pároco, do impedimento por ser luterano. A escolha das testemunhas de casamento recaiu em um indivíduo de origem alemã e outro de outra origem étnica. Tiveram 6 filhos. Todos foram batizados na Igreja Católica com padrinhos de origem M Católica alemã. Encontrou-se o casamento de 3 filhos realizados na Católica. A família teve uma duração de 21 anos; fecha sua observação com a morte do esposo em 1888. O cônjuge não católico foi sepultado na Luterana. A esposa faleceu em 1910 e foi sepultada na Católica. (SYGAP, união nº 3539).

---

<sup>5</sup>A orientação da Pastoral mostra a importância que a Igreja reservava ao ritual de sepultamento e a preocupação que tinha com o fato de os seus fiéis serem distintamente sepultados: "A Santa Madre Igreja Catholica não se contenta sómente com fazer preces e outros suffragios pelos seus filhos, que acompanha com amor até a ultima morada, mas quer que seus corpos repousem em logar sagrado ou cemitérios bentos, à espera da resurreição universal dos mortos, no fim do mundo. [...] Procurará o Bispo que os catholicos tenham cemiterio proprio distincto do cemiterio dos acatholicos; Si isto não puder conseguir, deve-se experimentar si ao menos, no mesmo cemiterio, se póde ter um logar distincto para sepultura dos catholicos; Si nem isso fôr possível até que consiga a licença, cada vez que se levar a sepultar o cadaver de um catholico, se benza o logar da sepultura. (PASTORAL COLLECTIVA, 1915, p. 248-249).

Vejamos o relato trazido à memória por um descendente do grupo:

" O meu avô veio da Suíça. Ele era evangélico, casou na católica [1888] e toda a família seguiu essa religião. Ele morreu aqui em Curitiba [1906], mas o pedido dele era de ser enterrado no evangélico. O meu pai tinha um túmulo no Cemitério Municipal mas teve de comprar um [túmulo] pro velho lá no Cemitério Luterano, porque ele pediu. Tanto que o túmulo sempre esteve lá. Daí minhas tias [católicas], quando meu avô morreu, elas deram para um desconhecido de uma outra família. Eram primos. Deram o túmulo de presente, vê só dar um túmulo só porque era do evangélico. Elas não deram valor.[...] Ficou lá sozinho. Ninguém da família foi enterrado lá." (entrevista L. W., descendente de alemães).

Nesse caso, foi possível acompanhar o casal até a morte, porém, nos outros 53 exemplos, em sua grande maioria, só se encontrou um óbito, o do cônjuge luterano. As poucas vezes em que se pôde constatar dados sobre a morte de ambos, observaram-se atitudes diferenciadas entre sepultar os dois na Igreja Luterana, ou sepultar cada uma na sua igreja de origem.

Já os casais, conforme exemplo que segue, que contraíram matrimônio na Igreja Luterana (ver Quadro 32, item A) e rompem o vínculo com a mesma são em número bem menor, e alguns retornam à sua igreja pelo sepultamento.

Julio Camilo Hey e Verena Luiza Margarida Muller. Ele natural de Curitiba, católico, 23 anos, e ela natural de Joinville, luterana, com 22 anos; casaram na Luterana em 30.01.1892. Ambos foram batizados na I. Luterana. Tiveram 7 filhos, todos foram batizados na Católica. Destes, três casaram: um na Luterana, um na Católica e um em ambas as Igrejas [ em 1919 na Luterana e em 1930 na Católica com o mesmo cônjuge]. Os padrinhos dos filhos foram convidados dentre os pertencentes ao mesmo grupo étnico. A família fecha sua observação com a morte da mãe em 1944. O pai morre em 1957. Ambos foram registrados e sepultados na Luterana. (SYGAP, união nº 1363).

Desse exemplo, encontraram-se mais três famílias, todas formadas na Igreja Luterana, os filhos batizados na Católica e o sepultamento do casal na Luterana.

Esses casos poderiam ser chamados de conversões, não fosse o sepultamento do casal efetuado na Luterana. Todas as famílias pertencem a um período



em que a Igreja Luterana já se encontrava bem estruturada em Curitiba. Portanto, o batismo dos filhos na Católica não poderia ser atribuído à ausência ou não de estruturação do outro credo. O relacionamento deles com famílias luteranas parece continuar, pois alguns filhos casam na Luterana.

Das famílias tipo E, 75 somente tem contato formal com a Igreja Luterana no sepultamento de um ou, em alguns casos, dos dois cônjuges, e, conforme mostra o Quadro 33, item B, às vezes acrescido do óbito de um dos filhos.

Ernesto Schwarbach e Ana Kassins aparecem pela primeira vez na Igreja Católica em 1910 por ocasião do batismo de um filho. Tiveram ao todo 4 filhos batizados na Católica. Para apadrinhar os filhos foram convidadas 5 testemunhas da mesma origem étnica e 3 de outra origem. Três filhos casam na Igreja Católica. Do último batizado em 1916 nada mais se encontrou. A família fecha a sua observação em 1922 com a morte do esposo aos 38 anos. A mulher casa-se novamente. Ambos são sepultados na Luterana. (SYGAP, união nº 3735).

Esse é um exemplo de família constituída provavelmente fora de Curitiba; são 75 famílias ao todo que seguem de alguma maneira o exemplo referido. Em quase todas elas, 70 das 75, aparece o sepultamento de um dos dois cônjuges na Luterana. Como o casamento foi efetuado fora da comunidade estudada, não se tem a informação se um ou os dois cônjuges eram de outra religião, não se esclarecendo, portanto, o registro do falecimento na Luterana.

Em nenhuma das famílias consta o registro de batismo dos filhos. É um tipo de relação só pelo óbito dos pais ou de um filho com a Igreja Luterana.

**Relação inter-religiosa pelo batismo** - Havia por parte da Igreja uma preocupação em definir a priori se o batismo dos chamados hereges era válido ou não. A Igreja considerava válidos os batismos administrados pelos Anglicanos Ritualistas, pelos

Velhos Católicos e pelos Cismáticos Franceses. Os demais batismos eram considerados nulos. (PASTORAL COLLECTIVA, 1915, p. 526).

Após essa confirmação, orientava os párocos a agir de maneira diferente para ambos os casos. No caso dos batismos considerados nulos, não havia necessidade de fazer a abjuração ou profissão de fé, nem a absolvição de penas. Eram somente batizados segundo ritual católico. Para os batismos considerados válidos, os convertidos só seriam aceitos após fazer abjuração da heresia e a profissão de fé e receber, em seguida, a absolvição das censuras.

Dessa forma, o batismo só era repetido pela Igreja Católica se o pároco conseguisse, após diligência, comprovar que este não fora ministrado pelas religiões cujos batismos a Igreja Católica aceitava.

Acredita-se que o contato das famílias alemães em relação ao batismo pesou mais para o lado do cônjuge católico, na medida em que assumia o encargo de batizar e educar na Igreja Católica todos os filhos do casal e permitir a eles o livre exercício e profissão da fé católica. (PASTORAL COLLECTIVA, 1915, p. 522).

Essa exigência da Igreja Católica não foi observada com rigor pelos casais inter-religiosos, como é possível constatar no comportamento das famílias com relação ao batismo de seus filhos.

No bloco das famílias Católicas tipo M (ver Quadro 30), o comportamento em relação ao batismo se constata em 13 casos em que o casal batiza um dos seus filhos na Igreja Luterana.

Germano Suckow (Inckow, Luckow, Sarckow) e Maria Rasbolt casados na Igreja Católica em 28.11.1896. Ele de religião luterana e ela católica. Escolheram como

testemunhas de casamento dois indivíduos de ascendência alemã. Tiveram 7 filhos. Quatro do sexo feminino e três do sexo masculino. Quatro deles foram batizados na Igreja Católica, em dois deles não consta onde foram batizados, e o último foi batizado e contraiu núpcias na Luterana. Dos 4 batizados na Católica, os padrinhos foram escolhidos não só dentro do mesmo grupo étnico, mas também com fortes laços de parentesco. Pode-se acompanhar ainda 3 filhos que casaram na Católica, um que faleceu ainda bebê e foi registrado na Católica. Todos os filhos que casaram escolheram os cônjuges dentro do mesmo grupo étnico. (SYGAP, união nº 4069).

Esta é uma família do tipo MO, isto é, não foi possível acompanhar o casal até o final da observação, que seria com a morte de um deles. Percebe-se esse comportamento em 13 casos das famílias tipo M Católicas. A grande maioria (12 deles) optou pelo batismo do último filho na Igreja Luterana. Dos 13, somente dois desses filhos batizados na Luterana não decidiram pelo casamento na mesma igreja.

Dos casais Luteranos (ver Quadro 32, itens B e C), evidenciam-se procedimentos distintos em relação ao batismo: um em relação à Igreja Católica e outro em relação à Luterana.

No caso católico, 15 famílias mantêm um comportamento similar ao dos casais católicos no tipo de contato que privilegia a Igreja Católica no cumprimento dos rituais, deixando para a Luterana apenas o batismo de um dos filhos, que varia entre ser o primogênito ou o ultimogênito.

Esse é o caso também, conforme comportamento já evidenciado, de algumas famílias que só tiveram um filho e o mesmo foi batizado na Igreja Católica, ou então o único filho é batizado em ambas as Igrejas.

Henrique Hannemann (Hammann) e Francisca Amalia Heysi casaram na Luterana em 1887. Ele com 23 e ela com 17 anos. Consta que ambos são naturais de Curitiba, porém em nenhuma das igrejas encontra-se o batismo deles. Tiveram 6 filhos, dos quais o primeiro foi batizado na I. Luterana e os outros 5 na I. Católica. Dos 10 padrinhos de batismo somente 2 não são pertencentes ao mesmo grupo étnico. Encontrou-se somente um casamento dos 6 filhos e foi efetuado na Católica. Esta família só pôde ser acompanhada até 1899 quando foi batizado o último filho.

De qualquer forma, é uma família que mantém uma atitude similar à das outras 14 famílias. O que as identifica é o casamento na Luterana e o fato de não constar o batismo do casal em nenhuma igreja. Foram poucos os casos em que constou o registro de sepultamento do casal em uma das igrejas. Outra característica importante: são casais de muitos filhos, dos quais 1 ou 2 são batizados na igreja que os casou; o restante é batizado na Católica. Na maioria dos casos, o batismo na Igreja Luterana é para o primogênito e em outros é para o ultimogênito. Outros exemplos, os filhos são batizados em ambas as igrejas.

A grande maioria dos casais é proveniente de outras regiões do Brasil. A impressão que se tem é que não permanecem em Curitiba em definitivo, embora grande parte dos filhos contraissem núpcias em Curitiba e na Católica.

Por fim, uma conduta que se evidencia em 16 das famílias luteranas (ver Quadro 32, item C) é um contato mais eventual com a Igreja Católica através do batismo de um dos filhos; alguns casos facilmente explicados quando o indivíduo é batizado para casar na Igreja Católica, outros sem explicação aparente, pois o casamento ou é efetuado na Igreja Luterana, ou não é encontrado.

Guilherme Krause e Anna Burkner (Pirke) ambos imigrantes. Ele de Posen e ela de Sassen. Casaram-se na Luterana em 22.09.1883. Ele com 34 e ela com 18 anos. Tiveram 8 filhos. O primeiro em 1884 e o último em 1905. Dos 8 filhos, somente de 3 não foram localizados dados para acompanhá-los. O segundo filho morreu com nove meses. Os outros casaram: três na Católica e um na Luterana. Dos três casados na Católica, não consta, como é de praxe, o batismo do cônjuge protestante. Somente o antepenúltimo filho foi batizado na Católica e não recebeu o batismo para casar; foi batizado ainda criança. Dos 4 filhos casados, dois escolheram o cônjuge dentre os descendentes de alemães e dois casaram com descendentes de italiano. Do único filho batizado na Igreja Católica, os padrinhos são do mesmo grupo étnico. (SYGAP, união nº 2023).

Essa é uma família cujos pais são ambos luteranos e mantêm uma relação eventual com a Católica pelo batismo de um filho e, no caso, pelo casamento de três deles. O que identifica esse casal com mais 15 casais luteranos é a escolha do batismo de um dos filhos na Católica, sendo, às vezes, acompanhado de um óbito ou casamento de um ou mais filhos. Não é perceptível uma relação direta entre batizado e casamento na Igreja Católica.

Algumas famílias (39) do tipo E católicas (ver Quadro 33, item C), tal qual o exemplo referido acima, mantêm um relacionamento pelo batismo de um filho só na Igreja Luterana.

Augusto Krause e Carolina Schattschneider, ambos alemães. Ela nascida em 1854. Vieram para o Brasil com uma filha que foi encontrada pelo seu registro de casamento na Igreja Católica- com 15 anos-, com um cônjuge brasileiro. Quatro anos após, em 1896, sem mencionar se ficou viúva ou não, casa-se novamente com um descendente de alemão na Luterana. Tiveram, além dessa filha, mais 4 nascidos no Brasil. Três batizados na Católica e um batizado na Luterana. Dois registros de óbitos: um na católica, e um na luterana. Dos filhos batizados na católica só de dois constam os padrinhos divididos em indivíduos da mesma etnia e de outra origem étnica. A mãe, com seu falecimento, encerra a família em 1928, com o óbito registrado na Luterana. (SYGAP, união nº 2019).

Outras 38 famílias mantêm um comportamento similar no relacionamento com a Luterana; algumas somente pelo batismo de um filho - vale dizer que são famílias com muitos filhos -, outras pelo batismo e óbito do mesmo filho; outras ainda pelo batismo acrescido do óbito de um dos cônjuges e do casamento de um ou mais filhos.

Em 13 famílias consta o óbito de um dos cônjuges na Luterana, podendo significar casamento misto religioso.

Uma relação inversa se dá com outras famílias tipo E, católicas (ver Quadro 33, item D), onde o contato com a Igreja Católica é que se torna eventual:

Carlos Augusto Schreibert e Augusta Luiza foram encontrados na Igreja Católica pelo batismo de 2 filhos. Um, talvez o primeiro filho do casal, em 1866 e outro um ano depois. Tiveram ao todo 7 filhos, quatro batizados na Igreja Luterana. (SYGAP, união nº 3704).

Como essa, mais 43 famílias são aqui relacionadas, aquelas que mantêm um contato esporádico com a Católica pelo batismo de um filho. Deve ser ressaltado que não se trata de batismo como exigência para posterior casamento naquele credo.

Esse exemplo é de uma família que ficou na Igreja Católica somente até a estruturação da Comunidade Evangélica. É um exemplo acompanhado por poucas famílias, pois, com exceção de dez casais que possuem somente um filho, as outras famílias possuem muitos filhos e um deles, quase aleatoriamente, é levado para ser batizado na Católica.

São, em sua grande maioria, casais que mantêm um forte contato com a Luterana, e só aparecem na Católica por esse batismo de um ou até de dois filhos, ou, em outros momentos, pelo casamento de outros filhos, que não tinham sido batizados na Católica.

Uma outra forma de contato - relação ocasional com a Luterana pelo casamento dos filhos - das famílias tipo M Católicas (ver Quadro 30, item E), assume um caráter acidental para os pais dos noivos. Para os noivos, no entanto, a importância do compromisso reaparece, pois não deixa de ser um casamento inter-religioso.

Maximiliano Alfredo Von Der Osten e Paulina Hanke. Ele natural de Serro Azul e ela de Curitiba. Casaram na Católica em 16.04.1889. Ela com 24 anos. Como testemunha de casamento escolheram um indivíduo dentro do grupo étnico e outro fora. Tiveram 6 filhos. Todos batizados na Católica. Na escolha dos padrinhos de batismo, prevaleceu o contato fora do grupo étnico, numa proporção de sete para 5. O único contato da família com a Luterana se deu pelo casamento de dois filhos, mesmo assim, um dos filhos (a mulher) que casou em 1923 na Luterana fez nova cerimônia com o mesmo cônjuge em 1947 na católica. (SYGAP, união nº 2853).

A relação dessa família e de outras 37 se dá pelo casamento de um ou mais filhos com descendentes de alemães de religião luterana. As evidências indicam que são casais católicos com relação inter-religiosa pela questão étnica.

Para as famílias tipo E (ver Quadro 33, item E), seguindo o mesmo exemplo das referidas acima, tem-se o seguinte:

André Höflich e Paulina Geisler, ambos prussianos. São encontrados na Católica pelo batismo de um filho em 1878. Tiveram ao todo 6 filhos, dos quais 4 batizados na Católica em Curitiba. O primeiro consta que nasceu na Alemanha e do último não se encontrou o batismo. Dos seis, cinco casaram. Um morreu com sete dias. Dos casamentos, três são realizados na Católica e dois na Luterana. Dos 4 filhos batizados na Católica todos os padrinhos escolhidos são de origem alemã. (SYGAP, união nº 1497).

São 64 famílias em que o único contato com a Luterana ocorre pelo casamento de um ou mais filhos. Tudo indica, tal qual o exemplo anterior, que são famílias católicas cujo contato com o grupo étnico se deu por outros canais, e a religião não interferiu no contato.

Outra característica das famílias E (ver Quadro 33, item D) é pelo contato casual com a Católica através do batismo de um dos filhos, motivado pelo casamento dos mesmos. Percebe-se que é acidental a relação e que os pais são, na verdade, ambos luteranos.

Augusto Krause e Luiza Make, aparecem na comunidade católica pela primeira vez em 1909, através do batismo de uma filha que se casou na Católica no mesmo ano. A segunda vez que aparecem na Católica será em 1920 pelo batismo e casamento de uma segunda filha. Ambas já eram batizadas na Luterana. Tiveram ao todo 7 filhos e todos foram batizados na Luterana. Dos 7, um morreu ao nascer, dois casaram-se na Católica e outro casou na Luterana. Foram encontrados mais dois indivíduos com o nome Augusto Krause; um do mesmo período casado com Carolina e outro, provavelmente filho do acima exemplificado que foi encontrado pelo batismo do filho na Católica. Não se tem, no entanto, informações seguras da filiação dele. A família se encerra com a morte da mãe em 1940, com 85 anos de idade. (SYGAP, união nº 2024).

Desse comportamento, participam 42 famílias com grande probabilidade de serem todas de casais luteranos, cujos filhos casaram-se na Católica. Dessas famílias, o que nos interessa é acompanhar os filhos casados na Católica e verificar qual o procedimento deles a partir do casamento misto-religioso.

Em outras 63 famílias - agrupando-se todas as tipologias Tipo M CATÓLICAS, M LUTERANAS E FAMÍLIAS TIPO E (ver Quadros 30, 32 e 33, itens F, D e G), evidencia-se uma conduta mais conciliatória. Levam em consideração o fato de ser uma união inter-religiosa e procuram dividir as crianças: parte delas batizada na Católica e parte na Luterana. Há casos extremos em que os ritos de passagem, como o batismo, contemplam meio a meio a prole. Se o casal possui 10 filhos, 5 deles são batizados na Católica e cinco na Luterana.

Eduardo Vanke e Ana Maria Weigert, ambos naturais de Schlessing, Alemanha. Batizados no Brasil na Luterana, casaram-se na mesma Igreja. Ele com 27 e ela com 17 anos, no dia 04.08.1889. Tiveram ao todo 9 filhos, dos quais 7 foram batizados na Católica. De um não foi encontrado o batismo e o último foi batizado na Luterana. Acompanhando a vida dos filhos, tem-se o seguinte: o primeiro não se casou, foi celibatário, morreu aos 63 anos. Do segundo e do terceiro, nada mais foi encontrado. O quarto e o quinto filhos, gêmeos, ambos casaram na Luterana. O sexto e o sétimo filho desapareceram. O oitavo, casou na Igreja Luterana. O nono e último filho foi sepultado na Luterana com 51 anos de idade. Não consta se casado ou solteiro. Dos 9 filhos, três são do sexo masculino e seis do sexo feminino. Dos 7 batizados na Católica, todos os padrinhos são de origem alemã e dos filhos cujo casamento foi encontrado, todos se casaram com indivíduos de origem alemã. Os pais, ao morrerem em 1942 (ele) e 1943 (ela), foram ambos sepultados na Luterana. (SYGAP, união nº 4311).

Essa é a história de um casal de imigrantes alemães que veio a Curitiba. Eram luteranos, casaram na Luterana, batizaram o primeiro filho e outros seis na Católica e, formalizaram outros rituais na Luterana, inclusive o sepultamento do casal. O mais estranho é que ambos foram batizados na Luterana, o que faz pensar, em princípio,



que eram luteranos, e não se tratava de um casamento inter-religioso; somente a relação foi inter-religiosa.

Um outro exemplo de relação conciliatória de famílias tipo M Católica mostra como um casal que contraiu união na Católica age nesse caso:

Felipe Hay e Frederica Otilia Guilhermina Kopens (Koggen), ambos prussianos. Não consta onde foram batizados. Casados em Curitiba em 31-01-1863 na Igreja Católica. No mês de julho de 1863 nasceu o primeiro filho, portanto concebido antes do casamento. Tiveram ao todo 16 filhos. Sete deles batizados na Católica e oito na Luterana. Acompanhando a vida dos filhos, temos o seguinte: o primeiro filho morreu aos quatro meses de idade e foi sepultado na Católica. O segundo casou na Igreja Luterana, sobre o terceiro, o quarto e o quinto filhos nada mais se encontrou. O sexto filho contraiu matrimônio na Católica. O sétimo só apareceu por ocasião do batismo. O oitavo filho cujo batismo não foi encontrado, casou na Católica. O nono, além do batismo, nada mais consta. O décimo casou na Luterana. O décimo primeiro morreu aos cinco anos de idade e foi sepultado na Luterana. Dos cinco últimos, só consta o batismo na Luterana. Os padrinhos de casamento foram dois indivíduos de origem alemã. Os padrinhos de batismo dos sete filhos batizados na I. Católica são também de origem germânica. (SYGAP, união nº 1361).

No caso desse casal, não foi possível acompanhá-los até o final, pois não consta o registro de sepultamento dos mesmos, nem na luterana e nem na Católica.

Com essa divisão - Famílias M CATÓLICAS, Famílias M LUTERANAS e Famílias Tipo E - alguns indicadores foram evidenciados: uma relação inter-religiosa mais intensa se dá pela proporcionalidade das formalidades religiosas. Dos 689 casais, 10% mantém esse caráter mais intenso nas relações, pois dividem os rituais entre as duas religiões. O destaque para esse tipo de atitude é de famílias que não foram formadas na paróquia em estudo - a do tipo E Luteranas e M Luteranas. Os casais de fichas M Católicas são, por sua vez, os que se mantêm mais na continuidade da relação com a Católica; após o mesmo, se observa, em grande parte deles, o rompimento do cônjuge não católico com sua igreja através da conversão.

A relação ocasional da família caracterizada mais pelo casamento ou pelo óbito de um dos filhos acaba sendo a relação de maior frequência entre os rituais de ambas as igrejas.

Em função da conservação da etnicidade e não só dela, mas também da escolha do cônjuge independente da religião e da origem étnica, o casamento inter-religioso assume um duplo papel: aquele que através de um casamento misto religioso mantém os laços étnicos: pois a escolha recai em um elemento da mesma etnia, porém de religião diferente; e aquele que, pelo casamento interétnico e inter-religioso, não assume esse papel, sobrepondo-se, no caso em questão, na escolha do parceiro independentemente desses dois fatores.

Do exposto neste capítulo, podem ser inferidas algumas considerações sobre as relações inter-religiosas dos alemães e seus descendentes em Curitiba.

Os trabalhos que no Brasil tratam da imigração, de um modo geral, são unânimes ao demonstrar a importância que a religião representou para essa população de imigrantes e reconhecem também que a religiosidade deles se acentuou no Brasil.

A explicação mais disseminada sobre os fatores que teriam levado a esse estreitamento dos laços com a Igreja, principalmente entre os poloneses católicos e alemães protestantes, se deu pelo referenciamento da Igreja com a Pátria, na vinculação da fé com a etnicidade. Com os outros grupos étnicos, alemães católicos, italianos, essa noção, embora não acentuada, também representou uma forma de organização comunitária de resistência ou conquista de espaços e, principalmente, de identificação étnica.

Tendo em vista as condições deficitárias do corpo eclesiástico brasileiro e da própria estruturação da Igreja no Brasil em fins do século XIX, a assistência espiritual aos imigrantes acabou gerando uma preocupação da Igreja nos locais de procedência desses grupos. A solução encontrada foi criar instituições que prestassem assistência aos imigrantes nos diversos países. Sendo assim, o apoio aos imigrantes dar-se-ia de maneira diferenciada, levando-se em consideração a localização, a cultura e principalmente a língua materna.

Quer se argumentar que a reorganização da Igreja Católica no Brasil não assumiu um caráter de desagregação religiosa desses imigrantes; muito pelo contrário, ela vai investir nesses elementos de forma diferenciada e mantê-los firmes na fé, pois representavam um meio de renovação nos quadros de fiéis já tão desestimulados, como se demonstrou anteriormente.

Ficou evidente que, quando o casamento é interétnico, favorece uma atitude mais flexível do cônjuge alemão, gerando muitas conversões. O teuto-brasileiro, principalmente do sexo masculino, quando contrai matrimônio na Católica, troca de religião e ainda mantém relações fora do seu grupo étnico pelo casamento. Ele está, dessa forma, rompendo com dois traços de distintividade importantes: a religião e a germanidade. Esse fato é realmente curioso. Não obstante, o caráter mais endogâmico do luterano alemão em relação ao católico, demonstra, pelo menos nos casos apontados, uma maior liberdade de escolha, onde pesaram mais os laços afetivos que o ligaram ao cônjuge que nem pertencia ao seu grupo étnico e também não pertencia à sua religião.

Agora, quando o casamento é intra-étnico, a relação com ambas as religiões é mais freqüente. Os casais de origem alemã são mais facilmente levados a

dividir os rituais, embora esteja muito claro que o contato desses 704 casais com a Católica é bem mais intenso do que com a Luterana. Um número muito pequeno de casais rompe completamente com a Luterana. Mesmo quando o casamento é intra-étnico, prevaleceram os dogmas do cônjuge católico, principalmente porque a grande maioria dos cônjuges não católicos figurava entre os do sexo masculino. De qualquer forma, a influência da Católica pesou mais nesses contatos.

Da totalidade das famílias de relações inter-religiosas, detectou-se que 36% delas registravam o falecimento de um dos cônjuges na Luterana, às vezes os dois cônjuges. Outras vezes somente um na Luterana e outro na Católica. É um dado significativo, pois - levando-se em conta que até a data pesquisada (1949) muitos ainda não tinham falecido, somando-se aos que morreram fora da comunidade - permite afirmar que ainda que o luterano tenha abjurado o protestantismo e, em grande parte, respeitasse os rituais da Católica, o último contato, seja pela influência da família, seja por uma escolha antecipada do convertido, é com sua igreja de origem.

Com exceção dos 88 casos de conversões em que prevaleceram os dogmas da Católica, percebeu-se que os casais ficavam numa situação difícil. Quem deveria ceder? E como ficava quem cedia? Em muitos casos, essa situação gerava insegurança na família, pois dividir ou somar a observação das prescrições religiosas, no caso daqueles que se casavam e ou se batizavam duas vezes, isto é, em ambos os credos, mostra a complexidade da situação, e são, em todo caso, atitudes que apontam tentativas de amenizar o problema de consciência daquele que mudou de religião.

O que se constata nessas relações, e pelo próprio comportamento do grupo alemão quanto à prática religiosa, é uma maior facilidade da Católica em exercer a

mecânica do poder, utilizando-se de técnicas de dominação, procurando atingir a realidade mais concreta dos indivíduos e penetrando na sua vida cotidiana. Uma relação de poder que até fins do século XIX se confundia com o próprio Estado no Brasil. Daí, quando se faz um estudo comparando o mesmo grupo étnico, não se pode omitir esse fato. A Católica não conseguia desempenhar o papel de mantenedora do **Deutschtum** tal qual a Luterana, mas, por sua vez, tentava minimizar essa questão atendendo pelo menos a uma parte dos fiéis de maneira diferenciada, efetuando a prédica em língua alemã, incentivando a criação de instituições teuto-católicas, formas concretas de dominação, uma vez que a língua, no início, representou uma barreira entre a Igreja e os alemães católicos.

## **6 CONCLUSÃO**

Neste trabalho, procurei estudar os alemães em Curitiba, considerando as diferenças religiosas e verificando que implicações estas tiveram no comportamento das famílias, observado principalmente os aspectos da nupcialidade e da fecundidade.

A técnica de Reconstituição de Famílias permitiu identificar um determinado grupo e fazer análises que vão além das propostas indicadas pelo método, como, por exemplo, o estudo das relações inter-religiosas.

Na análise dessas relações, evidencia-se, sobremaneira, no subgrupo selecionado, uma relação cotidiana de obediência à Igreja Católica. Esse procedimento é percebido pela leitura de alguns rituais, indicando que a fé e a confiança naquela instituição desempenharam um papel mais importante na vida cotidiana que em outras esferas das relações sociais.

O estudo da sazonalidade dos casamentos e concepções, identifica, no entanto, um comportamento religioso dos alemães católicos que ora se aproximava daquele dos alemães luteranos, e ora do de outros grupos étnicos de religião católica.

Percebe-se que, por um lado, o contato com os luteranos reforça a religiosidade e mostra como a Igreja, utilizando-se de ritos de passagem, como o nascimento, o casamento e o funeral, exerce um poder de gestão na vida de determinado corpo social. Por outro lado, mostra que o contato com os luteranos contribuiu para relativizar alguns dogmas católicos, como no caso das prescrições religiosas.

Tudo leva a crer que entre os alemães católicos encontravam-se facilmente fiéis com graus diversos de religiosidade e de adesão à fé. Os alemães que se destacavam pela observância das prescrições eram aqueles vinculados às igrejas, que

lhês atendiam de modo especial - prédicas em alemão, orientação educacional - levando-os inclusive a se unirem mais enquanto grupo étnico.

Pode-se afirmar que nesse relacionamento entre alemães católicos e luteranos houve uma maior flexibilidade na prática religiosa dos alemães luteranos, comprovando também para Curitiba o que já havia sido constatado no Vale do Itajaí: para o católico alemão ou descendente, a religião vinha em primeiro lugar, sem impedir que ele mantivesse contatos interétnicos. (SEYFERTH, 1981, p. 145).

A mais significativa influência da religião católica no padrão normativo dos alemães talvez possa ser sentida no seu comportamento sexual. É muito difícil, no entanto, a compreensão clara da inculcação da religiosidade, pois ela tem certamente intrincadas ligações com a vida familiar, não apenas no sentido superficial com que freqüentemente se fala de socialização, mas numa dimensão nem sempre verbalizável e que tem a ver com níveis inconscientes de interdição sexual. Nesse sentido, é evidente a interferência nas atitudes com relação ao sexo; todo um aparato social levou especialmente a população feminina a internalizar o senso do pecado e da culpa em relação a certos comportamentos sexuais severamente vituperados pela moral cristã na "cura das almas", pelo "policiamento" via confessional, e pela profusão dos discursos moralizantes veiculados por uma profícua literatura católica. (PIERRUCI, 1978: 42).

O grupo católico, pela freqüência de concepções "ilegítimas", bem inferior às dos luteranos, mostra que a Igreja veladamente ou não agia sobre o mesmo. O comportamento dos luteranos deixa mais evidente a influência de uma tradição camponesa (NADALIN, 1988, p. 68-69) nas questões da sexualidade, manifestada pela freqüência mais elevada, face aos católicos, de relações anteriores ao casamento.



A fecundidade dos casais alemães católicos diminuiu de um período mais remoto para um mais recente, reforçando um comportamento comum ao observado em tantos outros grupos já analisados pela demografia histórica.

No entanto, o que chama a atenção quando se compara o mesmo grupo étnico, diferenciado religiosamente e convivendo num mesmo espaço social, é a diferença das taxas de fecundidade observadas para um período bastante aproximado.

A diminuição das taxas de fecundidade dos casais alemães em Curitiba - católicos e luteranos, da primeira coorte analisada (1850-1894) para a segunda (1895-1919) pode ter sofrido influência de um sistema camponês herdado, no qual se inseria a maioria dos remigrantes e imigrantes, principalmente luteranos, que se localizaram no planalto curitibano. A facilidade de acesso à terra e a possibilidade de um mercado para a colocação dos produtos excedentes, isto fundado na projeção de uma família grande no seio da comunidade, revelaram-se como estímulos à nupcialidade e à maternidade. (ANDREAZZA; NADALIN, 1994, p. 29).

A influência nessa diferença pode ser buscada na origem dos imigrantes (provavelmente a maioria de camponeses entre os luteranos), mas também na forma como os luteranos extraem da tradição alemã elementos culturais que, embora já tenham se tornado "outros" pelo rearranjo e simplificação a que foram submetidos, os distinguem dos demais grupos em presença, principalmente em função da religião.

Por outro lado, não se pode omitir a importância do fator urbano e do possível caminho diferenciado, entre luteranos e católicos, rumo à modernidade. Os alemães vão se organizando juntamente com a expansão urbana de Curitiba, e vai chegar

o momento em que um número cada vez maior de funções relativas à proteção e ao controle do indivíduo, previamente exercidas por pequenos grupos, paróquia, associações, vai sendo transferido para o Estado. À medida que essa transferência avança, as pessoas isoladas, uma vez adultas, deixam mais e mais para trás os grupos locais próximos baseados na consanguinidade.

Os alemães católicos em Curitiba, pelo convívio que tiveram com os alemães luteranos, não se mostram tão rígidos em seguir os dogmas católicos. Esses laços de sociabilidade entre os elementos da mesma etnia prevaleceram e quebraram em parte a rigidez dos padrões católicos sobre algumas questões que envolvem a família, sua constituição e sua reprodução. De qualquer forma, mostra um grupo que transita muito bem entre uma religião e outra, apesar de todos os empecilhos oficialmente postos pela Igreja Católica e pela maior ou menor rigidez em seguir essas normas por determinados párocos. Esse comportamento não pode ser generalizado, mas é perceptível essa influência pelo contato com os luteranos, ainda que tenha variado de uma época para outra em função de alguns fatores que os uniram mais enquanto etnia em um determinado momento. Em outros, motivou a ampliação dos laços com a sociedade majoritária.

Parece claro na pesquisa que os alemães católicos vivenciaram de maneira diferente a questão da etnicidade. O que sobressai é a intensidade com que essa questão é encarada por um e outro grupo.

O contraponto com a sociedade majoritária parece mais evidente entre os luteranos; os católicos em função da religião, e não só dela, relativizam o significado dos sinais de distintividade étnicos, embora não deixem de garantir a diferença do grupo.

## **ANEXOS**

Os quadros de fecundidade, nupcialidade e mortalidade relacionados nesta lista de anexos foram produzidos pelo Sistema de Gestão e Análise de População *SYGAP*. (BIDEAU, 1991). No interior da tese, os quadros utilizados, em sua maioria, foram definidos por coortes, e nos anexos a quase totalidade dos quadros refere-se ao período total da pesquisa (1850 - 1919).

Optou-se por concluir e anexar todos os quadros que o software *SYGAP* permitiu realizar. No entanto, o resultado de alguns desses quadros não foram fruto de análise neste trabalho, principalmente os que se referem à mortalidade.

**ANEXO**  
**FECUNDIDADE**

## ANEXO 1

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS										
FECUNDIDADE DE MULHERES										
NASCIMENTOS ARROLADOS SEGUNDO A IDADE AO CASAR										
1850-1919										
Idade ao casar	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total
10-14	3	1	2							3
15-19	56		34	84	56	29	24	10	2	239
20-24	53			61	55	27	17	6	1	167
25-29	9				14	16	5	2		37
30-34	9			1	1	12	7	9	3	33
35-39	2						1			1
40-44										
45-49	2						2		1	3
Total:	134	1	36	146	126	84	56	27	7	483

## ANEXO 2

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS										
FECUNDIDADE DE MULHERES										
NASCIMENTOS PERDIDOS MAS REENCONTRADOS, SEGUNDO A IDADE AO CASAR										
1850-1919										
Idade ao casar	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total
10-14	3		1							1
15-19	56		3	9	13	3	1			29
20-24	53		2	5	3	2	1	1		14
25-29	9				1			1		2
30-34	9					4	1	1	1	7
35-39	2									0
40-44										
45-49	2				2	1		2		5
Total:	134		6	14	19	10	3	5	1	58

## ANEXO 3

SYGAP		PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS									
FECUNDIDADE DE MULHERES											
NASCIMENTOS PERDIDOS											
1850-1894											
Idade casar	ao	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total
10-14		1									
15-19		28		10	26	41	16	5			99
20-24		16		5	16	5					26
25-29		2							5		5
30-34		5					10	5	5	5	26
35-39		0									0
40-44		0									0
45-49		2				10	5		10		26
Total		54		16	41	57	31	10	21	5	182
1895-1919											
Idade casar	ao	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total
10-14		2		1							1
15-19		28		1	4	5					10
20-24		37		1	2	2	2	1	1		9
25-29		7				1					1
30-34		4					2				2
35-39		2									0
40-44		0									0
45-49		0									0
Total		80		3	6	8	4	1	1		23

## ANEXO 4

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS									
FECUNDIDADE DE MULHERES									
NASCIMENTOS ARROLADOS E PERDIDOS									
1850-1894									
Mulheres	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total
10-14	1	2							2
15-19	28	29	76	85	44	29	10	2	276
20-24	16	5	45	36	19	7	5	1	118
25-29	2			4	5	4	7		20
30-34	5			1	17	10	13	8	50
35-39	0								0
40-44	0								0
45-49	2			10	5	2	10	1	29
Total	54	37	120	137	90	52	46	12	495
1895-1919									
Mulheres	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total
10-14	2	1	1						2
15-19	28	16	38	17	1				72
20-24	37	1	34	26	10	11	2		84
25-29	7			11	11	1			23
30-34	4		1		7	2	1		11
35-39	2					1			1
40-44	0								0
45-49	0								0
Total	80	1	18	73	54	29	15	3	193



## ANEXO 5

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS										
FECUNDIDADE DE MULHERES ULTERIORMENTE FECUNDADAS										
NASCIMENTOS ARROLADOS, SEGUNDO A IDADE AO CASAR										
1850-1919										
Idade ao casar	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	Total	
10-14										
15-19	39		33	68	35	20	12	2	170	
20-24	32			52	36	21	6		115	
25-29	8				14	7	4		25	
30-34	8			1	1	9	5	7	23	
35-39										
40-44							2		2	
45-49	1									
Total:	88		33	121	86	57	29	9	335	

## ANEXO 6

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS										
FECUNDIDADE DE MULHERES ULTERIORMENTE FECUNDADAS										
NASCIMENTOS PERDIDOS MAS REENCONTRADOS, SEGUNDO A IDADE AO CASAR										
1850-1919										
Idade ao casar	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	Total	
10-14										
15-19	39		3	5	6	3	1		18	
20-24	32		2	3	2	1	1		9	
25-29	8				1				1	
30-34	8					2	1	1	4	
35-39										
40-44										
45-49	1				2	1			3	
Total:	88		5	8	11	7	3	1	35	

## ANEXO 7

SYGAP		PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS									
FECUNDIDADE DE MULHERES											
MULHERES - ANO											
1850-1919											
Idade ao casar	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	Total	
10-14	3	4	10	5	5	5	0			29	
15-19	56		96	264	216	183	153	118	85	1115	
20-24	53			160	209	171	116	91	55	803	
25-29	9				28	44	33	17	9	132	
30-34	9					33	45	42	35	154	
35-39	2						6	3		9	
40-44											
45-49	2								4	4	
Total:	134	4	106	429	459	436	354	270	188	2246	

## ANEXO 8

SYGAP		PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS									
FECUNDIDADE DE MULHERES											
TAXAS CORRIGIDAS DE FECUNDIDADE											
1850-1919											
Idade ao casar	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	desc. comp.	
10-14	3	250	200	0	0	0				1.3	
15-19	56		354	318	259	158	157	85	24	5.6	
20-24	53			381	263	158	147	66	18	4.4	
25-29	9				500	364	152	118	0	4.7	
30-34	9					364	156	214	86	3.6	
35-39	2						167	0		0.5	
40-44	0									0.0	
45-49	2								250	0.5	
Total:	134	250	340	340	275	193	158	100	37	4.7	

## ANEXO 9

SYGAP		PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS								
FECUNDIDADE DE MULHERES ULTERIORMENTE FECUNDADAS										
NASCIMENTOS PERDIDOS										
1850-1919										
Idade ao casar	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	Total	
10-14	0								0	
15-19	39		8	14	17	8	3		50	
20-24	32		6	8	6	3	3		26	
25-29	8				3				3	
30-34	8					6	3	3	12	
35-39	0								0	
40-44	0								0	
45-49	1				6	3			9	
Total:	88		14	22	32	20	9	3	100	

## ANEXO 10

SYGAP		PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS								
FECUNDIDADE DE MULHERES ULTERIORMENTE FECUNDADAS										
NASCIMENTOS ARROLADOS E PERDIDOS										
1850-1919										
Idade ao casar	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	Total	
10-14	0								0	
15-19	39		41	82	52	28	15	2	220	
20-24	32		6	60	42	24	9		141	
25-29	8				17	7	4		28	
30-34	8			1	1	15	8	10	35	
35-39	0								0	
40-44	0								0	
45-49	1				6	3	2		11	
Total:	88		47	143	118	77	38	12	435	

## ANEXO 11

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS										
FECUNDIDADE DE MULHERES ULTERIORMENTE FECUNDADAS										
MULHERES - ANO										
1850-1919										
Idade ao casar	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	Total	
10-14	0									
15-19	39		72	170	90	60	30	10	432	
20-24	32			104	100	70	35	5	314	
25-29	8				28	15	10		53	
30-34	8					27	25	15	67	
35-39	0									
40-44	0									
45-49	1								0	
Total:	88		72	274	218	172	100	30	866	

## ANEXO 12

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS											
FECUNDIDADE DE MULHERES ULTERIORMENTE FECUNDADAS											
TAXAS CORRIGIDAS DE FECUNDIDADE											
1850-1919											
Idade ao casar	No. de Casam	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	tx.méd 30 anos	Int. méd.	
10-14	0								0		
15-19	39		458	400	389	333	400	200	367	2.73	
20-24	32			500	360	300	171	0	335	2.98	
25-29	8				500	467	400		488	2.05	
30-34	8					333	200	467			
35-39	0										
Total	87		458	442	394	331	290	300			

## ANEXO 13

SYGAP		PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS						
		FECUNDIDADE DE MULHERES ULTERIORMENTE FECUNDADAS						
		PROPORÇÃO DE CASAIS FÉRTEIS						
		1850 - 1919						
Idade ao casar		10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44
10-14								
15-19			955	1000	1000	607	441	424
20-24				938	837	624	1000	
25-29					1000	779	379	
30-34						1000	1000	612

## ANEXO 14

SYGAP		PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS						
		FECUNDIDADE DE MULHERES ULTERIORMENTE FECUNDADAS						
		PROPORÇÃO DE CASAIS FUTURAMENTE FÉRTEIS						
		1850 - 1919						
Idade ao casar		10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44
10-14								
15-19			45	0	0	393	559	576
20-24				63	163	376	0	
25-29					0	221	621	
30-34						0	0	388

## ANEXO 15

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS					
FECUNDIDADE DE MULHERES ULTERIORMENTE FECUNDADAS					
PROPORÇÃO DE CASAIS FUTURAMENTE FÉRTEIS					
1850 - 1919					
IDADE AO CASAR	20 ANOS	25 ANOS	30 ANOS	35 ANOS	40 ANOS
10-14					
15-19	23	0	197	476	568
20-24		113	269	188	
25-29			110	421	
30-34				0	194

## ANEXO 16

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS										
INTERVALOS PROTOGENÉSICOS										
1850 - 1919										
IDADE AO CASAR		No. DE INTER.	SOLTEIROS		Intervalo		No.	Viúvos		Intervalo
			% Inter. de				Inter.	% Inter. de		
			8-11m.	12m. +	média *	média.		8-11 m.	12 m. +	média *. média
10-14			0.00	0.00	0.00	0.00		0.00	0.00	0.00 0.00
15-19		52	38.46	61.54	19.23	23.12		0.00	0.00	0.00 0.00
20-24		43	39.53	60.47	15.62	16.77		0.00	0.00	0.00 0.00
25-29		10	40.00	60.00	18.80	18.80	1	0.00	100.00	12.00 12.00
30-34		5	80.00	20.00	9.50	28.40	1	0.00	100.00	36.00 36.00
35-39			0.00	0.00	0.00	0.00		0.00	0.00	0.00 0.00
40-44			0.00	0.00	0.00	0.00		0.00	0.00	0.00 0.00
45-49		11	0.00	100.00	21.00	21.00		0.00	0.00	0.00 0.00
TOTAL		121	40.54	59.46	17.39	20.49	2	0.00	100.00	24.00 24.00

## ANEXO 17

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS					
INTERVALOS PROTOGENÉSICOS - CONJUNTO					
1850 - 1919					
IDADE AO CASAR	No. DE INTER.	INTERVALO DE		INTERVALO	
		8-11 MESES	12 MESES +	MÉDIA *	MÉDIA
10-14	0	0.00	0.00	0.00	0.00
15-19	52	38.46	61.54	19.23	23.12
20-24	43	39.53	60.47	15.62	16.77
25-29	11	36.36	63.64	18.18	18.18
30-34	6	66.67	33.33	14.80	29.67
35-39	0	0.00	0.00	0.00	0.00
40-44	0	0.00	0.00	0.00	0.00
45-49	1	0.00	100.00	21.00	21.00
TOTAL	113	39.82	60.18	17.51	20.55

## ANEXO 18

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS											
1850 - 1919											
Inter.	No.	%	Inter.	No.	%	Inter.	No.	%	Inter.	No.	%
8	3	2.65	23	4	3.54	38	0	0.00	53	0	0.00
9	18	15.93	24	2	1.77	39	0	0.00	54	1	0.88
10	12	10.62	25	2	1.77	40	0	0.00	55	1	0.88
11	12	10.62	26	1	0.88	41	0	0.00	56	0	0.00
12	4	3.54	27	1	0.88	42	0	0.00	57	0	0.00
13	8	7.08	28	3	2.65	43	0	0.00	58	0	0.00
14	5	4.42	29	0	0.00	44	0	0.00	59	1	0.88
15	6	5.31	30	1	0.88	45	0	0.00	60	1	0.88
16	1	0.88	31	2	1.77	46	0	0.00	61-72	4	3.54
17	2	1.77	32	4	3.54	47	0	0.00	73-84	1	0.88
18	2	1.77	33	1	0.88	48	0	0.00	85-96	0	0.00
19	1	0.88	34	0	0.00	49	0	0.00	97-108	1	0.88
20	1	0.88	35	0	0.00	50	1	0.88	109-120	0	0.00
21	5	4.42	36	1	0.88	51	0	0.00	121-132	0	0.00
22	0	0.00	37	0	0.00	52	0	0.00	133 ou +	0	0.00

## ANEXO 19

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS							
PRIMEIRO INTERVALO INTERGENÉSICO - CONJUNTO							
1850 - 1919							
Idade ao casar	No. de Interv.	Inter. Protogenésico		Primeiro Intervalo		DIF.*	DIF.
		média	média *	média *	média		
10-14	44	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
15-19	31	18.31	20.61	29.43	30.27	11.12	9.66
20-24	9	13.16	13.16	26.61	26.61	13.45	13.45
25-29	5	19.11	19.11	28.67	28.67	9.56	9.56
30-34		16.00	33.60	38.00	38.00	22.00	4.40
35-39		0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
40-44		0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
45-49		0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Total		16.43	18.60	28.73	29.27	12.30	10.67
		Média *: interv. de 60 meses e menos					

## ANEXO 20

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS							
PRIMEIRO INTERVALO INTERGENÉSICO - SOLTEIROS							
1850 - 1919							
Idade ao casar	No. de Interv.	Inter. Protogenésico		Primeiro Intervalo		DIF.*	DIF.
		média*	média	média *	média		
10-14	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
15-19	44	18.31	20.61	29.43	30.27	11.12	9.66
20-24	31	13.16	13.16	26.61	26.61	13.45	13.45
25-29	8	20.00	20.00	25.00	25.00	5.00	5.00
30-34	4	9.33	33.00	46.47	44.50	37.33	11.50
35-39	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
40-44	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
45-49	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Total	87	16.25	18.47	28.58	29.14	12.33	10.67
		Média *: interv. de 60 meses e menos					



## ANEXO 21

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS							
PRIMEIRO INTERVALO INTERGENÉSICO - VIÚVOS							
1850 - 1919							
Idade ao casar	No. de Interv.	Inter. Protogenésico média * média		Primeiro Intervalo média * média		DIF.*	DIF.
10-14	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
15-19	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
20-24	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
25-29	1	12.00	12.00	58.00	58.00	46.00	46.00
30-34	1	36.00	36.00	12.00	12.00	-24.00	-24.00
35-39	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
40-44	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
45-49	0	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Total	2	24.00	24.00	35.00	35.00	11.00	11.00
						Média *: interv. de 60 meses e menos	

## ANEXO 22

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS					
PRIMEIROS INTERVALOS SUCESSIVOS					
1850 - 1919					
Intervalos Médios					
Idade ao casar	No. de uniões	1-2	2-3	3-4	4-5
10-14					
15-19	31	23.48	22.85	29.17	23.24
20-24	23	17.53	23.56	23.50	34.33
25-29	5	27.00	19.50	24.25	28.67
30-49	4		25.00	18.00	13.00
TOTAL	63	21.13	23.03	25.85	28.03

## ANEXO 23

<b>SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS</b>					
<b>ÚLTIMOS INTERVALOS SUCESSIVOS</b>					
<b>1850 - 1919</b>					
<b>Intervalos Médios</b>					
<b>Idade ao casar</b>	<b>No. de uniões</b>	<b>AAP</b>	<b>AP</b>	<b>P</b>	<b>U</b>
10-14					
15-19	40	27.00	25.52	29.15	37.46
20-24	27	25.67	29.06	34.64	49.33
25-29	8	22.00	21.00	33.33	24.67
30-49	9	23.00	34.00	31.00	24.67
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	<b>25.84</b>	<b>26.65</b>	<b>31.22</b>	<b>40.72</b>

## ANEXO 24

<b>SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS</b>							
<b>INTERVALOS ENTRE NASCIMENTOS RECENSEADOS</b>							
<b>1859 - 1919</b>							
<b>Intervalos Médios</b>							
<b>No. Total crianças</b>	<b>No. de Uniões</b>	<b>1-2</b>	<b>2-3</b>	<b>3-4</b>	<b>4-5</b>	<b>5-6</b>	<b>6-7</b>
2	627	44.03					
3	403	31.53	37.56				
4	255	29.75	32.31	42.34			
5	172	27.60	26.53	33.20	36.63		
6	133	23.31	26.94	28.84	34.08	38.79	
7+	270	23.31	23.81	24.70	27.05	28.81	28.93
<b>TOTAL</b>	<b>1860</b>	<b>32.96</b>	<b>30.86</b>	<b>32.26</b>	<b>31.58</b>	<b>32.30</b>	<b>28.93</b>

## ANEXO 25

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS						
IDENTIFICAÇÃO DE NASCIMENTOS GEMELARES						
1850 - 1919						
Tipos de Nascimento						
Idade da mãe ao conceber	1	2	3	4	5+	Total
10-14	1					1
15-19	120	1				121
20-24	327	4				331
25-29	282	6				288
30-34	200	6				206
35-39	136	6				142
40-44	75	1				76
45-49	26					26
Ind.	8613	50				8663
Total	9780	74	0	0	0	9854
%	99.25	0.75	0.00	0.00	0.00	

O anexo 25 dá a distribuição de concepção simples ou múltipla, segundo o grupo de idade mãe ao conceber. Para um conjunto de 100 nascimentos pode-se computar um nascimento duplo (HENRY, 1974:93). Esta proporção varia com a idade da mãe. Para os alemães católicos, 0,75% do total dos nascimentos são de gêmeos, para o primeiro período a porcentagem é 0,87% e para o segundo de 0,64%. A variação em relação à idade se confirma, pois é mais freqüente as mulheres gerarem filhos múltiplos nas faixas etárias de 20-39 anos.

## ANEXO 26

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS			
IDENTIFICAÇÃO DOS NASCIMENTOS ILEGÍTIMOS			
1850 - 1919			
Idade ao casar	No. de uniões com filhos ilegítimos	No. de uniões sem filhos ilegítimos	Total
10-14		5	5
15-19	2	140	142
20-24	1	100	101
25-29	1	20	21
30-34		14	14
35-39		3	3
40-44	1		1
45-49	1	2	3
50+		3	3
Ind	36	845	881
Total	42	1132	1174

## ANEXO 27

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS			
IDENTIFICAÇÃO DAS CONCEPÇÕES PRÉ-NUPCIAIS			
1850 - 1919			
Idade ao casar	No. de uniões com concepções pré-nupciais	No. de uniões sem concepções pré-nupciais	Total
10-14	1	4	5
15-19	8	134	142
20-24	8	93	101
25-29	3	18	21
30-34	1	13	14
35-39		3	3
40-44		1	1
45-49		3	3
50+		3	3
Ind	67	814	881
Total	88	1086	1174

## ANEXO 28

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS						
TIPOLOGIA DAS FAMÍLIAS						
FICHAS DE CLASSIFICAÇÃO: UNIÃO						
1850 - 1894						
	1	%	2	%	Total	%
MF	54	2.5	106	4.8	160	7.3
MO	50	2.3	209	9.5	259	11.8
EF	83	3.8	134	6.1	217	9.8
EO	391	17.7	1177	53.4	1568	71.1
Total	578	26.2	1626	73.8	2204	100.00
1895 - 1919						
	1	%	2	%	Total	%
MF	83	3.7	137	6.1	220	9.8
MO	106	4.7	429	19.1	535	23.8
EF	30	1.3	215	9.6	245	10.9
EO	38	1.7	1206	53.7	1244	55.4
Total	257	11.5	1987	88.5	2244	100.0

## ANEXO 29

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS					
IDADE MÉDIA DA MÃE AO ÚLTIMO NASCIMENTO					
1850 - 1919					
Idade ao casar	No. de fichas	Idade Média	Idade ao casar	No. de fichas	Idade Média
10-14			10-19	9	36.21
15-19	9	36.21	20-29	12	36.41
20-24	11	35.76	30-49	6	41.45
25-29	1	43.50			
30-34	5	40.18	Total	27	37.46
35-39					
40-44					
45-49	1	47.80			
Total	27	37.46			

## ANEXO 30

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS															
PROBABILIDADE DE CRESCIMENTO (FICHÁRIO UNIÃO)															
1850 - 1919															
No.de crianças	MF	%	Pa	MO	%	Pa	EF	%	Pa	EO	%	Pa	Total	%	Pa
0	63	1.4	83	291	6.4	63	5	0.1	99	13	0.3	100	372	8.1	92
1	50	1.1	84	133	2.9	74	87	1.9	81	2058	45.0	29	2328	50.9	45
2	60	1.3	78	93	2.0	75	87	1.9	77	395	5.0	54	635	13.9	66
3	40	0.9	81	81	1.8	71	68	1.5	77	206	8.6	56	395	8.6	68
4	25	0.5	85	62	1.4	68	65	1.4	71	106	4.5	59	258	5.6	69
5	27	0.6	81	41	0.9	69	51	1.1	68	59	2.3	61	178	3.9	70
6	29	0.6	75	32	0.7	66	31	0.7	71	38	1.3	59	130	2.8	68
7	22	0.5	74	24	0.5	61	22	0.5	71	22	0.8	59	90	2.0	67
8	13	0.3	80	14	0.3	62	21	0.5	60	13	0.5	59	61	1.3	67
9	16	0.3	69	9	0.2	61	13	0.3	59	8	0.20.3	58	46	1.0	63
10+	35	0.8	0	14	0.3	0	19	0.4	0	11	0.2	0	79	1.7	0
Total	380	8.3		794	17.4		469	10.3		2929	64.1		4572	0.0	

## ANEXO 31

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS						
NO. MÉDIO DE CRIANÇAS DE FAMÍLIAS, SEGUNDO A IDADE AO CASAR DA MULHER						
1850 - 1919						
Fichas Fechadas		Fichas Abertas		Conjunto		
Idade ao casar	Fichas	Crianças média	Fichas	Crianças média	Fichas	Crianças média
10-14	3	1.33	2	0.00	5	0.80
15-19	57	4.74	85	2.19	142	3.21
20-24	54	3.46	47	2.36	101	2.95
25-29	9	4.33	12	3.50	21	3.86
30-34	9	4.44	5	2.60	14	3.79
35-39	2	0.50	1	1.00	3	0.67
40-44			1	5.00	1	5.00
45-49	2	4.00	1	2.00	3	3.33
50 +	1	0.00	2	0.00	3	0.00
Total	137	4.01	156	2.31	293	3.10

## ANEXO 32

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS		
Masculinidade dos Nascimentos		
1850 - 1919		
	Número	Porcentagem
Nascimentos masculinos	5071	51.08
Nascimentos femininos	4857	48.92
Sexo indeterminado		0.00
Conjunto	9928	100.00
Razão de masculinidade:	104.41	

## ANEXO 33

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS							
MOVIMENTO MENSAL DE CONCEPÇÕES E DOS NASCIMENTOS							
1850 - 1919							
		Primeiros Nasc.		Outros		Conjunto	
Nascimentos	Concepções	No. abs.	No. rel.	No. abs.	No. rel.	No. abs.	No. rel.
Janeiro	Abril	43	87	138	96	181	94
Fevereiro	Maio	46	93	115	80	161	84
Março	Junho	67	136	158	110	225	117
Abril	Julho	47	95	145	101	192	100
Maio	Agosto	57	116	123	86	180	93
Junho	Setembro	40	81	147	103	187	97
Julho	Outubro	50	101	141	98	191	99
Agosto	Novembro	51	103	179	125	230	119
Setembro	Dezembro	45	91	150	105	195	101
Outubro	Janeiro	54	109	172	120	226	117
Novembro	Fevereiro	45	91	124	87	169	88
Dezembro	Março	47	95	127	89	174	90
		592	1200	1719	1200	2311	1200



## ANEXO 34

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS							
MOVIMENTO MENSAL DE CONCEPÇÕES E DE NASCIMENTOS							
1850 - 1894							
NASCIMENTOS	CONCEPÇÕES	Primeiros Nascimentos		Outros		Conjunto	
		No. Abs.	No. Relativo	No. Abs.	No. Relativo	No. Abs.	No. Relativo
Janeiro	Abril	13	67	76	93	89	88
Fevereiro	Maio	19	97	71	87	90	89
Março	Junho	24	123	93	113	117	115
Abril	Julho	18	92	77	94	95	94
Maio	Agosto	20	103	74	90	94	93
Junho	Setembro	19	97	77	94	96	95
Julho	Outubro	23	118	71	87	94	93
Agosto	Novembro	20	103	115	140	135	133
Setembro	Dezembro	20	103	81	99	101	100
Outubro	Janeiro	18	92	100	122	118	116
Novembro	Fevereiro	18	92	83	101	101	100
Dezembro	Março	22	113	66	80	88	87
TOTAL		234	1200	984	1200	1218	1200
MOVIMENTO MENSAL DE CONCEPÇÕES E DE NASCIMENTOS							
1895 - 1919							
NASCIMENTOS	CONCEPÇÕES	Primeiros Nascimentos		Outros		Conjunto	
		No. Abs.	No. Relativo	No. Abs.	No. Relativo	No. Abs.	No. Relativo
Janeiro	Abril	30	101	62	101	92	101
Fevereiro	Maio	27	91	44	72	71	78
Março	Junho	43	144	65	106	108	119
Abril	Julho	29	97	68	111	97	106
Maio	Agosto	37	124	49	80	86	94
Junho	Setembro	21	70	70	114	91	100
Julho	Outubro	27	91	70	114	97	106
Agosto	Novembro	31	104	64	104	95	104
Setembro	Dezembro	25	84	69	113	94	103
Outubro	Janeiro	36	121	72	118	108	119
Novembro	Fevereiro	27	91	41	67	68	75
Dezembro	Março	25	84	61	100	86	94
TOTAL		358	1200	735	1200	1093	1200

**ANEXO  
NUPCIALIDADE**

## ANEXO 35

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS							
TÁBUA DE NUPCIALIDADE DOS CELIBATÁRIOS							
1895 - 1919 FEMININO							
Idade ao casar	Entradas	Saídas	Casamentos	Efet.	Denom.	Quociente	<div> <div> Freqüência Solteiros </div> <div>Casamentos</div> </div>
10 - 14	6		2	204	201.0	0.010	<div> <div>1000</div> <div>10</div> </div>
15 - 19	9		45	196	191.5	0.235	<div> <div>990</div> <div>233</div> </div>
20 - 24	5		47	142	139.5	0.337	<div> <div>757</div> <div>255</div> </div>
25 - 29	3		26	90	88.5	0.294	<div> <div>502</div> <div>148</div> </div>
30 - 34	2		25	61	60.0	0.417	<div> <div>355</div> <div>148</div> </div>
35 - 39	2		9	34	33.0	0.273	<div> <div>207</div> <div>56</div> </div>
40 - 44	1		1	23	22.5	0.044	<div> <div>150</div> <div>7</div> </div>
45 - 49	1		3	21	20.5	0.146	<div> <div>144</div> <div>21</div> </div>
50 - 54	4		4	17	15.0	0.267	<div> <div>123</div> <div>33</div> </div>
55 - 59	2			9	8.0	0.000	<div> <div>90</div> <div>0</div> </div>
60 - 64	1			7	6.5	0.000	<div> <div>90</div> <div>0</div> </div>
65 - 69	2			6	5.0	0.000	<div> <div>90</div> <div>0</div> </div>
Total	38		162				
Celibatário							90
Definitivo:							

## ANEXO 36

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS							
TÁBUA DE NUPCIALIDADE DOS CELIBATÁRIOS							
1895 - 1919 MASCULINO							
Idade ao casar	Entradas	Saídas	Casamentos	Efet.	Denom.	Quociente	Frequência Solteiros
10 - 14	5			281	278.5	0.000	1000
15 - 19	4		8	276	274.0	0.029	1000
20 - 24	10		59	264	259.0	0.228	971
25 - 29	14		44	195	188.0	0.234	750
30 - 34	9		27	137	132.5	0.204	574
35 - 39	13		25	101	94.5	0.265	457
40 - 44	6		14	63	60.0	0.233	336
45 - 49	8		4	43	39.0	0.103	258
50 - 54	8		5	31	27.0	0.185	231
55 - 59	4		1	18	16.0	0.063	189
60 - 64	6		1	13	10.0	0.100	177
65 - 69	3		1	6	4.5	0.222	159
Total	90		189				
Celibatário							159
Definitivo:							

## ANEXO 37

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS											
IDADE MÉDIA DOS CÔNJUGES AO CASAR											
1850 - 1919											
	Homens										
Mulheres	10 - 14	15 - 19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	50 +	Ind.	Total
10 - 14		1	1							3	5
15 - 19		1	43	5	2					91	142
20 - 24		1	19	8	1					71	100
25 - 29				5	1	1				12	19
30 - 34			1	2	2					7	12
35 - 39						1				1	2
40 - 44											0
45 - 49							1	1		1	3
50 +							1		1		2
Ind.		7	83	24	8	6	2	1	3	724	858
Total	0	10	147	44	14	8	4	2	4	910	1143
Médias	Homem	25.2	Mulher:	21.3	Desvio-padrão:		Homem:	7.3	Mulher:	6.1	

## ANEXO 38

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS											
IDADES MÉDIA DOS CÔNJUGES AO PRIMEIRO CASAMENTO											
1850 - 1919											
	Homens										
Mulheres	10 - 14	15 - 19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	50 +	Ind.	Total
10 - 14		1	1							3	5
15 - 19		1	43	5	2					91	142
20 - 24		1	19	8	1					72	101
25 - 29				5	1	1				14	21
30 - 34			1	2	4					7	14
35 - 39						1				2	3
40 - 44									1		1
45 - 49							1	1		1	3
50 +							1		2		3
Ind.		7	83	25	8	6	2	1	5	744	881
Total	0	10	147	45	16	8	4	2	8	934	1174
Médias	Homem	25.8	Mulher:	21.7	Desvio-padrão:		Homem:	8.3	Mulher:	6.5	

## ANEXO 39

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS											
IDADE COMBINADA DOS CÔNJUGES DO PRIMEIRO NASCIMENTO RESENSEADO											
1850 - 1919											
	Homens										
Mulheres	10 - 14	15 - 19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	50 +	Ind.	Total
10 - 14		1									1
15 - 19		2	43	9	2	2				60	118
20 - 24		1	17	15	1	1		1		78	114
25 - 29			3	8	4	1		1	1	27	45
30 - 34			2	2	1					10	15
35 - 39						2			1	1	4
40 - 44						1				1	2
45 - 49										1	1
50 +									2		2
Ind.		9	93	65	13	8	3	1	5	1853	2050
Total	0	13	158	99	21	15	3	3	9	2031	2352
Médias	Homem :	26.4	Mulher:	22.7	Desvio-padrão:	Homem:	7.3	Mulher:	5.3		

## ANEXO 40

SYGAP    PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS											
IDADE COMBINADA DOS CÔNJUGES DO PRIMEIRO NASCIMENTO RECENSEADO											
1850 - 1894											
	Homens										
Mulheres	10 - 14	15 - 19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	50 +	Ind.	Total
10 - 14											0
15 - 19		2	34	7	2	1				12	58
20 - 24			6	7	1	1		1		24	40
25 - 29			1	6	1	1			1	4	14
30 - 34					1					2	3
35 - 39						2			1		3
40 - 44						1				1	2
45 - 49										1	1
50 +									1		1
Ind.			17	15	6	5	3		1	597	644
Total	0	2	58	35	11	11	3	1	4	641	766
Médias	Homem:	27.4	Mulher:	22.6	Desvio-padrão:		Homem:	7.8	Mulher:	6.0	

IDADE COMBINADA DOS CÔNJUGES DO PRIMEIRO NASCIMENTO RECENSEADO											
1895 - 1919											
	Homens										
Mulheres	10 - 14	15 - 19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	50 +	Ind.	Total
10 - 14		1									1
15 - 19			9	2		1				48	60
20 - 24		1	11	28	3			1		54	74
25 - 29			2	2						23	31
30 - 34			2	2						8	12
35 - 39										1	1
40 - 44											0
45 - 49											0
50 +									1		1
Ind.		9	76	50	7	3		1	4	1256	1406
Total	0	11	100	64	10	4	0	2	5	1390	1586
Médias	Homem:	25.8	Mulher:	22.8	Desvio-padrão:		Homem:	6.9	Mulher:	4.9	



## ANEXO 41

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS											
IDADE COMBINADA DOS CÔNJUGES O ÚLTIMO NASCIMENTO RECENSEADO											
1895 - 1919											
	Homens										
Mulheres	10 - 14	15 - 19	20 - 24	25 - 29	30 - 34	35 - 39	40 - 44	45 - 49	50 +	Ind.	Total
10 - 14		1									1
15 - 19		2	96							14	112
20 - 24			9	10		1				50	70
25 - 29				13	7	3				39	62
30 - 34					12	9	2	2		29	54
35 - 39				2	3	8	9	4	3	24	53
40 - 44						1	10	9	5	18	43
45 - 49								9	3	4	16
50 +									4		5
Ind.		4	34	45	37	25	17	5	11	1900	2078
Total	0	7	139	70	59	47	39	29	26	2078	2494
Médias	Homem:	31.8	Mulher:	28.8	Desvio-padrão:		Homem:	10.6	Mulher:	9.2	

## ANEXO 42

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS						
FREQUÊNCIA DE RECASAMENTO E DURAÇÃO DA VIUEZ						
1895 - 1919						
Idade da Viuvez	MULHERES			HOMENS		
	No. da União	Frequência	Duração (mês)	No. da União	Frequência	Duração (mês)
10 - 14						
15 - 19				1	0.00	
20 - 24						
25 - 29	5	20.00	25.00	1	0.00	
30 - 34	2	50.00	21.00	2	0.00	
35 - 39	7	0.00		2	0.00	
40 - 44	10	0.00		1	0.00	
45 - 49	15	0.00		2	50.00	47.00
50 - 54	14	0.00		1	0.00	
55 - 59	7	0.00		3	0.00	
60 +	16	0.00		16	6.25	26.00
Ind.	108	4.63	44.20	57	15.79	54.11
Total	184	3.80	38.14	86	12.79	50.91

## ANEXO 43

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS				
DURAÇÃO DA UNIÃO				
1850 - 1919				
Idade ao casar	HOMENS		MULHERES	
	No. de Uniões	Duração (mês)	No. de Uniões	Duração (mês)
10 - 14			3	9.25
15 - 19	4	13.99	57	21.61
20 - 24	65	16.17	54	15.29
25 - 29	29	18.30	9	14.34
30 - 34	7	29.66	9	27.07
35 - 39	4	15.28	2	4.32
40 - 44				
45 - 49	1	24.38	2	16.88
50 +	2	8.83	1	0.00
Ind.	268	18.07	243	17.66
Total	380	17.87	380	17.87

## ANEXO 44

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS				
DURAÇÃO FECUNDA DA UNIÃO A PARTIR DO CASAMENTO				
1850 - 1919				
Idade ao casar	HOMENS		MULHERES	
	No. de Uniões	Duração (mês)	No. de Uniões	Duração (mês)
10 - 14			1	0.61
15 - 19	10	6.04	81	10.89
20 - 24	83	10.19	58	9.86
25 - 29	28	9.59	16	7.65
30 - 34	12	10.47	9	10.13
35 - 39	5	6.83	2	2.15
40 - 44	2	-0.27	1	-6.92
45 - 49			2	0.23
50 +	2	3.52		
Ind.	489	8.82	461	8.65
Total	631	8.96	631	8.96

## ANEXO 45

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS			
SEXO DO CÔNJUGE SOBREVIVENTE			
1850 - 1919			
Diferença de Idade entre os cônjuges	No. de Uniões	Sobreviventes	
		Homens	Mulheres
25 +	2	1	1
20 - 24	3		3
15 - 19	6	1	5
10 - 14	14		14
05 - 09	24	7	17
00 - 04	41	13	28
00 - 04	15	7	8
05 - 09	1	1	
10 - 14	1		1
15 - 19			
20 - 24	1		1
25 +			
Ind.	162	56	106
Total	270	86	184

## ANEXO 46

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS		
MOVIMENTO MENSAL DOS CASAMENTOS		
1850 - 1919		
Meses	Conjunto de Casamentos	
	No. Abs.	No. Relativos
Janeiro	100	102
Fevereiro	123	126
Março	34	35
Abril	77	79
Maior	152	155
Junho	124	127
Julho	94	96
Agosto	62	63
Setembro	128	131
Outubro	86	88
Novembro	94	96
Dezembro	100	102
TOTAL	1174	1200

## ANEXO 47

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS		
MOVIMENTO MENSAL DOS CASAMENTOS		
1850 - 1894		
Meses	Conjunto de Casamentos	
	No. Abs.	No. Relativos
Janeiro	40	115
Fevereiro	44	126
Março	14	40
Abril	24	69
Maio	49	140
Junho	29	83
Julho	42	120
Agosto	33	95
Setembro	43	123
Outubro	34	97
Novembro	37	106
Dezembro	30	86
TOTAL	419	1200
MOVIMENTO MENSAL DOS CASAMENTOS		
1895 - 1919		
Meses	Conjunto de Casamentos	
	No. Abs.	No. Relativos
Janeiro	60	95
Fevereiro	79	126
Março	20	32
Abril	53	84
Maio	103	164
Junho	95	151
Julho	52	83
Agosto	29	46
Setembro	85	135
Outubro	52	83
Novembro	57	91
Dezembro	70	111
TOTAL	755	1200

**ANEXO**  
**MORTALIDADE**



## ANEXO 48

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS							
TÁBUA DE MORTALIDADE : FEMININA							
1850 - 1919							
Idade	Entrada	Saída	Óbitos	Idade	Entrada	Saída	Óbitos
-1			3656	50-54			10
1-4			79	55-59			13
5-9			15	60-64			10
10-14			6	65-69			25
15-19			10	70-74			31
20-24			7	75-79			24
25-29			6	80-84			22
30-34			5	85-89			15
35-39			3	90-94			4
40-44			6	95-99			1
45-49			6	100+			
Effectif de dbut:				3954			

## ANEXO 49

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS										
TÁBUAS DE MORTALIDADE										
1850 - 1919										
					Forte			Fraco		
Idade	Entrada	Saída	Óbitos máx.	Óbitos mín.	Quoc.	Sobr.	Esp.	Quoc.	Sobr.	Esp.
-1	0	0	3656	133	925	1000	3.75	34	1000	36.67
1-4	0	0	79	79	265	75	42.80	21	966	36.94
5-9	0	0	15	15	68	55	53.64	4	946	33.68
10-14	0	0	6	6	29	51	52.65	2	942	28.81
15-19	0	0	10	10	51	50	48.65	3	940	23.87
20-24	0	0	7	7	37	47	46.60	2	937	18.94
25-29	0	0	6	6	33	46	42.50	2	935	13.98
30-34	0	0	5	5	29	44	39.32	1	933	9.00
35-39	0	0	3	3526	18	43	35.18	955	933	4.00
40-44	0	0	6	6	36	42	30.96	36	42	30.79
45-49	0	0	6	6	37	41	26.59	37	40	27.20
50-54	0	0	10	10	65	39	22.83	65	39	22.83
55-59	0	0	13	13	90	36	19.52	90	36	19.52
60-64	0	0	10	10	76	33	16.07	76	33	16.07

## ANEXO 50

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS							
Tábua de Mortalidade : MASCULINA							
1850 - 1919							
Idade	Entrada	Saída	Óbitos	Idade	Entrada	Saída	Óbitos
10-14			5	55-59			15
15-19			4	60-64			30
20-24			12	65-69			34
25-29			19	70-74			22
30-34			11	75-79			16
35-39			15	80-84			13
40-44			19	85-89			7
45-49			36	90-94			3
50-54			20	95-99			
				100+			
Effectif de dbut:				281			

## ANEXO 51

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS										
TÁBUAS DE MORTALIDADE										
1850 - 1919										
					Forte			Fraco		
Idade	Entrada	Saída	Óbitos máx.	Óbitos mín.	Quoc.	Sobr.	Esp.	Quoc.	Sobr.	Esp.
10-14	0	0	5	5	18	1000	44.25	18	1000	44.25
15-19	0	0	4	4	14	982	44.02	14	982	40.02
20-24	0	0	12	12	44	968	35.56	44	968	35.56
25-29	0	0	19	19	73	926	32.06	73	926	32.06
30-34	0	0	11	11	46	858	29.40	46	858	29.40
35-39	0	0	15	15	65	819	25.68	65	819	25.68
40-44	0	0	19	19	88	765	22.32	88	765	22.32
45-49	0	0	36	36	184	698	19.22	184	698	19.22
50-54	0	0	20	20	125	570	17.98	125	570	17.98
55-59	0	0	15	15	107	498	15.22	107	498	15.22
60-64	0	0	30	30	240	445	11.74	240	445	11.74
65-69	0	0	34	34	358	338	9.67	358	338	9.67
70-74	0	0	22	22	361	217	8.67	361	217	8.67
75-79	0	0	16	16	410	139	7.14	410	139	7.14

## ANEXO 52

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS							
TÁBUA DE MORTALIDADE : FEMININA							
1850 - 1919							
Idade	Entrada	Saída	Óbitos	Idade	Entrada	Saída	Óbitos
10-14			6	55-59			13
15-19			10	60-64			10
20-24			7	65-69			25
25-29			6	70-74			31
30-34			5	75-79			24
35-39			3	80-84			22
40-44			6	85-89			15
45-49			6	90-94			4
50-54			10	95-99			1
				100+			
Effectif de dbut:				204			

## ANEXO 53

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS										
Tábuas de Mortalidade										
1850 - 1919										
					Forte			Fraco		
Idade	Entrada	Saída	Óbitos máx.	Óbitos mín.	Quoc.	Sobr.	Esp.	Quoc.	Sobr.	Esp.
10-14	0	0	6	6	29	1000	52.10	29	1000	52.10
15-19	0	0	10	10	51	971	48.58	51	971	48.58
20-24	0	0	7	7	37	921	46.08	37	921	46.08
25-29	0	0	6	6	33	887	42.75	33	887	42.75
30-34	0	0	5	5	29	858	39.11	29	858	39.11
35-39	0	0	3	3	18	833	35.21	18	833	35.21
40-44	0	0	6	6	36	818	30.81	36	818	30.81
45-49	0	0	6	6	37	789	26.85	37	789	26.85
50-54	0	0	10	10	65	760	22.78	65	760	22.78
55-59	0	0	13	13	90	710	19.21	90	710	19.21
60-64	0	0	10	10	76	646	15.87	76	646	15.87
65-69	0	0	25	25	205	597	11.97	205	597	11.97
70-74	0	0	31	31	320	475	9.40	320	475	9.40
75-79	0	0	24	24	364	323	7.64	364	323	7.64

## ANEXO 54

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS							
TÁBUA DE MORTALIDADE : MASCULINA							
1850 - 1919							
Idade	Entrada	Saída	Óbitos	Idade	Entrada	Saída	Óbitos
-1			3789	50-54			20
1-4			78	55-59			15
5-9			9	60-64			30
10-14			5	65-69			34
15-19			4	70-74			22
20-24			12	75-79			16
25-29			19	80-84			13
30-34			11	85-89			7
35-39			15	90-94			3
40-44			19	95-99			
45-49			36	100+			
Effectif de dbut:				4157			

## ANEXO 55

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS										
TÁBUAS DE MORTALIDADE										
1850 - 1919										
					Forte			Fraco		
Idade	Entrada	Saída	Óbitos máx.	Óbitos mín.	Quoc.	Sobr.	Esp.	Quoc.	Sobr.	Esp.
-1	0	0	3789	143	911	1000	4.22	34	1000	36.69
1-4	0	0	78	78	212	89	41.29	19	966	36.96
5-9	0	0	9	9	31	70	47.96	2	948	33.62
10-14	0	0	5	5	18	68	44.30	1	946	28.69
15-19	0	0	4	4	14	67	39.92	1	945	23.72
20-24	0	0	12	12	44	66	35.49	3	944	18.74
25-29	0	0	19	19	73	63	32.06	5	941	13.79
30-34	0	0	11	11	46	58	29.61	3	936	8.85
35-39	0	0	15	3661	65	56	25.53	945	934	3.86
40-44	0	0	19	19	88	52	22.30	88	51	22.41
45-49	0	0	36	36	184	47	19.41	184	47	19.10
50-54	0	0	20	20	125	39	17.82	125	38	18.03
55-59	0	0	15	15	107	34	15.07	107	33	15.38
60-64	0	0	30	30	240	30	11.75	240	30	11.59

## ANEXO 56

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS							
Movimento Mensal de Óbitos							
1850 - 1919							
Meses	Sexo Masculino		Sexo Feminino		Ind.	Conjunto	
	No. Abs.	No. Rel.	No. bs.	No. Rel.		No. Abs.	No. Rel.
Janeiro	94	123	62	98	0	156	112
Fevereiro	80	105	72	114	0	152	109
Março	92	121	82	131	0	174	125
Abril	80	106	70	112	0	150	109
Maio	85	114	57	92	0	142	104
Junho	65	85	46	73	0	111	80
Julho	68	89	60	95	0	128	92
Agosto	63	83	56	89	0	119	85
Setembro	55	72	53	84	0	108	78
Outubro	61	80	61	96	0	122	87
Novembro	83	109	63	100	0	146	105
Dezembro	90	118	78	124	0	168	121
Total	916	1200	760	1200	0	1676	1200

## ANEXO 57

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS								
Movimento Mensal de Óbitos por Grupo de Idade ao Morrer								
1850 - 1919								
Meses	00-14	15-49	50+	Ens.	00-14	15-49	50+	Ens.
Janeiro	158	114	90	127	134	56	70	103
Fevereiro	128	83	105	110	134	56	46	95
Março	148	114	105	127	155	140	116	139
Abril	112	93	150	120	124	140	124	125
Maio	71	103	90	85	62	56	93	72
Junho	71	83	98	82	52	84	93	70
Julho	66	93	113	87	93	0	178	114
Agosto	61	93	105	82	41	140	101	72
Setembro	66	72	45	61	31	251	101	78
Outubro	66	124	60	77	93	112	108	100
Novembro	102	114	128	113	113	84	85	100
Dezembro	148	114	113	129	170	84	85	131
Total:	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200
No. Casam	235	116	160	511	233	43	155	431

## ANEXO 58

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS				
MOVIMENTO MENSAL DE ÓBITOS POR GRUPO DE IDADE AO MORRER				
1850 - 1919				
Meses	00-14	15-49	50+	Conjunto
Janeiro	146	98	80	116
Fevereiro	131	75	76	103
Março	151	121	110	132
Abril	118	106	137	122
Maio	67	91	91	79
Junho	62	83	95	76
Julho	79	68	145	99
Agosto	51	106	103	78
Setembro	49	121	72	69
Outubro	79	121	84	88
Novembro	108	106	107	107
Dezembro	159	106	99	130
Total:	1200	1200	1200	1200
No. Casam	468	159	315	942

## ANEXO 59

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS											
ESTADO MATRIMONIAL AO MORRER (CONJUNTO)											
1850 - 1919											
Idade ao casar	Solteiros	Viúvos	Casam	Ind	Tot.	Idade ao morrer	Solteiros	Viúvos	Casam	Ind.	Tot.
00-04	435				212	55-59	6	13	11		13
05-09	24				15	60-64	7	19	15	2	33
10-14	11				5	65-69	5	30	16	7	24
15-19	13		1		10	70-74	1	34	17	8	31
20-24	15		4		7	75-79	2	28	6	9	21
25-29	17		8		6	80-84	2	23	6	11	22
30-34	11	3	3		12	85-89	1	14	1	8	15
35-39	15	1	2		15	90-94		4	1	2	3
40-44	7	6	12		6	95+				1	1
45-49	10	11	22	1	38	Ind.	294	235	122	50	372
50-54	12	9	10	1	10	Total	888	430	257	100	1675

## ANEXO 60

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS											
ESTADO MATRIMONIAL AO MORRER (HOMENS)											
1850 - 1919											
Idade ao casar	Solteiros	Viúvos	Casam	Ind	Tot.	Idade ao morrer	Solteiros	Viúvos	Casam.	Ind.	Tot.
00-04	223				223	55-59	4	6	7		17
05-09	9				9	60-64	6	11	14	2	33
10-14	5				5	65-69	3	15	13	3	34
15-19	4				4	70-74		13	13	3	23
20-24	10		2		12	75-79	1	12	3	5	21
25-29	14		5		19	80-84	1	11	5	3	20
30-34	9	1	2		12	85-89		5	1	3	9
35-39	13	1	1		15	90-94		1	1	1	3
40-44	6	4	9		19	95+					
45-49	9	10	19		38	Ind.	156	127	74	15	372
50-54	8	5	8	1	22	Total	481	222	177	36	916

## ANEXO 61

SYGAP PARÓQUIA N. S. DA LUZ - CTBA. - ALEMÃES CATÓLICOS											
ESTADO MATRIMONIAL AO MORRER (MULHERES)											
1850 - 1919											
Idade ao casar	Solteiros	Viúvos	Casam	Ind	Tot.	Idade ao morrer	Solteiros	Viúvos	Casam.	Ind.	Tot.
00-04	212				212	55-59	2	7	4		13
05-09	15				15	60-64	1	8	1		10
10-14	6				6	65-69	2	15	3	4	24
15-19	9		1		10	70-74	1	21	4	5	31
20-24	5		2		7	75-79	1	16	3	4	24
25-29	3		3		6	80-84	1	12	1	8	22
30-34	2	2	1		5	85-89	1	9		5	15
35-39	2		1		3	90-94		3		1	4
40-44	1	2	3		6	95+				1	1
45-49	1	1	3	1	6	Ind.	138	108	48	35	329
50-54	4	4	2		10	Total	407	208	80	64	759

**ANEXO**  
**LISTA DE VARIAÇÃO DOS**  
**SOBRENOMES ALEMÃES**



# **LISTA DE VARIAÇÃO DOS SOBRENOMES ALEMÃES ENCONTRADOS NO ARQUIVO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA LUZ DE CURITIBA**

<b>SOBRENOME</b>	<b>VARIAÇÕES</b>
APPEL	OPPEL
ARNDT	HAIOTT
ATELER	ATZLER
AUSTAN	AOST
BAESNER	BARMEL
BAHL	PAHL, BAHR, BAAL
BALOV	PALOV
BAÜMEL	BUSNEL, BAUML, PAUMNEL
BANER	BANESE, BAUER
BASSLER	BASSLAR, PASSLER, BANCELER
BAUMANN	PEILMANN
BECHTLOF	BECHTHOF, BEITLOF
BECKERT	DECHTER
BÖHM	BEM, BOHM, BEHN

BEUTLER

REUTLER

BEYER

BAYER, BEIER

BIATY

BEALY, PATZA

BÜCHE

BUKE

BLUMENTHAL  
DROMMENTAL

BLUMENTAK, BROMENTAL,

BLUMER

PRUNNER, BLUM, PLÜM

BORN

BORNER

BRANDT

BRANTS, BONDTS

BREGER

BRAESCHER

BRENNER

PREINER

BRÜSCH

BRISCK, BUSCHE, BRÜSCK

BROCKELT

BURBELT

BUCHOLZ

BUCCHOL

BUND

BONDE

BUSSMANN

BOSSEMANN

CASINS

KANSENS

CLASSE

KASS

CORNEHL

KORNELL

DAEFFERT	DEFERT, DIFERT
DANDORFER	TANDEL, TANDORFER
DESCHANDT	DE CANTO, DEJANT
DEUBLI	DEIBLI
DRESSLER	BRESSLER
EICK	EIS, ERB, HAY
ECKERMAN	EGGERMAN
EHALTT	THALT
ELTNER	HELTNER
ENDLER	HENTLE
FENG	FINK
FIERTEL	VIERTEL
FUTZE	PFUTZE, FITCHER
FLEMING	FLENNING, FLEMEG
FOGELMAN	VOGELMAN
FOLGOTTER	FALGOTTER
FOLKENING	VOLKENING
FONT	FAUTH

FORBECK	OLBECK, TOLBECK, WOLBEK, WORBECH, FURBERCH
FOSCH	FOSS, FOST
FOSGRAU	VOSGERAU
FOSTE	FÖRSTER, FOST
FRANCO	FRANK
FRANZ	FRANZSCHFMEDER
FRITZ	GRITZ
GAERTNER	GAITNER
GASTTEGRUBER	KALTEGRUBER
GBUR	GRUR, GUEIBUR, GHEBUR
GEHRKE	GEHEKE
GELBECK	GELTZKE, GUILK, KELPPE, GELBACK, GLECER
GELBERT	GUERBER, GUILBERT
GENKERICH	GONKCIEK, GERGUNGUKE
GLOCK	KLOCK
GLOGER	GLASER
GRAESER	GLOESER

GRAFF	GRATT
GREBER	KRÖBER
GRETZNER	GRIGNER, GRITRER, GROTZNER
GRUBE	GRUBBA
GUELING	HELM
GUEKE	GODT, GODHE
GUICK	GUDQUE
GUIS	GUIRE
HACKEMBERG	HATTEMBERG
HAMBRUSCH	AMBRUSCHI
HANKE	JANKE, HENQUE, HENKE, HENISKE, HENNIK
HANNEMANN	HEINEMANN, HANEMANI, HAMMANN
HARITSCH	HARITZKY
HATSCHBACH	HAPKWBACH
HAUER	HANER
HAUPT	HAMPT
HEISI	HOZE, HEUSI, HENN, VOISEL, HEIZEN, EISEL, HOISER, HAISER

HELTNER

HILTNER

HELWIG

HELWANG, HELLING

HENN

HEIN

HERMANN

GERMANN, GERMANO

HERTHAL

ERTHAL, HERTEL

HEY

HUY

HOGG

HOODG, OGG

HOLZMANN

HOSMANN

HONNECKER

HONENGERT

HORNS

HERNS, GORNE

IRVING

ARVING

ITAMM

STAMM

JANZ

ZANZ

JÖNSSON

JOHNSON, JANSEN, JEUSEU, JEANSSON

JONSCHER

JONKER

KABITSCHKE

HABITSCHKE

KALCKMANN

KALKMBNN

KASANS

KERENS

KAUFMANN

HORMANN

KEIKE

CHECCI

KEINCK

KLENK

KENDRICK

KENDRICH

KÖRBEL

HOERBEL

KESDA

KESCBER

KETZLER

KÜSTEL, KÄTZEL

KÜBNER

HÜBNER

KILKE

KEIK

KUNZELMANN

KANZELMANN, HULZEMANN

KLAUS

KLASS, KLAY

KLEINSK

KANK, KLENK

KLINGENFUSS

KENGENFUS, KLÜN

KLIPAM

KLIPARRE

KLÜPPEL

KERPER

KLOCK

KOCK

KNAH

KNOL, NOLLE

KNAPPE

SCHINAP

KNOP

KINTOP

KOCH

KOSK

KOECH

KERCH

KOERBEL

HOERBEL

KONTLATCH

COWDELATCH

KOPPE

HOPPE, KAP

KORMANN

KROMMA

KOST

COSTA

KRAUSER

KRAUZ

KREIFSMANN

KEISMANN

KUHL

KIEL, KELLA

KURSCHEIDT

KURCET, KRUCHIEL

KUTZKE

RUTZKE

KUWANSKI

KWASINSKY

KYBN

KLEIN

LAISSEN

LASS

LAMBACH

LEMBERG

LANGER

LONGREN, LONG-, LANGMANN



LANTMANN

SATMANN

LAUER

SAUER

LEINART

LEONARD, LENERT, LAINERT, LÖENERT,  
LONNART

LEINER

LESER

LEINIG

HENNING

LEITNER

LAITNER

LIEGEL

RIEGEL

LINDNER

LINDEPER, LENDER

LINZINGEN

LINKING

MARQUART

MARBOT

MASORECK

NASORECK

MEHL

MICHEL

MEISTER

MAERTER

MELDESPERBER

MICHEBER

MESMAO

MOSMANT

METERGEM

METZKER, MOTZIER, METESGEM

MEYER

MAYER

MIELKE

MILTE

MÜHLMANN

MICHLMANN

MÜLLER

MUELLER

MILTEMBERGER

MILLEMBERGER, MEIDBERGER

MINEIF

MINAIF

MORGENSTERN

MORGENTE

MUKE

MEYNG

MUSSEMAN

MOSIMANN

NANCH

NAUCH, RAUCK

NEMITZ

MENITZ, NIEMIETZ, NEMETZ, LEMETZ

NEUMANN

NOIMANN

NEURANTER

NOIRANTES

NIERSEN

ANDERSEN

NILCHA

NIXTER, NITIHE

NITCHE

NIERE, VECHE, NIXE, NITZ, NITCHO,  
TUITSCH, NITSE, NITSCH

NODAN

VODAN

OBLADEM

OPLADEM

OHLSON

OLSEN, ULSEN

OPPITZ

APPITZ

PABST

PALZT

PALLEI

BALLE

PAUL

GAUL

PETERCEN

MARTINS

PLETZCHOW

PLETZROW

PLUNER

BLONER, PRUNER

PLUSIK

PLIRSK, PLUSEK, PLUCHEG

POWILEIT

PAWILLEIT

PRINCIPE

PRINSK

PROCHMANN

PROHNER, PROCHNO, TROCHMANN, PROK

PROI

BROI, BRAÜ, PRECY, PREU

RANCH

RAUCKE, REINA? RUCK

RASMUSSEN

ROSMASSEN

RATEK

DUDEK, RATTEK, BERTHOLD

RATTMANN

ROLTUMANN

RATZKI

ROTEKE

RÖCHRIG

REN

REISNER

REMER

RESSMANN

RISSMANN

RICHTER

RICHTA, RISTA

ROCKEMBAUER

ROGGEMBAEU, ROCHEBAUER,  
ROCKUMBAU

ROMFELD

ROMFILT

ROSSENAN

ROSSNAN

ROSIER

ROSSA

SAVERBIER

SUHRBIER

SCHAIBEN

SCHEBBER

SCHARGIPE

SCHEBENE

SCHEIBE

SCHREINER

SCHELLA

HELK

SCHÖNFELTD

CHAMSENT, SCHONFERT

SCHÖNKE

SINKE, SCHINSKE

SCHERMANN

SERMANN, SELMANN

SCHILEPACK

SCHLEPECK

SCHILING

SEELING

SCHINEMANN

SCHILMANN

SCHINZEL

SCHUMMZEL

SCHÜTZEMBERGER	SCHECHEMBERGER
SCHLEDER	SCHRROEDER, SCHEUBER
SCHNEKENBERGER	SCHEKEMBERGER
SCHMIDLIN	SCHMITLENS
SCHOEMBERG	CHUMBERG
SCHONFELTER	CHANFELD, CHEMFERT, SCHOCOFETH
SCHRÜCHTE	CHITREZ, CHE RETZKE
SCHRIEKTE	SCHERICHTER, SCHRIKTE, SCHIRT, SCHIEITE, SCHERENKE, SCHERISTER
SCHULTZ	SCHUTTER, SCHOLZ
SCHUMACHER	SHUMHAUER
SCHURTSCHWANTHOLLER	TSCHUSTSCHENTHAL
SCHUST	SAUST, JUST, XUST
SCHWAIDOST	SCHNAIDER
SCHWARSBACH	SCHUTZBACH
SCHWING	SCHING, SCHEVING
SEMMERMAYER	LEMMERMAYER
SENGER	SENER, SANGER, SAENGER
SEWALD	SEBELD

STELMANN	STRADEMANN, STALLEMANN, STALDEMANN
STIER	HISTIN
STONE	STORRER
STORREK	SPORREK
STRAUS	STAM
SUCKOW	LUCKOW
TANNER	TANNA, FAUNER
TEINEL	TEING
TESCH	TESSE, TESCKY, CESKY
TIEB	TID, TILES, FILLER
TILLE	PILLE
THIELE	CHIELE
TORKELSON	BERNARDSON
TRINCKEL	TRENKEL, FRINCKEL, TRINKEL, TRINZIKEL
TRIDEN	FREDE
TXÖPP	TSCHIP
WACHTER	WEICHTER, WOHETER

WEBER

VALENTE

WEIGERT

WANGART, WAIGERI

WELNER

WERNER, WALNER, WOELNER, WILNNER

VENBRE

NEUTER, VEUTH, WENTH, NEUTER

WENDLER

WENDELER, WONDLER

WENISCH

WEMCH

WERNECK

WARNER, CHERNET

WESCHER

WELCHER, WECKER

WIESKRÖFER

WESERKÖFER

WINGERT

WINKERT

WIPPEL

WEPPER

WISNIEWSKY

VIENHECKEY

WOCHE

ROSS

WOLF

WALT

WURM

WORM

ZIMMER

CYNER, SIMMER

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERSHEIM, Úrsula. **Uma comunidade teuto-brasileira: Jarim**. Rio de Janeiro : CBPE, INEP, MEC, 1962.

ALMANACH PARANAENSE. Curitiba, 1906.

ANDERSON, Michael. **Elementos para história da família ocidental: 1500-1914**, Querco, 1984.

ANDREAZZA, M. L.; NADALIN, S. O. **Imigração e sociedade**. Curitiba, 1994, (Inédito).

ARQUIVO DA COMUNIDADE LUTERANA DE CURITIBA. **Registros de Batismo: 1866-1921**. Curitiba.

\_\_\_\_\_. **Registros de Casamentos: 1850-1939**.

\_\_\_\_\_. **Registros de Óbitos: 1866-1939**.

ARQUIVO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA LUZ DE CURITIBA. **Registros de Batismo: 1850-1921**. Curitiba.

\_\_\_\_\_. **Registros de Casamentos: 1850-1939**.

\_\_\_\_\_. **Registros de Óbitos: 1850-1962**.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro : Zahar, 1981.

ARMENGAUD, André. **La famille et l' enfant: en France et en Angleterre du XVI e XVIII siècle; aspects démographiques**. Paris : Société d' Édition d' Enseignement Supérieur, 1975.

AULICH, Werner. **O Paraná e os alemães: estudo caracteriológico sobre os imigrantes germânicos**. Curitiba : Comissão de Festas do Grupo Étnico Germânico do Paraná, 1953.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo; 1858**. Belo Horizonte : Itatiaia, 1980.

BAHLOW, Hans. **Deutsches Namemlexikon; Familien und Vornamen nach Ursprung und Sinn erklärt**. Frankfurt : Suhrkamp, 1972.



BALHANA, Altiva P.; PINHEIRO MACHADO, Brasil: WESTPHALEN, Cecília Maria. Paraná tradicional. In: EL KATIB, Faissal, (org.); **História do Paraná**. Curitiba : Grafipar, p.60-212. 1969.

\_\_\_\_\_. A evolução demográfica de Curitiba no século XIX. **Boletim da Universidade Federal do Paraná**, Departamento de História, Curitiba, v.15, p. 5-19, 1972.

\_\_\_\_\_. **Famílias coloniais: fecundidade e descendência**. Curitiba, 1977. Tese, Cátedra, Universidade Federal do Paraná.

\_\_\_\_\_.; NADALIN, S.O. Análise do ciclo vital a partir da reconstituição de famílias: estudo em Demografia Histórica. **II ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, São Paulo, 1980.

\_\_\_\_\_. et al. A pesquisa em demografia histórica na Universidade do Paraná. **ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS 3.**, Vitória, 1982.

BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. **Idéias em confronto**. Curitiba: Grafipar, 1981.

BARTH, Frederik. **Ethnic groups and boundaries**. London : George Allens and Unwin, 1969.

BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beozzo. Padrões de casamento em uma comunidade em mudança: 1870-1990. **VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, São Paulo, p. 273-294, 1992.

BEOZZO, José O. A Igreja entre a Revolução de 1930: o Estado Novo e a redemocratização. In: **Historia Geral da Civilização Brasileira**. O Brasil Republicano: 1930-1964 t.III, São Paulo : Difel, 1984.

BERGER, Manfredo. A função da igreja no processo de aculturação dos teuto-brasileiros. **Colóquios de teuto-brasileiros**, Recife, 1974.

BERGUES, Hélène et al. **La prévention des naissances dans la famille: ses origines dans les temps modernes**. Paris : Presses Universitaires de France, 1960.

BERKNER, L.K. **Rural family organization in Europe: a problem in comparative history**. Peasant Studies Newsleiter, I, 1972.

BIDEAU, Alain. (coord.); **SYGAP: Système de gestion e d' analyse de population**. Programme Rhône-Alpes : Bosc Frere, 1991.

- \_\_\_\_\_.; NADALIN, Sérgio O. Étude de la fécondité d'une communauté évangélique luthérienne à Curitiba (Brésil) de 1866 a 1939. **Population**, Paris, v.43, n.6, p. 1035-64, Nov : dez, 1988.
- \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. Histórias de vida e análise demográfica da fecundidade: abordagens complementares para uma história de comportamento social. In: NADALIN, S.O., MARCILIO, M.L., & BALHANA, A.P., **História e População**; estudos sobre a América Latina. São Paulo : Fund. SEADE, p. 131-41, 1990.
- \_\_\_\_\_.; NADALIN, Sérgio O. Processos demográficos e fecundidade: notas preliminares para um estudo comparado: 1866-1939. **VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Brasília, p. 265-272, 1992.
- \_\_\_\_\_.; NADALIN, Sérgio. Familles stables et familles mobiles une nouvelle approche de la fécondité différentielle l'exemple de la communauté évangélique luthérienne de Curitiba entre 1866 et 1939. **El Poblamiento de las Américas**, Veracruz, 1992. v.2.
- BOURDIEU, Pierre. **Les rites comme acteurs d' institution**. Actes de la Recherche en sciences sociales, 43, juin, p.30-63, 1982.
- BREPOHL DE MAGALHÃES. M. D. **Alemanha, mãe-pátria distante: utopia pangermanista no sul do Brasil**. Campinas, 1993. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- BURGUIERE, André. A demografia. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. (Dir.); **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro : Francisco Alves, p. 59-82, 1976.
- BURMESTER, Ana Maria. **Population de Curitiba au XVIII siècle**. Montreal, 1981. Tese de Doutorado.
- CAES, André Luiz. A Igreja Católica no Brasil: as estratégias da reestruturação, 1890-1934. **Caderno de História Social**, Campinas, n.1, p.21-33, 1995.
- CAMARANO, Ana A. História dos nascimentos: vantagens e desvantagens (análise dos dados coletados pela PNAD 1984). **VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, São Paulo, v. 1, p. 119-138, 1992.
- CAMARGO, Cândido P. F. et al. **Católicos, protestantes, espíritas**. Rio de Janeiro : Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_. A dinâmica populacional como processo histórico-social. In: SANTOS, J. L. F. et al., (org.): **Dinâmica da população, teoria métodos e técnicas de análise**. São Paulo : Quatro, 1980. p.12-18.

- CAMPANHOLE, A. ; CAMPANHOLE, H. L. **Todas as constituições do Brasil.** São Paulo, : Atlas, 1978.
- CARDOSO, Jayme Antonio ; NADALIN, Sergio O. Os meses e os dias de casamento no Paraná; séculos XVIII, XIX e XX. **História: Questões & Debates**, Curitiba, Ano 3 n. 5, p. 105-130. 1982.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social.** São Paulo, : Pioneira, 1976.
- CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO. Art. 163, p. 96, 1916.
- COHEN, A. **Urban ethnicity.** London : Tavistock, 1974.
- COLLEÇÃO DAS LEIS DO IMPÉRIO DO BRASIL de 1861. Rio de Janeiro, Typografia Nacional, T. XXXI, p. 21-22, 1862.
- COSTA, Iraci del N. A estrutura familiar e domiciliária em Vila Rica no alvorecer do século XIX. **REVISTA DO IEB** 19, 1977.
- COSTA, Iraci; SAMARA, Eni M. **Demografia Histórica -Bibliografia Histórica.** São Paulo : PE USP, 1984.
- CUNHA, Jorge Luiz da. **Os colonos alemães de Santa Cruz e a fumicultura:1849-1881.** Curitiba, 1988. Tese de Mestrado, Universidade Federal do Paraná.
- CUNHA, Manuela Carneiro. Etnicidade: da cultura residual mas irredutível. **Revista da Cultura & Política**, Rio de Janeiro, 1 n. 1 : p. .35-39, 1979.
- DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil; 1850.** São Paulo : Martins, 1951.
- DIAS, Maria Odila S. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX.** São Paulo : Brasiliense, 1984.
- DREHER, Martin. **Igreja e germanidade.** Porto Alegre : Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. 1984.
- DUPAQUIER, Jacques. **Introduction à la démographie historique.** Paris : Gama, 1974.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** Rio de Janeiro : Palins, 1991.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro : Zahar, 1994.

- FEDALTO, D. Pedro. **A arquidiocese de Curitiba na sua história.** Curitiba : [s.n.], 1958.
- FIGUEIREDO, Aureo P. Pessoas que falam no lar uma língua estrangeira, no Brasil. ESTUDOS DE ESTATÍSTICA TEÓRICA E APLICADA, IBGE, Estatística Demográfica nº2, Rio de Janeiro, 1959.
- FLANDRIN, Jean L. **Famílias: parentesco, casa, sexualidade nas sociedade antiga.** Lisboa : Estampa, 1992.
- FLEURY, Michel ; HENRY, Louis. **Nouveau manuel de dépoulement et d'exploitation de l' état civil ancien.** Paris : Institut National d' Études Demographiques, 1965.
- FOUQUET, Carlos. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808, 1824,1974.** São Paulo : Instituto Hans Staden, 1974.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala.** Rio de Janeiro : José Olympio, 1981.
- FUGMANN, Wilhelm. **Die Deutschen in Paraná.** Curytiba : Oliveiro, 1929.
- GOODE, William J. **A família.** São Paulo : Pioneira, 1970.
- GOODY, Jack. **The development of the family and marriage in Europe.** Cambridge : Cambrige Univesity Press, 1983.
- HAREVEN, Tamara K. Tempo da família e tempo histórico. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v.5 n. 8, p. 3-26, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Transition: the family and the Life Course in Historical Perspective.** 1978.
- HELIN, Etienne. **La prévention de naissances dans la famille.** Paris : 1960.
- HENRY, Louis. **Démographie: analyse et modèles.** Paris : Droz, 1972.
- \_\_\_\_\_. **Manuel de démographie historique.** Paris : Droz, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Técnicas de análise em demografia histórica.** Curitiba : Universidade Federal do Paraná, 1977.
- HIMES, Norman. **Medical History of contraception.** Baltimore : The Williams and Wilkins Company, 1936.
- IMHOF, Arthur E. Demografia histórica, **A nova historiografia alemã.** NEVES, Abílio Baeta ; GERTZ, René. (Coord.); Porto Alegre, p. 91-115, 1987.

- LASLLET, Peter. **Household and family in past time**. Cambridge : University Cambridge Press, 1972.
- LUZ, Regina M. **A modernização da sociedade no discurso do empresariado paranaense: 1890-1925**. Curitiba, 1992. Tese de Mestrado, UFPR.
- MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor: Inglaterra: 1300-1840**. São Paulo : Companhia da Letras, 1990.
- MADEIRA, Felícia R. Nupcialidade. In: SANTOS, Jair L. F. (org.); et al., **Dinâmica da População: teoria, métodos e técnicas de análise**. São Paulo : T. A. Queiroz, p. 160-183. 1980.
- MARCHI, Euclides. Uma Igreja no Estado livre: o discurso da hierarquia católica sobre a República. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v10, p: 213-259, jun./dez. 1989.
- MARCÍLIO, Maria L. **A cidade de São Paulo**. São Paulo : Pioneira, 1974.
- MARTINS, Romário. **Quantos somos e quem somos**. Curitiba : Gráfica Paranaense, 1941.
- MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná**. São Paulo : Editora Anhembi, 1955.
- MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil S.A., 1988.
- MOYA, Salvador ; FOUQUET, Carlos. **Famílias brasileiras de origem germânica: subsídios genalógicos**. São Paulo : Instituto Hans Staden, 1965.
- NADALIN, Sérgio O. **Clube Concórdia**. Curitiba : Universidade Federal do Paraná, 1972. (mimeografado)
- \_\_\_\_\_. **A origem dos noivos nos registros de casamentos da comunidade evangélica luterana de Curitiba: 1870-1969**. Curitiba, 1974. Dissertação de Mestrado, UFPR.
- \_\_\_\_\_. **Os alemães no Paraná e a comunidade evangélica luterana de Curitiba**. Curitiba, 1979. (mimeografado)
- \_\_\_\_\_. **Une paroisse d' origine germanique ao Brésil: a communauté evangelique lutherienne a Curitiba entre 1866 et 1969**. Paris, 1978. Tese de Doutorado. Ecóle des Hautes Études en Sciences Sociales.

\_\_\_\_\_. **A colonização alemã e os luteranos em Curitiba. I Ciclo do Pensamento Curitibano**, Curitiba, 1984.

\_\_\_\_\_. Sexualidade, casamento e reprodução. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, São Paulo, v.5, n.2, p. 63-91, jul. : dez. 1988.

\_\_\_\_\_. **A demografia numa perspectiva histórica**. Belo Horizonte : ABEP, 1994.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia Paraenense**. Curitiba : Impressora Paranaense, 1950.

NERSON, Roger. (dir.); **Mariage et famille en question: l' évolution contemporaine du droit français**. Lyon : CNRS, 1978.

NYEMAYER, Ernesto. Os alemães no Paraná: esboço histórico. **Os alemães nos Estados do Paraná e de Santa Catarina**; em comemoração ao 1º Centenário de sua entrada nesses Estados do Sul do Brasil: 1829-1929. Curitiba, p. 25-128, [19--].

PADIS, Pedro Calil. **Formação de um economia periférica: o caso paranaense**. São Paulo, 1970. Tese de Doutorado, USP.

PARANÁ. Presidente da Província : (1881: Pedrosa). Relatório do presidente da Província do Paraná Dr: José Pedrosa na Assembléia Legislativa Provincial em 16 de janeiro de 1881. Curytiba : Typ. Lopes, 1881.

PARANÁ. Presidente da Província : (1871) Relatório do presidente da Província do Paraná Dr: José Pedrosa na Assembléia Legislativa Provincial em 1871. Curytiba : Typ. Lopes, 1871.

PASTORAL COLLECTIVA dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias ecclesiasticas de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Marianna, S. Paulo, Cuyabá e Porto Alegre. Rio de Janeiro : Typ. Martins, 1915.

PERROT, Michelle. **Enquêtes sur la condition ouvrière en France au XIX siècle**. Paris: Microédition, Hachette, 1973.

PIERUCCI, Antônio F. de O. **Igreja: contradições e acomodação**; ideologia do clero católico sobre a reprodução humana no Brasil. São Paulo : Difel, t.3, v.2, p. 95-153. 1978.

POSTER, Mark. **Teoria crítica da família**. Rio de Janeiro : Zahar, 1979.

RANZI, Serlei M. F. **Alemães católicos de Curitiba: aspectos sociodemográficos - 1850-1919**. Curitiba, 1983, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888 aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil.** São Paulo : Pioneira, 1973.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul.** Porto Alegre : Globo, 1969.

SAMARA, Eni Mesquita. **A família na sociedade paulista do século XIX.** São Paulo, 1979. Tese de Doutorado, FFLCH USP

\_\_\_\_\_. A família no Brasil: Balanço da produção e rumos da pesquisa. **V Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, São Paulo, v.1, p. 167-192, 1986.

SCHADEN, Egon. O estudo sócio-antropológico da aculturação dos alemães no Brasil. **Colóquios de Estudos Teuto-Brasileiros**, 2. Recife, p.153-69, 1974.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no vale do Itajaí Mirim; um estudo do desenvolvimento econômico.** Porto Alegre : Movimento, 1974.

\_\_\_\_\_. **Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico Teuto-Brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí.** Florianópolis : F.C.C., 1981.

\_\_\_\_\_. A representação do trabalho alemão na ideologia étnica teuto-brasileira. **Boletim Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n.37, 1982.

\_\_\_\_\_. Imigração, colonização e identidade étnica; notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem européia no sul do Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, n.29, 1986.

\_\_\_\_\_. Imigração e colonização alemã no Brasil: uma Revisão Bibliográfica. **BIB**, Rio de Janeiro, n.25, 1988.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público.** São Paulo : Companhia da Letras, 1989.

SHORTER, Edward. **Naissance de la famille moderne: XVIII/XX siècle.** Paris : Seuil, 1975.

SILVA, Maria B. N. da. **Sistemas de casamento no Brasil colonial.** São Paulo : T. A. Queirós, Edusp, 1984.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre e Recife.** São Paulo : Cia Editora Nacional, 1968.

SOARES, Neusa R. R. **A dinâmica da integração alemã em São Lourenço do Sul:** a partir de registros paroquiais, 1861-1930. Curitiba, 1982. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

SOLÉ, Jacques. **L' amour en occident:** a l' époque moderne. Bruxelles : 1984.

STATISTIQUE Internationale du Mouvement de la Population d' après les registres d' État Civil. Résumé Rétrospectif depuis l' origine des statistiques de l' etat civil jusqu' en 1905. Paris: Ministère du Travail et de la Prévoyance Sociale/Imprimerie Nationale, 1907.

STONE, Lawrence. **Familia, sexo y matrimonio en Inglaterra 1500-1800.** México : Fondo de Cultura Económica, 1989.

STROBEL, Hermann. **Relatos de um pioneiro da imigração alemã.** Curitiba : Editora Litero-Técnica, Estante Paranista 27, s.d.

TRINDADE, Maria E. de Castro. **Clotildes ou Marias:** mulheres de Curitiba na Primeira República. São Paulo, 1992 Tese de Doutorado, USP.

VALE, Marília Souza do. **Nupcialidade e fecundidade das famílias da Lapa:** 1770-1829. São Paulo, 1983. Tese de Doutorado, USP.

VIANA, Oliveira. **A evolução do povo brasileiro:** 1883-1951. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1933.

WACHOWICZ, Ruy. **Abranches:** um estudo da história demográfica. Curitiba : Vicentina, 1976.

WANKE, Eno Teodoro. **A saga dos imigrantes:** memórias. Rio de Janeiro : Plaquete, 1993.

WEIGERT, L. Entrevista concedida a Serlei Maria Fischer Ranzi, Curitiba, 1995.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil:** estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1980.

\_\_\_\_\_. **Assimilação e populações marginais no Brasil:** estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1940.